

REVISTA EDIÇÃO Nº 116 | FEVEREIRO DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS

ISSN 2448-1068

ESPECIAL

OSCAR WILDE

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA

Distribuição Gratuita



SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.



oscar wilde - ilustração

6

OSCAR WILDE

Embora sendo escritor e dramaturgo de sucesso, o auge veio em 1892, destacando-se também como escritor de contos [...] Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Índice

- Expediente, pág. 02
Editorial, pág. 04
Oscar Wilde, pág. 06
Poema: Velas que se apagam, por Sellma Luanny, pág. 09
Poetas (os queridinhos dos deuses), por Clarissa Machado, pág. 12
A eternidade em azul, por Rafael Botter, pág. 21
Dicas para leitura, pág. 24
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 25
Túneis, por Valério Maronni, pág. 29
Poema: Tela do ocaso, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 34
Poemas de Sílvia Grijó, pág. 36
Alcácer, por Flavio Joppert, pág. 40
Entrevista com Antônio Cândido, pág. 45
Entrevista com A. A. A. Fernandes, pág. 51
Entrevista com Beatriz Valle, pág. 56
Entrevista com Eduardo Costa, pág. 61
Entrevista com Janete Santos Silva, pág. 66
Entrevista com Lucelia L. Santos, pág. 71
Entrevista com Luiz Carlos Freitas, pág. 75
Entrevista com Margareth Bruno, pág. 80
Entrevista com Miriam Santos, pág. 85
Entrevista com Roberto Luiz Bob, pág. 88
Citações de grandes autores, pág. 92
Conto: A travessia, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 96
Conto: O aniversariante, por Idicampos, pág. 102
Conto: A infância roubada, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 107
Conto: Dualidade, por Mí Santiago, pág. 112
Conto: Um enigma..., por Mônica Palácios, pág. 116
Conto: Apenas uma história de fantasmas, por Ney Alencar, pág. 119
Conto: A história de Amina - Continuação - Amina na Guerra, por Sellma Luanny, pág. 125
Conto: Salgadinho gritador, por Roberto Schima, pág. 130
Conto: Prepare-se para a solidão, por Simone Bastos Paiva, pág. 138
Baixe as edições anteriores, pág. 142
Passatempo literário, pág. 144
Mídia Kit, pág. 146
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 147

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a),

Nossa edição de fevereiro acaba de sair do forno e destaca um dos grandes escritores que o mundo já conheceu: Oscar Wilde. Conheça um pouco mais da sua trajetória nas próximas páginas da revista.

O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos para os apaixonados por livros.



Saiba mais!

Para saber como participar da nossa edição de março/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Desejo uma ótima leitura!

Ademir Pascale
Editor-Chefe
E-mail: ademirpascale@gmail.com

Revista Conexão Literatura



“Há coisas que são
preciosas por não
durarem.”

O Retrato de Dorian
Gray, de Oscar Wilde

Oscar Wilde

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - FEVEREIRO/2025

POR ADEMIR PASCALE

"Excelente estudante das línguas e literaturas, o sucesso literário surgiu rapidamente [...]"

Embora sendo escritor e dramaturgo de sucesso, o auge veio em 1892, destacando-se também como escritor de contos

Oscar Wilde (Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde), nasceu em Dublin, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, no dia 16 de outubro de 1854. Muitos o conhecem apenas como escritor (um dos principais e mais conhecidos escritores do mundo), mas na realidade Wilde foi também dramaturgo.

Excelente estudante das línguas e literaturas, o sucesso literário surgiu rapidamente e em 1878 ganhou o famoso prêmio "Newdigate", com o poema "Ravenna", dando ainda mais inspiração a continuar na carreira literária. Com uma vida regada a extravagâncias, em 1883 casou-se com Constance Lloyd, moça refinada e de família rica. O casal teve dois filhos.

Embora sendo escritor e dramaturgo de sucesso, o auge veio em 1892, destacando-se também como escritor de contos, tendo produzido "O Príncipe Feliz", "O Rouxinol e a Rosa" e "O crime de Lord Artur Saville". No Brasil Wilde é conhecido pelo seu único romance escrito intitulado "O retrato de Dorian Gray", adaptado também para o cinema.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Oscar Wilde

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Rico e bem-sucedido, Wilde passou a ter atitudes excessivamente excêntricas. Mas em 1895, veio o declínio do escritor. Foi julgado e condenado por cometer atos imorais com vários rapazes, ou em outras palavras, foi condenado por ser homossexual, sendo denunciado pelo Marquês de Queensberry, pai de Bosie (Lorde Alfred Douglas), do qual Wilde foi amante.

O escritor passou dois anos na prisão. Sua produção literária caiu drasticamente e a sua saúde foi comprometida devido aos trabalhos forçados que foi imposto a fazer diariamente. Wilde viu seu mundo de festas e riquezas desabar e quando foi libertado, mudou até no modo de se vestir, indo morar num casebre de dois cômodos. Desiludido, Wilde passou a beber e poucos anos depois de ter saído da prisão, faleceu de um ataque de meningite, agravado pelo álcool e pela sífilis.

O mundo perdeu um dos seus principais escritores no dia 30 de novembro de 1900. Seus restos mortais estão numa tumba que foi produzida pelo escultor Sir Jaob Epstein, no Cemitério de Père Lachaise.

“O motivo pelo qual não exponho este retrato é porque tenho medo de ter revelado nele o segredo da minha alma.”

- O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde



INTERESSANTE:

A primeira versão de "O Retrato de Dorian Gray" foi publicada no Lippincott's Monthly Magazine, em 1890.



Visite o site Oscar Wilde House:
oscarwildehouse.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Conheça as realizações da
CASA BRASILEIRA DE LIVROS

Maiores concursos literários do Brasil:



MicroConto de Ouro



PENA DE OURO

Edições de novos livros para o mercado brasileiro:



Patrocinadora de iniciativas literárias:

— revista —
conexão
LITERATURA

Concursos Literários



Saiba mais em:

www.casabrasileiradelivros.com

Velas Que Se Apagam...

Por Sellma Luanny



*As velas sendo apagadas...
As famílias se diluindo... Os amigos
às origens, retornando... E nas
suas casas se fechando. E agora?*

*Uma certa melancolia...
mesmo uma leve tristeza...
um inexplicável vácuo, até.
Fins de festas... aceita-se... mas...*

*como já se pediu numa canção:
"Natal o ano inteiro"(?)...
e o menino, todos os dias?...
Simbolicamente, é claro!*

*Sim! No espírito que em paz,
fraternidade e amor, se revela...
vingar poderia... quem sabe?!
Todos os dias... do ano todo.*

Sobre a autora: Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Revista Conexão Literatura

A Hora da Estrela Clarice Lispector



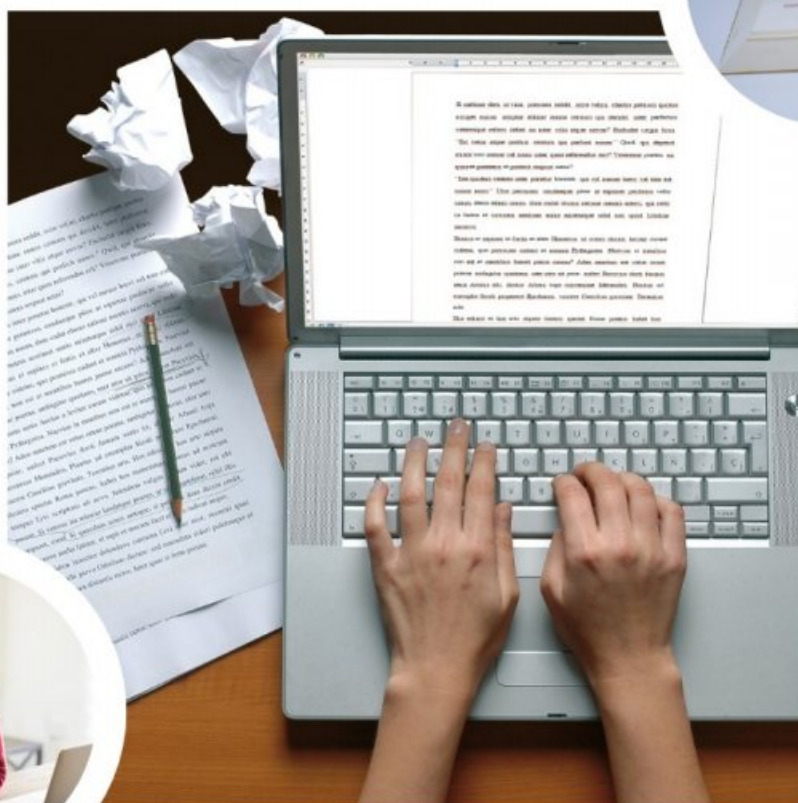
“Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas, nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.”

Clarice Lispector A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org
www.revistaconexaoliteratura.com.br

POETAS

[OS QUERIDINHOS DOS DEUSES]

Por Clarissa Machado



SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

[VERSO LIVRE]

“Lá vem o poeta com sua coroa de louros” - afirma uma canção brasileira que também anuncia que: “o poeta é a pimenta malagueta do planeta”. Se você, meu ilustre amigo, nunca ouviu essa canção ou achou tudo muito esquisito, aí vai um *spoiler*: o poeta, é um tipo e tanto...

[SURREALISTA]

O poeta tem uma reputação a zelar, qual seja, viver nas nuvens, além do bem e do mal, acima do Olimpo, no mundo da lua ou até mesmo em *uma dobra do tempo*. Bem... Na verdade, o lugar não importa tanto, já que ele, ao longo da História, tem lugar cativo.

[ÉPICO]

Conta uma lenda que as ninfas, filhas de Zeus, por vibrarem amor e força criativa, sussurram toda a sorte de arte poética a seres humanos específicos que, ao longo dos séculos, receberam várias denominações tais como aedo, bardo, jogral, menestrel, rapsodo, vate, escaldo e trovador, ainda que, no final das contas, todos esses vocábulos tenham sido resumidos em apenas um: poeta.

[ODE]

Se você pensou “o poeta, então, é um ser que escuta vozes do além”, acertou! Os poetas são seres mortais capazes de compor versos a partir de clariaudiência e recitá-los imprimindo uma emoção única. Não é, portanto, de se estranhar que o poeta, na Grécia Antiga, fosse considerado um ser sagrado, dotado de um dom celestial.

*Curiosamente é possível que seja eu
Criatura atraentemente esdrúxula
Envolta por pequenas tragédias milagrosas
Contando mistérios como quem conta penas.*

*Há uma historiola oculta em tudo o que vejo
E até mesmo no que não vejo
Quando imagino, tudo faz sentido
Mesmo que invisível.*

*Ainda, existe um aglomerado de cogitações críveis
Nenhuma científica, nenhuma fidedigna
Apenas um conjunto de hipóteses
Que se acumulam em meu cérebro.*

*E há, além disso, o que meu coração estranha
Os recortes desconhecidos da vida cotidiana
Já que me indigna ver que coisas impossíveis
Não sejam pensadas.*

*E eu passo a tecer um tapete de ponderações
Que simplesmente não têm respostas
Não obstante, não cesso este ofício
Porque à minha porta essa tecelagem
Muito importa.*

*Um tipo como eu
Por aí... Seguindo discreto no meio do mundo
Esperando que todos sejam capazes
De um bordado de apreços.*

*Um tipo com uma arte tão comum
Poderia muito bem tricotar a história de qualquer um
Mas é particularmente conveniente observar como às vezes
Linhas se embaraçam e romãs se enrolam.*

*É aí que a um tipo como eu basta
Acolchoar as melhores ideias
Dentro de um travesseiro de pena de ganso
E dormir só para traduzir -*

*As palavras dos deuses
E as vozes das musas.*

[ARQUETÍPICO]

Então é isso. O poeta é um *cálice sagrado* onde imortais depositam seus desenhos melódicos, aquela infinidade de prosódias com os mais distintos tons, entonações, acentos, ritmos, timbres, rimas e memórias. Porque só ele, o poeta, vê e escuta mais, só ele cria e transforma além da imaginação, e, desta maneira, conecta mundos e cria laços de amor. E assim, o poeta incorpora um arquétipo em si mesmo; razão pela qual, no imaginário coletivo, o termo “poeta” é utilizado como um sinônimo para o arquétipo do **apaixonado**.

[LIMERIQUE]

E a pimenta? - Aliás, não qualquer pimenta, a malagueta - é ou não é o poeta *a pimenta malagueta do planeta*? Ora, o mundo precisa de um mensageiro, de um porta-voz, alguém que seja a voz dos que não têm voz ou dos que tiveram suas vozes silenciadas, e, por fim, a voz de todos os que nos precederam e merecem a imortalidade. Sob esta perspectiva, o poeta é tanto um **magô**, por recriar mundos passados, quanto um **sonhador**, por projetar universos futuros. Ambas ações executa com maestria, dosando ternura e ironia.

[NONSENSE]

Por colocar o dedo em tantas feridas, o poeta pode ser, e geralmente é, ardido como uma pimenta. Caro amigo, nunca se deixe enganar pela aparente doçura do poeta. Sua obra nunca é óbvia. Poetas se divertem com loucuras, adoram misturar realidade com fantasia, haicai com aldravia e até poesia com dramaturgia...

vanguarda

vã,

na vida

chã

vão-se os anéis

ficam os dedos

apontados para todos

e que voltam

lei do retorno e

*da compensação
vem fácil
vai fácil*

*fácil...
quem não é
fácil de entender
atende por um único nome*

*Alguns dizem
louco
e, por muito pouco,
não acertam*

*é muita loucura,
a do poeta,
ser assim
meio mago e meio criador.*

*um apaixonado
um sonhador
um trickster
um cara comum...*

*escuta vozes e não tem vergonha
tem visões e não se importa
a palavra é sua casa
e a voz é a sua vida.*

[ENTRAM APOLO E CALÍOPE]

Ah, o poeta... Aquele que vem com uma pena atrás da orelha. Todo romântico e hiperbólico. Um eterno *Bardo de Avon*, um Shakespeare moderno que passa os dias recitando, cantando e contando histórias. Ah, a poeta... Surge em seus trajes de *juglarsa*. E todos olham com desconfiança. *Por que ela está aqui?* Ela não deveria denominar-se poetisa? Sappho... Ela ficaria muito melhor restrita -

[SOAM MADRIGAIS]

*a musa
confunde -
inspira ou é
inspiração?*

*se ela inspira é
musa, porém uma musa
pode muito bem
se metamorfosear
a qualquer tempo e*

*se tornar
poeta e, então,
por culpa de Platão
será chamada de...*

“A Décima Musa”.

[POETRY SLAM]

[ENTRAM EM CENA: BAUCIS E PHILEMON, ORFEU E EURÍDICE]

Por mais estranho que possa parecer, dois poetas podem trocar juras de amor, em versos brancos ou de qualquer outra cor. *Quando o amor chega*, é isso o que acontece...

[TWO-VOICE POETRY]

[EIS QUE SURGEM OUTROS DEUSES: BRAGI E IDUNNA]

Assim como duas cabeças pensam melhor do que uma, duas vozes ressoam mais do que uma. Aplausos de Asgard! *Hyggelig! Hyggelig! Hyggelig!*

*ei, os dois escaldos aí,
eu escolho vocês!
A. Odin.*

Viu? Os poetas são os queridinhos dos deuses! Do Olimpo à Asgard, eles são lendários!

**[REPERCUTEM AS RUNAS CELESTIAIS NA VALHALLA]
[FINALMENTE OS ESCOLHIDOS BEBEM GOLES DO HIDROMEL DA
POESIA]**

Cantemos todos, pois é hora das cantigas de amor! Viva a poesia que está em todas as partes e que graças aos poetas nunca há de perecer! *Skål! Bragarfull!*

[GRAND FINALE]

E tudo termina em... poesia, claro! É, eu sei. Você ia dizer pizza. Tudo bem, eu te perdo. Nós, poetas, perdoamos sempre porque *já fomos ao inferno e voltamos* - lembra da canção? Mas, a verdade é que, meu nobre amigo, tudo sempre termina em poesia. Ou deveria terminar... Para que o mundo continue a ser um mundo...

(APERTE A TECLA SAP)

“... todos aqueles que forem escolhidos para beber deste vinho serão transformados, pois esta bebida lhes conferirá o poder da magia que nada mais é que o dom da poesia...” (Lenda Nórdica. O Vinho da Poesia. Parte Final.)

“...porque o poeta é um ser alado, ligeiro e sagrado...” (Platão. Íon. Diálogos. 535a2.)

~ OPA! ~



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POESIAS AO VENTO

VOL. XI

E-BOOK

Ademir Pascale
Organizador

Poesias ao Vento

Vol. XI

saiba mais: clique aqui



**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

Por Rafael Botter

A ETERNIDADE EM AZUL.



Se existe uma coisa que resiste ao tempo, é a simplicidade de uma caneta Bic azul. Lá está ela, discreta, leve, mas carregada de um poder imenso: o de transformar ideias em palavras, sentimentos em versos, o cotidiano em histórias que tocam o coração. Minha fiel companheira, tão simples quanto indispensável, é testemunha de todas as minhas batalhas contra a página em branco.

Na ponta fina da caneta, um universo aguarda para ser descoberto. O primeiro toque no papel é sempre um convite: “O que vamos criar hoje?” E assim, deslizo pela folha, deixando que o azul se derrame em contos, crônicas, poemas e tudo aquilo que minha alma grita para o mundo ouvir.

Há algo quase sagrado na forma como a tinta flui. Não é só uma caneta; é um instrumento que carrega minha voz. Com ela, dou vida a personagens, reconstruo lembranças e reinvento sentimentos que, às vezes, nem sabia que estavam ali. A cada linha, sinto como se a caneta fosse um prolongamento de mim, traduzindo o que minha mente não consegue expressar sozinha.

E quando ela falha? Ah, esses pequenos hiatos me lembram que até os instrumentos mais confiáveis têm seus limites. Mas eu não desisto. Bato a ponta contra o papel, faço rabiscos no canto da página, e lá está ela novamente, ressuscitada e pronta para continuar a jornada. É quase como se dissesse: “Não pare agora, ainda temos tanto a dizer.”

Minha Bic azul é uma espécie de passagem secreta para o infinito. Não importa onde eu esteja — na praça, na padaria ou em casa —, com ela na mão, sinto que posso alcançar qualquer lugar. Ela é minha espada nas batalhas literárias, minha ponte entre o real e o imaginário, minha confidente silenciosa que nunca me abandona.

Talvez seja isso que faz da Bic azul um ícone: sua capacidade de ser tudo e, ao mesmo tempo, nada além de si mesma. Um objeto simples, mas capaz de carregar as complexidades de um coração humano.

Então, ao leitor que me acompanha: experimente pegar uma Bic azul, dessas que parecem tão comuns. Sinta o peso da simplicidade entre os dedos e permita que ela o conduza. Quem sabe, entre um rabisco e outro, você também encontre a eternidade escondida no azul.

Rafael Botter: "Nasci entre os anos 80 e 90, época que moldou minha paixão pelo universo nerd e pela boa música. Enquanto minhas ideias tomam forma, é o som do Iron Maiden que embala meu processo criativo, transformando palavras em crônicas carregadas de emoção. Sou fã incondicional de Stephen King, e sua escrita me inspira a explorar o lado mais profundo e fascinante da narrativa. Ah, e não há inspiração que uma boa pizza não consiga melhorar! Estrear na Revista Conexão Literatura é um marco no meu caminho como cronista, e espero que minhas palavras encontrem eco em você, leitor."

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
**CONTOS E POEMAS
SOBRE O FUTURO**
VOL. V

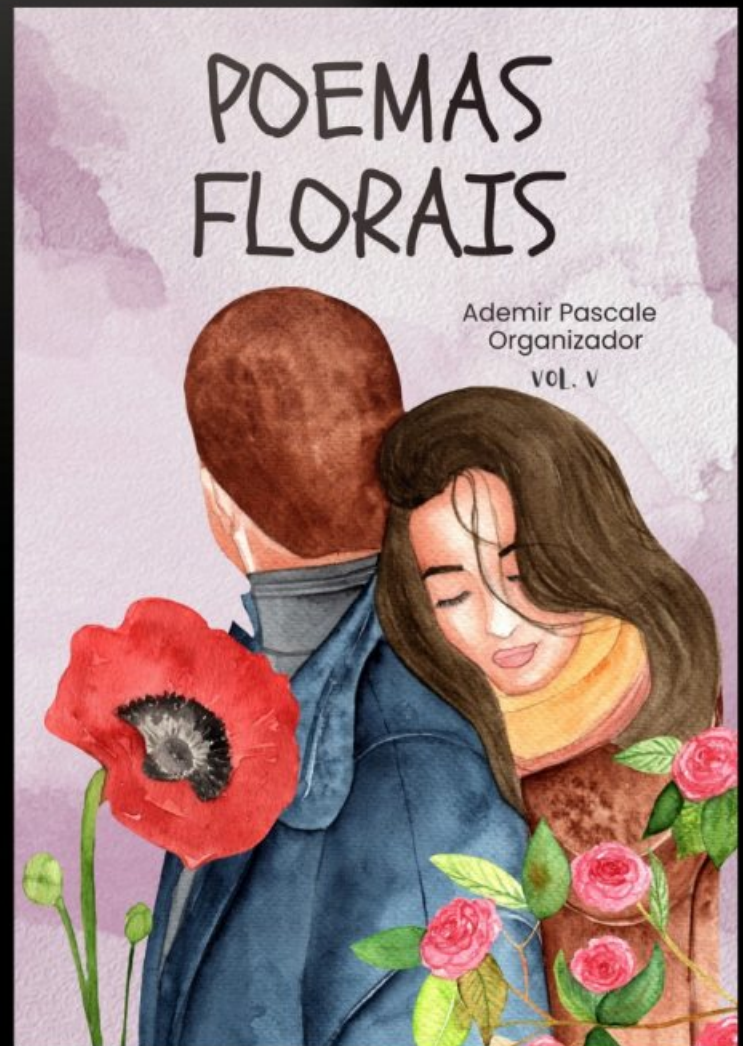


E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

DICAS
PARA LEITURA

CONTOS, POEMAS E LENDAS, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



POEMAS FLORAIS - VOL. V, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

NÃO DUVIDE!

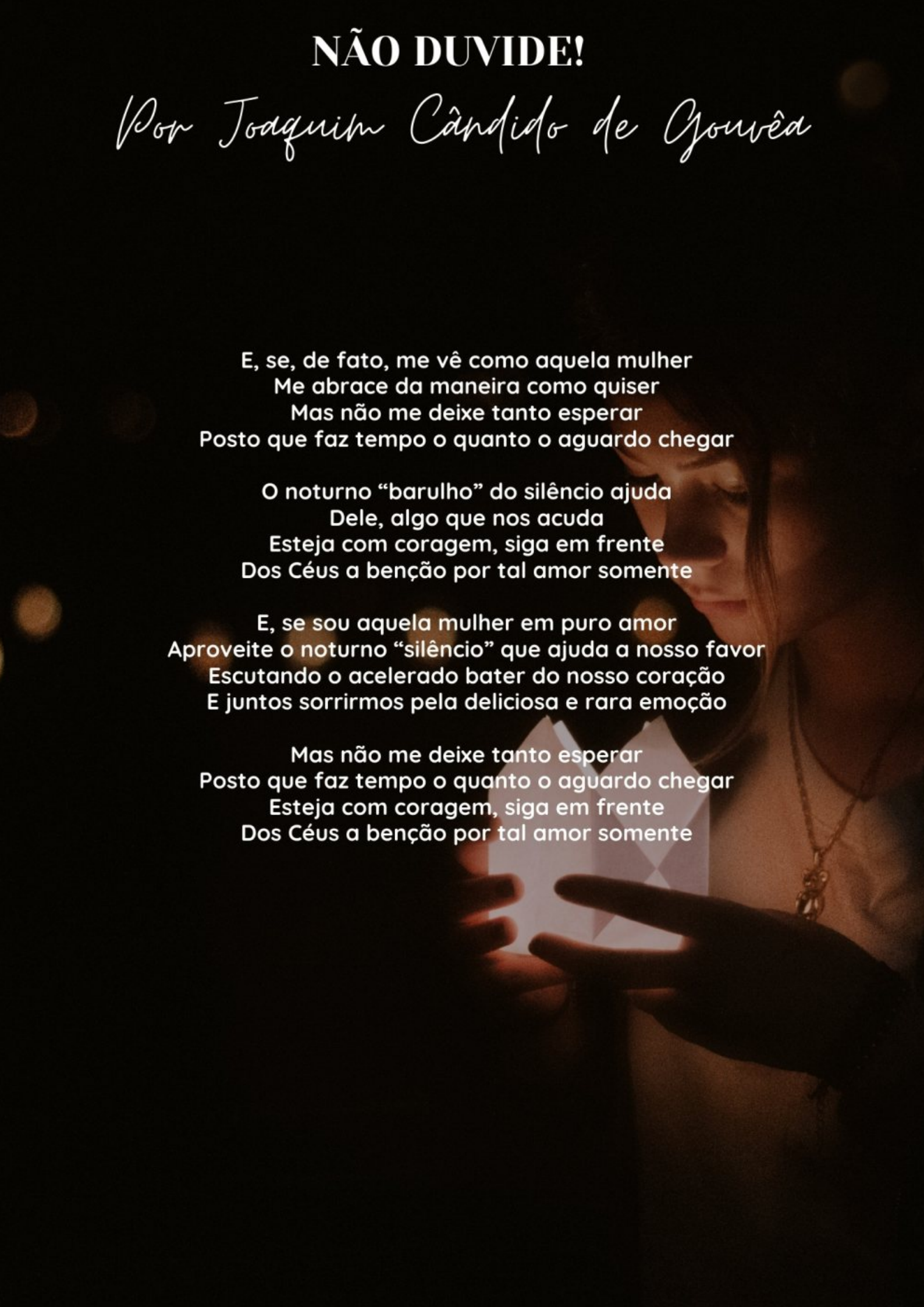
Por Joaquim Cândido de Gouvêa

E, se, de fato, me vê como aquela mulher
Me abrace da maneira como quiser
Mas não me deixe tanto esperar
Posto que faz tempo o quanto o aguardo chegar

O noturno “barulho” do silêncio ajuda
Dele, algo que nos acuda
Esteja com coragem, siga em frente
Dos Céus a benção por tal amor somente

E, se sou aquela mulher em puro amor
Aproveite o noturno “silêncio” que ajuda a nosso favor
Escutando o acelerado bater do nosso coração
E juntos sorrirmos pela deliciosa e rara emoção

Mas não me deixe tanto esperar
Posto que faz tempo o quanto o aguardo chegar
Esteja com coragem, siga em frente
Dos Céus a benção por tal amor somente



FICO ASSIM AO PENSAR

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Como, debochadamente, sorria
Ao observar seus olhares ansiosos
Em patamares outros... maravilhosos
Nos belos encontros em que não só o rosto ardia

Como, alegremente, sorria
Da face, então, já roseada
Por minha nudez olhar e se inibia
E eu tão ansiosa a ser por demais desejada

Como, disfarçadamente, sorria
Do seu rosto o maior ardor
Ao tempo imaginar pelo maior amor

Hoje! Ah! Como choro!
E ao meu coração julgar, por perdão, imploro
Por não saber te amar com intensa alegria

SOBRE O AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas. Economista com inúmeros cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

Publico poemas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA, em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024, e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS, no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários projetos da Editora Colibri, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive o meu início na Edição 06 e, atualmente, encontra-se na Edição 24; com a mesma coordenação, tive a participação com oito poemas nos livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA e ESCREVER BOCAGE.

Tenho editados dois Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, com os Títulos: "MAIS DO QUE BUQUE" e, "ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE..."

Seguiram-se dois outros Livros de poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO

EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos "NO CAMINHAR" e "SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE..."

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, publiquei dois romances com os Títulos: "ARDENTE ENCONTRO" e "SEIS MESES".

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical, escrevi cinco letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL, na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

E-mail: mjgouvea@hotmail.com

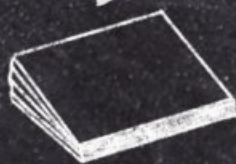
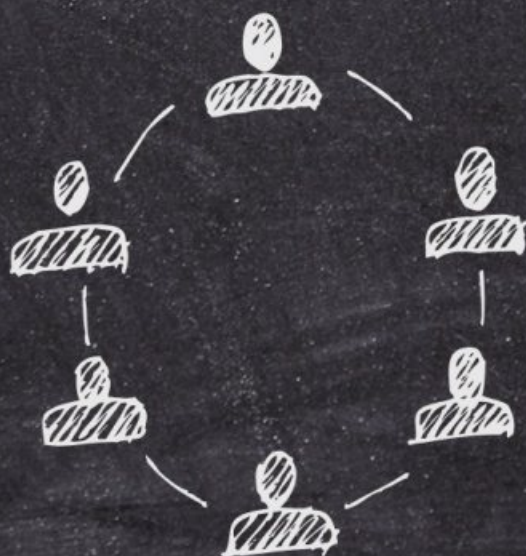


MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



APRENDA COM

CONEXÃO
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica

TÚNEIS

POR VALÉRIO MARONNI

São tubos de ar escondidos sob as rochas, camuflados pelas montanhas, de onde se olha de um lado e enxerga-se do outro lado, nada mais do que isso, dizia Ari. Ele gostava de simplificar todos os seus conceitos. Mas para os túneis, simplificava sua definição meio a contragosto, para não deixar transparecer sua adoração por eles.

Em especial aquele túnel que tem o ar da graça, na pequena cidade agraciada pelas cordas do violão de seus seresteiros mais que centenários. De fato, de ar se enche, como um pulmão para dar vida aos suspiros dos moradores do lugarejo e de seus visitantes amantes de antigas canções. Aguarda alguns segundos para oxigenar a cidade. A seguir, se esvazia, proliferando o perfume das damas da noite que habitam as encostas nas adjacências.

Não trilhado há mais de meio século pela locomotiva a vapor, a de número 206, com seus quase quinhentos metros, possui piso irregular de pedras escorregadias por onde desfilam aqueles com queda para a boemia, por onde passavam antigamente contando os passos sobre os dormentes mademoiselles com sombrinhas de mãos dadas a rapazes bigodudos de botas altas. Em suas paredes e teto, as marcas das batidas das picaretas, que calejavam as mãos de crianças forçadas ao trabalho há mais de dois séculos escravizantes.

Da floresta que o encobre mina água o ano inteiro formando uma cortina de pingos d'água em suas entradas, por isso dizem que o túnel chora de saudades do romântico passado quando as damas lhe jogavam flores pelas janelas dos vagões, no escuro que rápido se ia, no escuro quando rápidos beijos lhe eram sequestrados. Dizem que ele chora, não de saudades, mas de tristeza por crianças terem sido usadas como britadeiras. Dizem que chora de alegria, por não terem lhe retirado o auxílio do tubo de oxigênio. Chora de admiração quem de perto contempla sua beleza rústica, congelada pela bondade do tempo. Ri, quem o atravessa e grita “uh” para ouvir o eco em forma de serenata.

Quem não gostaria de uma viagem naqueles tempos ferroviários!? A mistura do barulho da caldeira com a nuvem do vapor, o apito emaranhado nas rodas, o sino que martelava nossas cabeças. A fagulha esvoaçada da fornalha que iluminava a noite como estrelas cadentes sobre a estação primavera. O vagão social com donzelas e matutos que portavam a pequena mala de Eucatex com poucas mudas de roupa. A conversa muda de olhares no último banco. O romantismo do casal de lagartixas atrás da cortina da janela. O vagão antissocial com roceiros, vendedores de rapadura, sacos com frangos vivos e leitões amarrados pelas patas. O vagão da pecuária com os garrotes que se equilibravam a cada curva. O vagão dos correios com malotes de correspondências, encomendas e cartas de amor. Cartas de amor viajavam, diferente das outras que simplesmente recebiam um selo para chegarem ao destino. Uma personagem a habitar o coração dos distraídos. A habitar o coração de Ari.

Agora estamos no final do ano de 1968. A carta recebida de uma admiradora voava pela janela do vagão a se perder no túnel que chora, próximo da estação de Conservatória, a cidade rainha das serestas. Antes da carta dar seu voo de liberdade, só

deu tempo de Ari sentir o perfume que exalava da folha e sentir que as letras estavam em alto relevo tal qual o relevo das montanhas que provocavam a tortuosidade do percurso, o que dificultava à flecha do cupido alcançar alguém. Ari se lamentava a ponto de gritar em vão para o maquinista parar o trem. Seguiu sua viagem com destino ao Rio de Janeiro. Retornaria em quinze dias, até lá, sabe-se lá, o que aconteceria com a carta!? Seria desmanchada pelas águas que corriam das paredes e formavam poças no chão do túnel, com certeza.

Na cidade fascinante visitava amigos, visitava o irmão mais novo no manicômio, louco de paixão por túneis. Visitava o início das obras do túnel Dois Irmãos. Visitava a pé o túnel Santa Bárbara correndo o risco de passar dias agraciando sua arquitetura. Da Lagoa, observava perplexo a complexidade das obras do túnel do Joá com seus dois andares enquanto tomava um sorvete de flor de laranjeira que o fazia lembrar da carta a qual teve oportunidade de somente correr os olhos folha abaixo para ver quem a assinava. Sua irmã residente em Morretes lhe enviava sempre cartões postais dos quatorze túneis da quase centenária Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá. Seu avô engenheiro ferroviário tristemente participava da desativação dos trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina. “Tive uma ideia!” pensou Ari, “ligar Rio a Niterói por um túnel”. Poucos meses depois chegava a notícia de uma ponte para estragar seus sonhos.

Chegava o dia de voltar para sua casa na cidade da melodia.

Na chegada, nem esperou chegar em casa; com o trem a baixa velocidade se aproximando da estação saltou do vagão se agarrando em cipós pendurados na boca do túnel. Aguardava o resto do trem passar. O barulho de tá-tá tá-tá das rodas de ferro sobre o trilho ia reduzindo de volume até que viu o último vagão desaparecer na saída do túnel. Olhava para a boca do túnel, pensava na carta, fantasiava um batom em uma boca. Passava pela cortina de pingos d’água. Ligeiramente se refrescava antes de encontrar a escuridão misturada à ansiedade no interior do túnel. Somente uma tocha poderia iluminar aquela extensão. E o vasculhou de boca a boca, desistindo da busca após dois dias.

Ao passar dois dias na escuridão, uma luz lhe foi acesa: perguntar de casa em casa se uma carta foi encontrada. Não seria impossível, já que era um pequeno povoado. Começava pelos arredores do túnel seu interrogatório, e na janela do último casebre na saída da cidade uma senhorinha viúva de um maquinista nada lhe respondia.

“Então, a senhora também não encontrou uma carta?” perguntava extenuado. “Apenas penso naquele dia”, dizia ela se rastejando sobre sua voz. E continuava em voz baixa olhando ao longe por sobre os ombros de Ari, desviando do seu olhar: “Era uma madrugada esfacelada depois de uma noite sombria e estranha que o levava ao jardim para contemplar a infidelidade da lua com o amanhecer. Pontos brilhantes no céu confessavam ser estrelas com o desejo de se apagar. O dia seria longo como o canto de uma cigarra sem fé. Um tímido raio dourado de sol o atravessou no peito, os demais vieram para cravar meus medos descobertos durante o pesadelo. Ao vê-lo assim rebelde me deixava mais destemida. O procurava sobre o gramado sem esperanças, ele sem mim.

O dia não avançava e voltava a habitá-lo a escuridão, porque a ingratidão da linha do horizonte freava a rotação da Terra. A morte estava por nos trair espiando por trás dos muros altos que separavam nossas desigualdades. Eu estava deitada, não conseguia descansar daquele sono profundo como um suspiro de despedida. Ele continuava imóvel como um imóvel. Até à distância estávamos de costas um para o outro, vértebra a vértebra. Seu cigarro não emitia mais o som da respiração ofegante. Seu espírito se esmaecia como o fim de uma discussão. Ao meio-dia as notícias chegavam sem notícias, o pior silêncio de uma união abandonada. José, era ele quem condenava nosso passado diante do juiz no tribunal. Frequentemente eu usava a letra do seu nome como cabide, para deixar secar ao sol no deserto da ironia seu sobrenome colocado no meu sobrenome — isso me enjoava tanto quanto assinar meu nome subordinado ao dele e pensar que seu coração era estéril. Eu o via à beira do caminho como uma enxurrada à procura de um buraco. Um vento rasteiro levantava a poeira e batia a porta da sala com ignorância. A torneira da pia pingava, um som ensurdecedor que poderia ser usado como fonte de energia não renovável. Na vidraça da janela do quarto ele bafejava e com seu eterno palito de dentes entre os dentes de ouro hesitava em desenhar a cena ultrajante. O café do dia anterior ainda soltava fumaça como o veneno da chaminé da fábrica ao lado. A casa sentia, mas o telhado não era cúmplice do que acontecia lá dentro. A vizinhança estava longe como a felicidade, surda como a paciência. Ele ainda se equilibrava de pé sobre seus tornozelos inchados. Eu assistia a tudo passivamente, com a certeza de que o fim não viria, mas ele desabava e eu permanecia na janela”.

A senhorinha fechava as duas bandas da janela surrada pelo tempo para que a chuva fina que começava a cair não molhasse seu sofá. Nada havia respondido a Ari. Tinha o cuidado de ajeitar o vaso de cravos no parapeito da janela para não se esborrachar na calçada que pensava existir. Puxava as cortinas e sentava-se na cadeira larga que já foi um dia uma namoradeira. Recolhia as pernas para cima e puxava a cobertinha para cobrir os pés. No peito Rosa guardava o aperto das letras dentro de cada palavra de seu já decorado sermão. Pelo decote do vestido roxo florido Rosa puxava a carta que guardava desde o dia que a encontrara quando voltava de uma visita ao túmulo de seu marido — para roubar possíveis flores ali depositadas por alguém — ao passar pelo túnel que já chorava. Era a sua leitura predileta depois de lamentar diariamente em voz baixa na janela o conteúdo de outra carta que um dia escrevera, num dia entre uma terça e uma quarta-feira, e que nunca foi postada pois o destinatário habitava sua casa.

Ari a havia escutado calado como um poema, serenamente estava derrotado como já esteve em outras ocasiões na descoberta de uma desilusão. Se despedia de Rosa usando o silêncio da janela fechada, enfiava as mãos nos bolsos de sua calça branca onde não encontrava nem uma paz provisória, arrumava o chapéu de camurça jogando a cabeça para o lado e caminhava até um banco da estação para um descanso quase eterno — alguém poderia lhe ter feito o favor de ter deixado ao seu lado uma pedra de obituário apenas com as inscrições “RIP” —, pensava na carta, não pensava na próxima viagem, pensava no que acabara de ouvir de Rosa.

“Quanto ouvi! Ela estaria falando de amor?” Ari pensava apreensivo enquanto observava um casal de cães que se lambiam carinhosamente debaixo de outro banco da estação de onde se via o túnel que chora.



Valério Maronni publicou os livros *O Menino Contador* e *Scritus* pela Amazon KDP e UICLAP. Criou os blogs *julianavrsempoluição* e *o-contografista*. Participa de coletâneas das editoras Pangeia, Andross, Sinete e Perse. Publica nas revistas *Subtextos*, *Conexão Literatura* e *LiteraLivre*.

Tela do Ocaso

Por Mirian Menezes de Oliveira

O fim de tarde traz consigo: a nostalgia,
as mãos distantes, carinhosas... e o vazio...

O fim de tarde faz dormir: "o ar do dia",
as emoções, o abraço terno, o calafrio...

Belo e livre afresco, não exposto em galeria...

Em tons quentes, ele simula tons sombrios,
misturados, dissolvidos, à revelia...

O ocaso das horas é, sim, um desafio.

O sabiá olha pra tudo, emocionado.

Reminiscências voam com o passarinho,
reformatando e pincelando seus traçados.

Traçados de amor, de saudade e de carinho...

O entardecer é sempre um ciclo inacabado,
acalentando as memórias em terno ninho.

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

A CASA DA BRUXA

VOL.V

A CASA DA BRUXA

CONTOS, MINICONTOS
E POEMAS
VOL. V

E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

Por Sílvia Grijó



CHÁ QUENTE

O Chá quente

Expulsa a frieza, que
não dá pra engolir a seco,
desce rasgando o verbo,
arranhando o silêncio,
As cordas vocais se contorcem,
engasgando o grito,
A voz,
encolhida e trêmula, falha...
As mãos geladas
apagam-se aos versos,
Os pensamentos vão tomando corpo,
cores, odores e emoção,
A poesia derrama,
molhando o tapete de sonhos,
No transbordar,
aquece a vivacidade
do desejo de viver...



Por Sílvia Grijó

ENTRE RIOS SECOS E PALAVRAS AFOGADAS

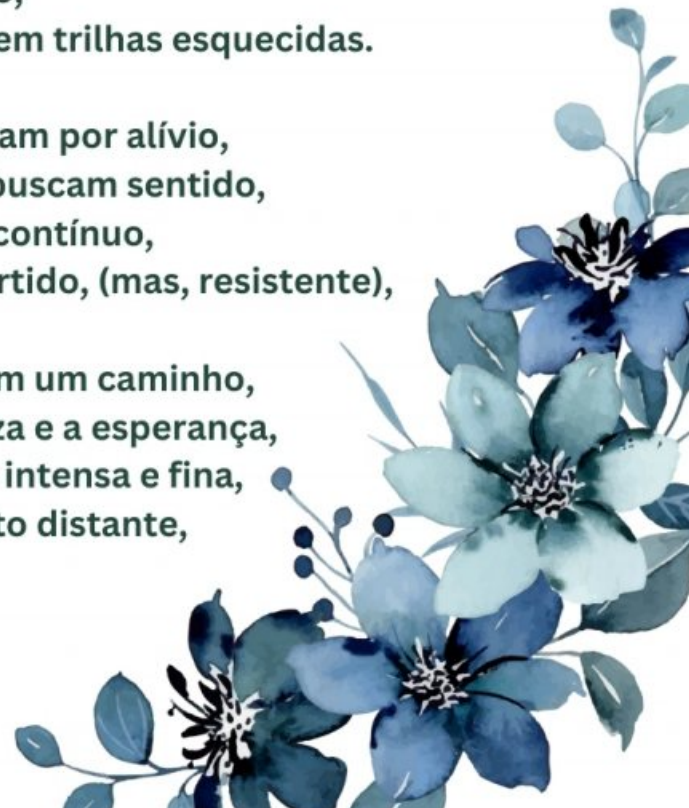
Entre rios secos e margens desoladas,
Onde outrora fluíam correntes de vida,
agora restam leitos de esperanças caladas,
E a natureza, em silêncio e sofrida, chora...

Canoas em abandono, memórias de outrora,
Que navegavam sonhos em águas serenas,
São lembranças de uma época fértil, que hoje chora,
perdidas nas brumas das manhãs pequenas.

Palavras que um dia nos fizeram voar,
agora se engasgam,
afogadas em nossas ambições.
Entre rios e palavras, um grito sufocado,
ecos de promessas não cumpridas,
a natureza clama por um ato,
por vidas que se perderam em trilhas esquecidas.

Os rios, veias da terra, clamam por alívio,
as palavras, outrora força, buscam sentido,
No caos que insiste em ser contínuo,
encontra-se um coração partido, (mas, resistente),

Que nossas vozes encontrem um caminho,
Para ressuscitar a correnteza e a esperança,
E que as palavras, de forma intensa e fina,
reflitam um futuro não muito distante,
breves mudanças.





Por Sílvia Grijó

HAICAIS: ENCONTROS

Encontro das águas,
Sob o céu de fogo e ouro,
E Manaus se encanta.

O Rio Negro brilha,
ladeado pelo Solimões.
Pôr do sol divino.

Dois rios a dançar
sob o sol que se recolhe,
Beleza sem fim.



SÍLVIA GRIJÓ – é de Anorí-AM, mora em Manaus. Formação acadêmica: Prof^a Especialista.

Escritora, Poeta. Autora da obra **MULHER À FLOR DA PELE** e de 10 fanzines. Coautora em 01 CD, 03 Audiolivros, 05 E-books, 09 cordéis, 57 Antologias. Membro efetiva de várias confrarias literárias; atua nos Projetos: "Musicalidade Poética", "Literatura Caminhante", "Movimento Patologia Cultural". É fundadora da Cordelteca em Anori-Am. Atualmente Preside a Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil-Coordenadoria-AM.

Autor(a), conheça o
pacote
divulgação
para
escritores

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR





POR FLAVIO JOPPERT

ALCÁCER

Talvez essas duas poesias tenham feito a modo do “Bard Core” no Brasil, não que elas sejam as primeiras poesias a tentar copiar o estilo galante medieval-renascentista. Mas de alguma forma elas se tornaram de conhecimento público, o que abriu o caminho para que outros menestréis surgissem. Havia já na época da poética dessas poesias Lorena Mc Knigh, Hesperion XX, entre outros, que além de Carmina Burana “reescreviam” a música antiga. De certa forma creio, essas duas poesias deixaram bem claro é possível para os artistas fazer o “Bard Core”. Talvez, em certo sentido, elas já sejam históricas.



POR FLAVIO JOSSERT

ALCÁCER-QUIBIR

O Christo Vitorioso
p'ra si chamou o Rei Luso.
Quem pela fé se bateu
terá mais Glórias no Céu.

Pois foi contra os infiéis
que se perderam os donzés.
Quem nas cruzada sangue deu
terá mais Glórias no Céu.

O povo tanto valente
lutava desde o nascente.
Quem até o fim permaneceu
terá mais Glórias no Céu.

Junto as Armas e os Brasões
os fidalgos e os barões.
Quem a morte conheceu
terá mais Glórias no Céu.

No campo ensanguentado
entre corpos despojados.
Quem o poder perdeu
terá mais Glórias no Céu.

D'Aviz os Varões últimos
nosso Deus chamou os ramos.
Que da vida cruzaram o véu
mais Honras terão no Céu.



POR FLAVIO JOPPERT

PARA JOÃO GARCIA PEREIRA

Entre os Paços de Serzedo,
pelos amores da Dona,
selaria o degredo,
por cutelo não por flores.

O fidalgo que caia,
de certo seria vingado.
Para salvar sua vida,
ir ao Faial desterrado.

Da sorte que encontraria,
não era o devido momento.
Ao Céu o pecado devia
Pagar com dor e tormento.

De Deus a Misericórdia,
no juízo o Perdão Real,
com suas armas obteria;
Voltaria à Casa Portugal;

Onde as Terras Marroquinas
da Cruz Santa viam a Vitória
e dos mouros viam a gana,
mais pecados cometeria.

Juntar-se com o inimigo,
por ele matar um fiel.
Era obra do maligno,
virar as costas ao Céu.

Juntar mais culpas às culpas.
Voltar para o Faial.
Estaria Deus a perdoar
tamanha vida infernal;

Muitos anos passaram
para encontrar a bonança.
Os Céus o abençoaram,
perdão por sua esperança.

O seu testemunho cristão
da benção que Deus lhe deu:
Nobre Mulher de igual brasão,
e filhos valentes os seus.

Do passado praticado
e do mal foi penitência
o fim da vida regrado,
que nenhum filho o esqueceria.

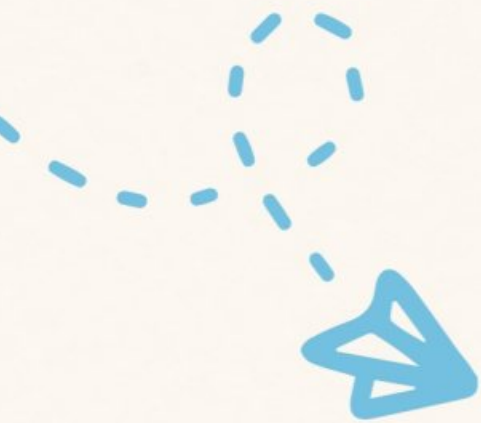
"Algumas estrofes de acréscimo posterior foram perdidas, nelas se cantavam o episódio do reconhecimento de João Garcia Pereira pelo Governador, e o esclarecimento de toda sua Ilustre linhagem de Pereira da Casa da Feira."

Castelo de Santa
Maria da Vila da Feira –
Portugal.



Foto: Flavio na
Niteroiense de Letras

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



O autor Antônio Cândido comemora o sucesso do seu livro ROSITA



Antônio Cândido - Foto divulgação

Antônio Cândido é advogado, nascido em São Paulo. Advoga na capital e no interior do Estado. Formado pela Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, com especialização em Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas FGV e Professor de Direito Civil – Direito das Obrigações – FMU.

Escreveu vários livros sobre temas jurídicos, alguns deles como autor e outros como coautor, além de duas obras biográficas.

Ao longo dos anos escreveu, regularmente, artigos para jornais de grande circulação. Além de advogado é produtor rural com vivência no meio, o que lhe permitiu discorrer sobre as questões apresentadas na narrativa de Rosita com um olhar da “porteira para dentro”, ou seja, com análise verdadeira dos acontecimentos que se passavam no interior das fazendas brasileiras produtoras de café no século XIX e início do século XX.

Advogado apresenta uma linda saga familiar usando como pano de fundo as fazendas de café no Brasil durante o século XIX e início do Século XX

O que acontecerá quando Rosita, que levava até então uma vida recatada, dedicada a cuidar dos seus irmãos mais novos e da casa na fazenda é oferecida em casamento para Antônio, solteirão boa vida, que prometia a si mesmo não se casar jamais?

No auge da surpresa nossa protagonista não acata o arranjo feito por seus pais, o que provoca um turbilhão de acontecimentos na vida de todos os personagens apresentados nesta narrativa que traz uma personagem forte, com olhar a frente do seu tempo, onde sua posição contrária ao casamento de uma jovem com um homem maduro será testada ao máximo além de encontrarmos durante a leitura temas importantes e interessantes como as posições à favor e contra o tratamento e a libertação dos escravos, a ascensão e queda das regiões produtoras de café no Brasil, o impacto na economia e até na política numa época em que nosso país ainda vivia sob a dominância dos Barões do café.

Acompanhe a saga familiar de Rosita até as últimas páginas deste livro que é uma agradável surpresa, como o aroma de uma boa xícara de café.

Em “Rosita”, Antônio Cândido nos faz caminhar pelo passado, através de uma pesquisa minuciosa sobre duas famílias e nos leva a um período



pioneiro das regiões fluminense e paulista, até chegar aos nossos dias, com a riqueza trazida pelo café e depois pela imigração com o comércio e a indústria. O leitor conhecerá não somente a personagem que dá nome a narrativa mas conviverá com personas muito interessantes como um barão do café, um genro tímido mas valoroso, os intermediários da exportação do café e seus métodos, as pessoas que fizeram de São Paulo o grande estado que é, a riqueza, a juventude e o destino de Rosita, com seu caminho de busca interior. Uma leitura prazerosa, nostálgica, respeitosa e apresenta de maneira única a escrita como ato de preservar



Foto divulgação - Lançamento do livro Rosita

memórias, como forma de agradecimento aos acertos e erros do passado.

Roberto Duailibi – Prefaciador de Rosita é escritor, professor, palestrante e um dos maiores publicitários do Brasil.

Serviço:

Livro Rosita – A filha de um barão do café e um amor improvável
210 páginas

Locais para a compra do livro:

Amazon/Livraria da Vila/site da editora Mizuno

ENTREVISTA COM ANTÔNIO CÂNDIDO:

Conexão Literatura: Seja muito bem-vindo a Revista Conexão Literatura. É um prazer conversar com você sobre seu novo livro, Rosita – A filha de um Barão do Café e um amor improvável. Que tal começarmos com o senhor nos apresentando a história desse romance?

Antônio Cândido: A trama tem início quando um barão do café, pai da jovem principal personagem feminina decidiu casa-la com um amigo seu, bem mais velho, e que trabalhava para ele.

Conexão Literatura: A protagonista do seu livro, a jovem Rosita, foi inspirada



Fotos do lançamento do livro Rosita

em alguma mulher que você conheceu em sua vida?

Antônio Cândido: Sim, minha mãe.

Conexão Literatura: Como foi dar voz a uma personagem feminina como sua Rosita?

Antônio Cândido: Primeiro foi um trabalho de coleta de informações junto aos membros das famílias que durou um ano e depois mais um ano para escrever, em um total de 24 meses.

Conexão Literatura: Normalmente nossos leitores gostam de saber sobre o processo criativo dos autores que entrevistamos. Nos conte

sobre como aconteceu a inspiração para escrever sobre um romance histórico, que tem como pano de fundo as fazendas de café do interior paulista.

Antônio Cândido: Parte dos meus relatos são situações que eu vivi pessoalmente e parte relatos que ouvi durante as entrevistas que realizei. A inspiração brota naturalmente em alguns momentos e quando isto acontece eu paro outras atividades e me dedico a escrever. Isto dura algumas horas. Algumas vezes fico dias sem inspiração para escrever, quando ela vem me concentro para avançar no texto.

Conexão Literatura: Onde o livro

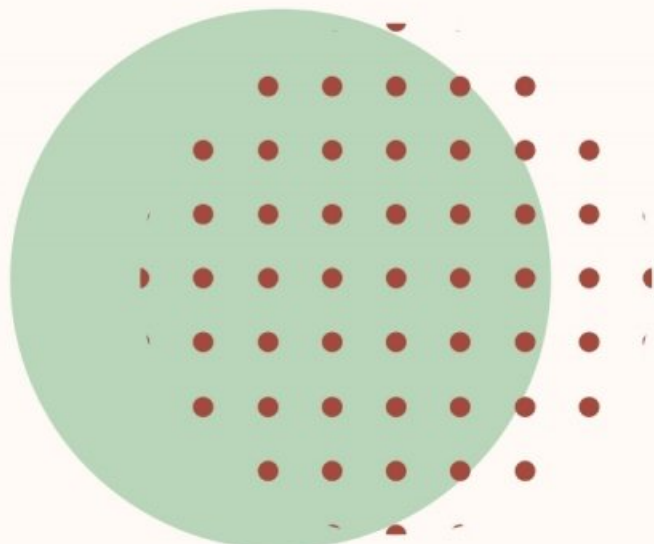
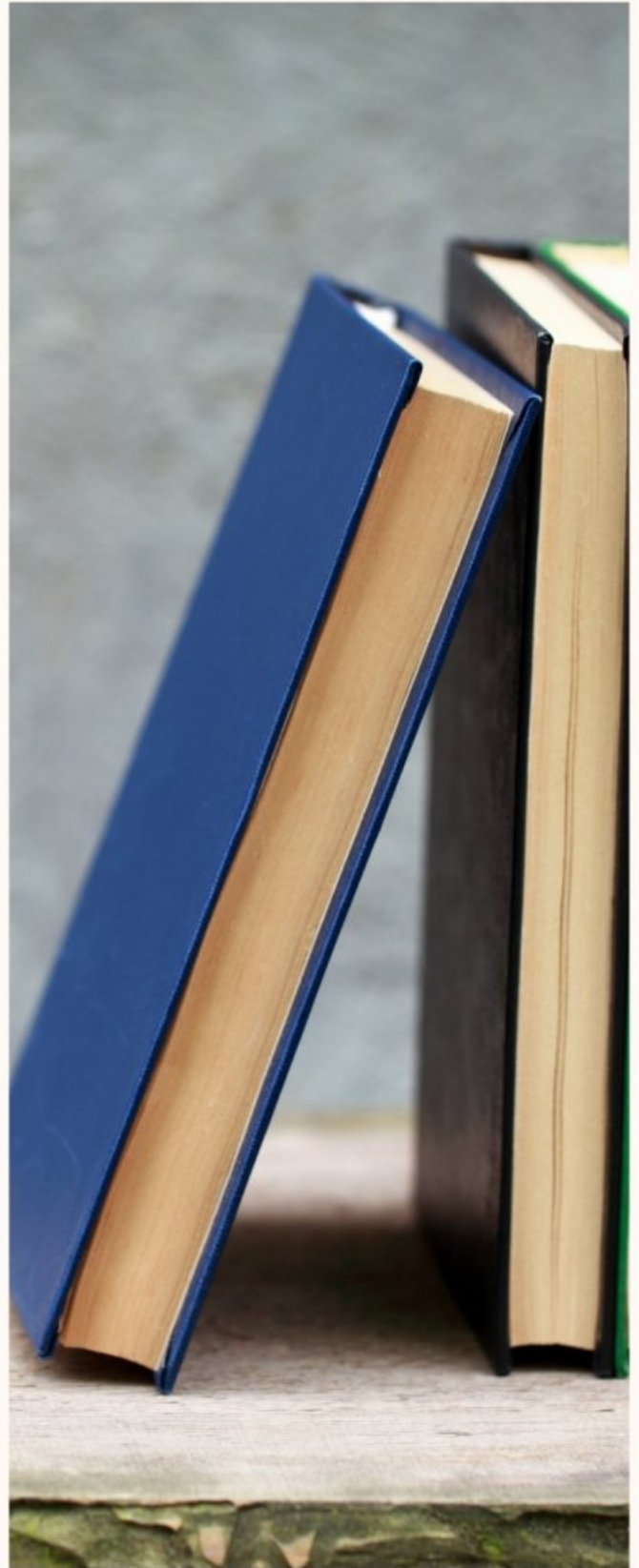
Rosita – A filha de um Barão do Café e um amor improvável pode ser comprado?

Antônio Cândido: Na Livraria da Vila, na Amazon e na editor Mizuno.

Conexão Literatura: Este não é seu primeiro livro lançado. Como última pergunta gostaríamos que o senhor deixasse um conselho para aqueles autores e autoras que estão começando a escrever seu primeiro livro.

Antônio Cândido: Sou autor e coautor de vários livros técnicos na área do direito e de uma biografia. Este é o primeiro romance.

Para aqueles autores que estão começando a escrever seu primeiro livro sugiro que não desanimem, pois o caminho é árduo, mas a satisfação ao terminar e vê-lo publicado é enorme.



DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE
DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

DIVULGUE

**O SEU LIVRO,
LIVRARIA, EDITORA,
SITE, LOJA...**



**CLIQUE AQUI E
CONFIRA**

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

Entrevista exclusiva com A. A. A. Fernandes

POR ADEMIR PASCALE

A. A. A. Fernandes - Foto divulgação



Nascido em São Paulo/SP, em 17 de agosto de 1968. Formado em Medicina pela Instituição

Lusiadas Santos/SP, em 1992. Com várias incursões na graduação - na busca de preencher

suas lacunas -, em Letras (USP - 3 anos), Direito (Inst. Toledo -3 anos), e Filosofia (Unisinos 3 anos); atualmente exerce o Cargo de Diretor Técnico do Hospital de Pronto Socorro de Canoas/RS.

A literatura sempre esteve presente em sua vida, desde a juventude; leitor ávido e escritor independente até 2024, quando passou a integrar (por um período de 3 anos) a equipe da Editora Ases da Literatura.

É casado com Alexandra e é pai de 3 filhos: Ana, João e José.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

A. A. A. Fernandes: Na verdade meu meio sempre foi o literário, sou um leitor compulsivo, mas minha formação seguiu os padrões para a época, sou de 1968, e portanto, não tínhamos a liberdade de escolha que hoje vislumbramos. Segui a formação em medicina, depois que a família decidiu ser o caminho das 'humanidades' (letras e filosofia, a escolha originária), ser nada 'pragmático'. Mas segui no meu caminho, escrevendo sempre. Depois da Faculdade de Medicina, e já parcialmente independente nas escolhas, entrei para a FFLCH/USP -Letras, e segui por três anos,

quando nasceu Beatriz, minha filha e luz. Voltei para a vida 'prática', e os baús foram se enchendo de manuscritos. Quando meu último filho, José, se formou e começou a compartilhar as leituras, me incentivou a retomar a escritura em um nível mais, digamos, disciplinar. O ano de 2024 foi um ano de dificuldades, mas de grandes terminalizações: o livro, o resgate no hospital, e a última formação de meus filhos. Posso me dedicar aos próximos passos de minha vida retomada...

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Errantes do Pensamento: O segredo de Poggio: Uma rapsódia Filosófica". Poderia comentar?

A. A. A. Fernandes: Errantes é um projeto de escrita, onde tento retomar a importância do Leitor, não do leitor de fragmentos, não o leitor não comprometido, mas O Leitor, quero provocar, estimular a Leitura. O livro possui um enredo axial, onde coloco a Teoria atômica e do Acaso, materialista, de Epicuro retomada por Lucrecio e o achado deste texto, aleatoriamente, pelo personagem histórico, Poggio. No De rerum natura, de Lucrecio, que é um dos poemas-pedagógicos mais belos e instigantes da literatura, há um final, o livro 6, que trata da Praga de Atenas; é um final angustiante, que nunca aceitei, e sempre imaginei o Sétimo Livro; um



livro de retomada, de ressurgimento; esse o fio condutor. No Romance, 'meu' Poggio é um paciente da Ala Mental de um hospital – O Santa Dedálica [a contradição da escolha deste nome será ampliada nos próximos textos] –; um paciente com uma suposta 'esquizofrenia'– neste ponto teremos uma abordagem onde a esquizo-análise e a Esquizo-Rapsodia do volume 2 irá aprofundar. Pois bem, neste hospital trabalha o médico Urbano, um neurocirurgião que queria ser filósofo, ou um filósofo-literato cirurgião, que evoluiu para uma crise existencial e acabou por ser internado; vivenciando assim sua viragem (clinamen lucreciano) e uma

nova abordagem da vida e, inclusive, dessa medicina de resultados (que não está indo nada bem – precisamos voltar para a beira-leito, para o contato com o corpo; isso será abordado no segundo volume, onde o personagem – o ‘corpo sem órgãos’ será Paracelso); O personagem Urbano traz em si sua própria narrativa, acompanhado de seus amigos de infância: J., o psiquiatra, e Asmin, o filósofo. Procurei seguir uma narrativa onde os fragmentos se interpenetram; onde as notas de rodapé (crítica à nossa atividade acadêmica hiperreferenciada), façam da narrativa um conglomerado multi-fragmentado de cenas e focos, reunidos ao leitor em um único singular.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

A. A. A. Fernandes: Eu não diria ter um processo de criação. Tenho em mim um projeto narrativo; ideias que quero compartilhar e discutir; como em um campo aberto; imagino meus leitores a se questionarem, e sento para responder aos meus dilemas. Procuro seguir uma rotina de escrita diária: escrevo obrigatoriamente pelo menos uma hora por dia para escrever; reescrevo meus textos a modo de ‘cebola’, vou reescrevendo em cima de ideias; dos blocos de notas para as

séries de arquivos no Word; uma espécie de palimpsesto das ideias ruminadas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

A. A. A. Fernandes: Prefiro deixar o leitor abrir o livro aleatoriamente e deixar-se captar por algum fragmento que o faça ter vontade de mergulhar em uma leitura individual.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

A. A. A. Fernandes: O Livro esta disponível na plataforma da Amazon. Tenho um perfil no Instagram totalmente voltado para a obra que se iniciou com o ‘Errantes’.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

A. A. A. Fernandes: Este é um dos meus grandes temas também; tenho uma personagem: a Maria Q., da Biblioteca Randômica, ou biblioteca viva, que é alucinada pelo bibliotecário real Marrocos, e anti-Gutenberg, ou crítica da ‘reprodutibilidade técnica’ (um sentido de aura de Baudelaire e Benjamin da obra de arte); e a crítica

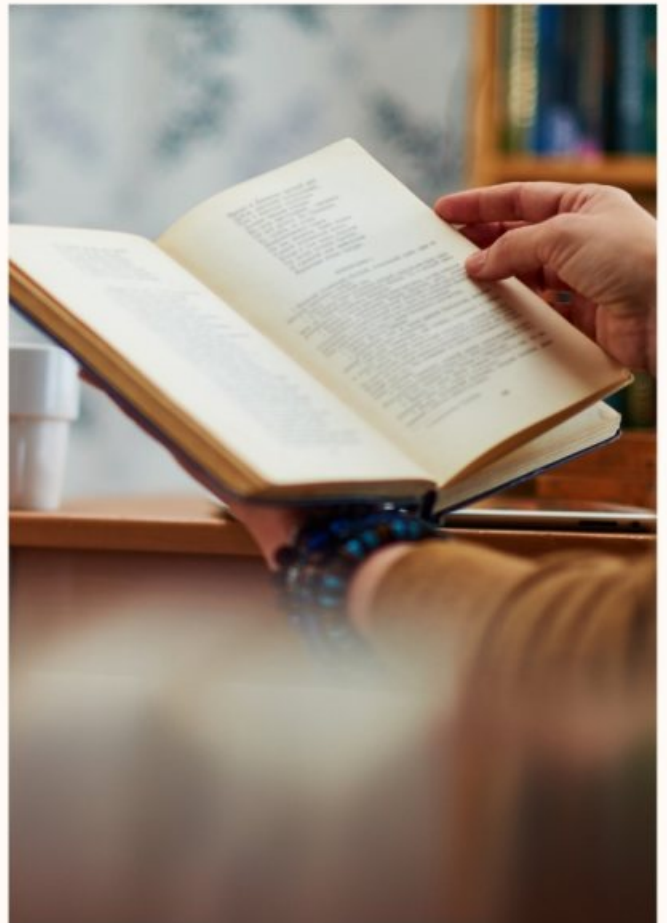
que tem que ser exposta é de que, na América Portuguesa (tenho um personagem; O Iluso, que é uma espécie de Mefisto-português); a leitura foi proibida por mais de 300 anos, assim como a prensa; daí o personagem e tal. Ao contrario da America espanhola, onde universidades e prensas existiam desde seus colonizamentos. Não que se justifique, mas ler é uma atividade complexa, exige um certo estado de estabilidade do povo; que está sempre em voltas de suas sobrevivência e existência. O que me incomoda é que, por ser uma nação continental, a cada autor brasileiro que surge poderíamos ter mais de 200 milhões de leitores, e alçarmo-nos em importância de língua e cultura. Precisamos urgentemente estimular a leitura, mas não a leitura de rolamento de paginas na internet, e sim de textos que fustiguem e incomodem o leitor, como queria Kafka; e com o Errantes eu tento valorizar este leitor hibernado de cada um nós, hibernado, mas ávido, tenho certeza.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

A. A. A. Fernandes: Sim, o volume 2 já está em fase de revisão: Arquillibristas do Pensamento: A Escolha de Oporino ou Outra Rapsodia Filosófica.

Perguntas rápidas:

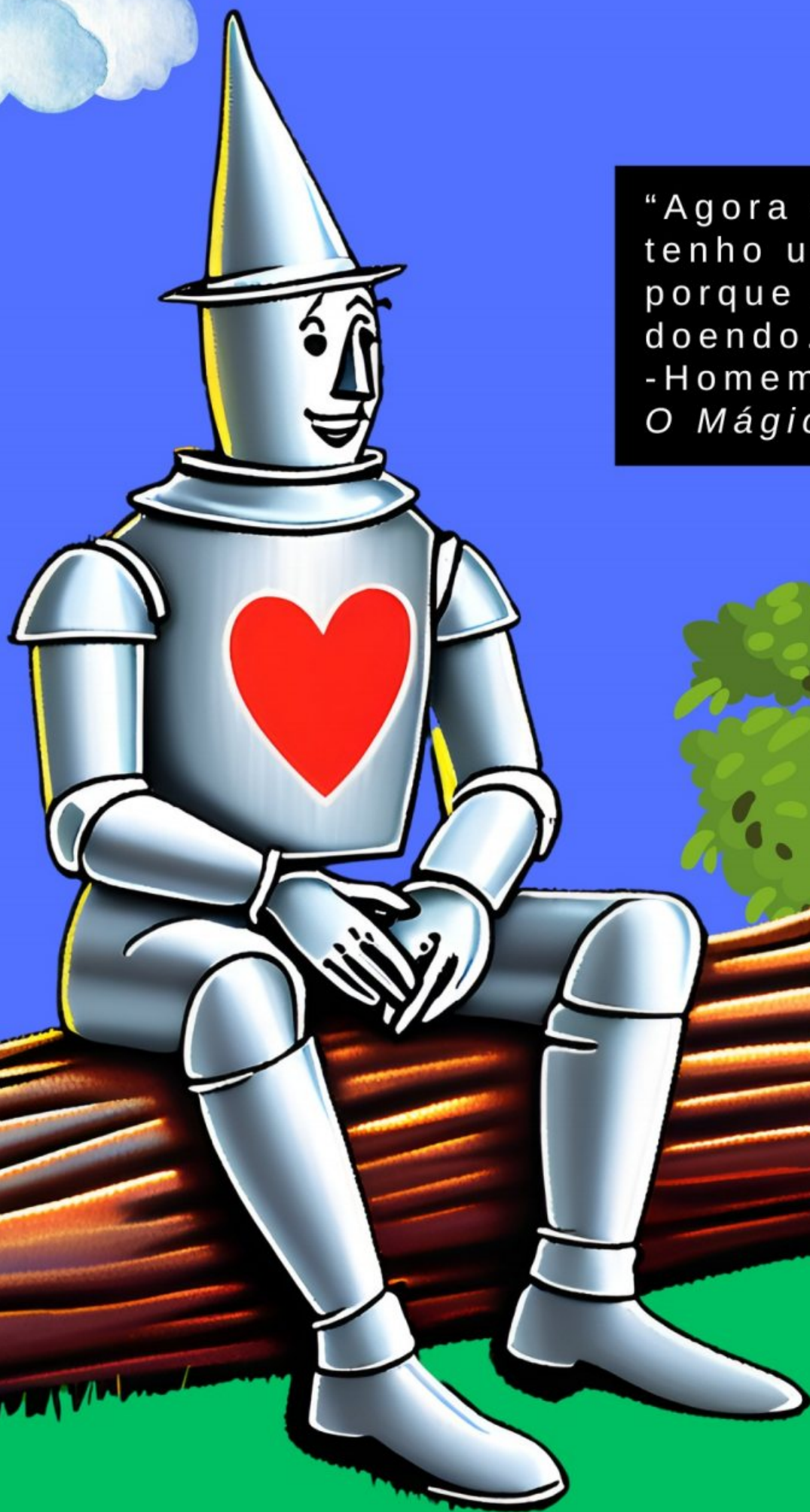
www.revistaconexaoliteratura.com.br



Um livro: (muito difícil escolher) S. Beckett (Murphy, Watt, Malone Morre, Molloy, Inominado) (acompanhado da leitura de Deleuze); Osman Lins (Avalovara), Nietzsche (tudo); Lucrecio (Natureza das Coisas), Apuleio (Asno de Ouro); Dostoievski (Karamazov, Memórias do Subsolo); Hugo (Miseráveis); Musil (Homem sem qualidades); Albert Camus (tudo); Mia Couto (Terra Sonambula); Saramago (Ano da morte de R.Reis); Schelling e Espinosa; Joyce (Ulysses);etc... muito difícil esta escolha...

Um hobby: Leitura

Um dia especial: Dia 05 de maio de 2024, o resgate no hospital inundado, a publicação do Errantes; uma 'viragem'.



“Agora eu sei que
tenho um coração,
porque ele está
doendo.”

-Homem de Lata
O Mágico de Oz

Entrevista exclusiva com Beatriz Valle

POR ADEMIR PASCALE



Beatriz Valle - Foto divulgação

Beatriz Valle é psicanalista e psicóloga. Formada em Psicologia Clínica pela PUC/GO e em Psicanálise pela Fazenda Freudiana de Goiânia, tem especialização em Problemas do Desenvolvimento na Infância e Adolescência Abordagem Interdisciplinar pela Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (FADERGS) e Centro Lydia Coriat disciplinar, do qual este livro é fruto dos trabalhos apresentados nesta especialização. Trabalhou no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, na Chefia da Seção de Psicologia e do Ambulatório Infantil. Reside em Goiânia, onde exerce a clínica psicanalítica com crianças, adolescentes e adultos desde 1985. Tem como áreas de interesse Artes Plásticas, Feng Shui, Aromaterapia e Cabala, além de participar das leituras e pareceres de livros infantis do Clube do Livro da Livraria Pomar, em Goiânia.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

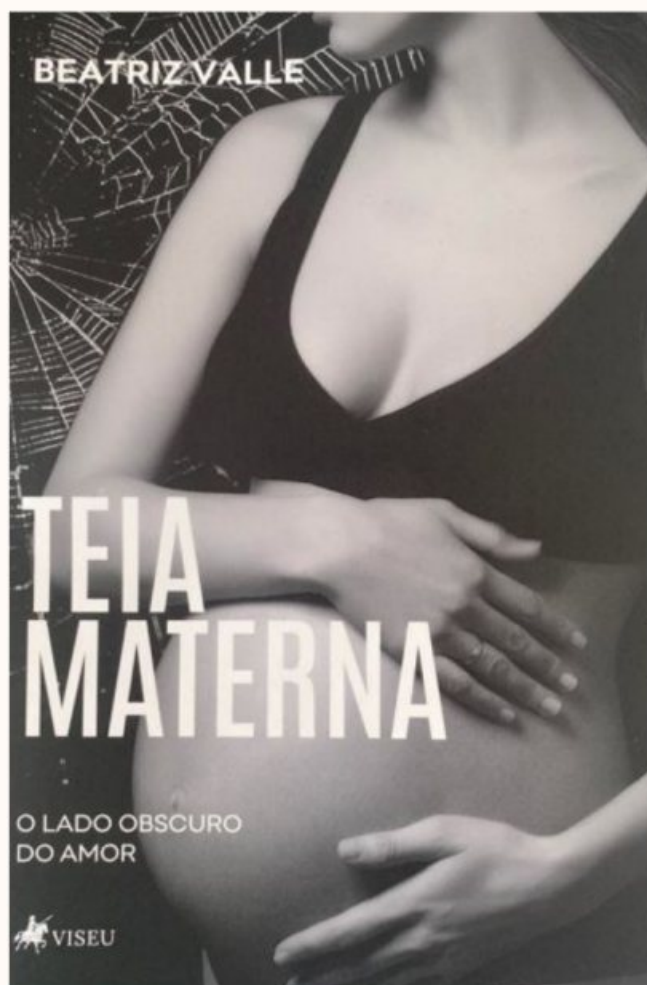
Beatriz Valle: Nasci em uma família descendente de judeus em que os filhos são

tratados com muito carinho e a grande herança é a paixão pelo saber, pelos livros e histórias contadas.

Ganhávamos livros antes mesmo de conhecer as letras e tinha sempre um tio ou meu pai que lia pra gente. Na casa do meu avô paterno tinha uma biblioteca imensa e tínhamos acesso a qualquer título, independentemente do tema, idade, autor. Lembro que em nossos aniversários, além de ter sempre um som na saudosa vitrola, existia um grande tacho de cobre com gibis e livros que líamos antes dos parabéns e depois dançávamos ao som dos Mutantes. Nas noites de luar, meu tio que era jornalista, compositor e escritor reunia a criançada e nos apontava no céu cada constelação e nomeávamos as estrelas. Muitas vezes nos fazia escrever histórias, por exemplo a de que não tinha a letra "a" no texto. Assim começou muito cedo minha paixão pela escrita. Mais tarde em uma instituição psicanalítica veio meu desejo de relacionar a clínica, a teoria psicanalítica e a literatura, que é o tema do presente livro.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Teia Materna". Poderia comentar?

Beatriz Valle: O presente trabalho é um recorte da minha clínica. Não é uma generalização. São comportamentos maternos reais que, ao longo dos anos, me chamaram



atenção. Durante o tempo que trabalhei no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, no Ambulatório Infantil, era recorrente nós psicólogas sermos solicitadas para atender crianças com suspeita de terem sofrido abuso sexual. Esclarecendo: todos os atendimentos médicos com suspeita de abuso sexual ou violência contra a criança eram encaminhadas ao posto policial do hospital e este solicitava o atendimento de uma psicóloga. Nestes atendimentos, na maioria das vezes tínhamos duas situações: ou a mãe negava veementemente a história da criança ou a mãe se pronunciava no lugar da criança, que ficava calada, e

inventava uma história pelo fato ocorrido. O mesmo acontecia com atos violentos: crianças queimadas com cigarro, braços e pernas quebrados, escoriações pelo corpo. As mães nunca assumiam que o autor da violência era o pai, parceiro ou alguém da família. Sempre tinham um relato que nunca condizia com a verdade.

O enfoque sobre a crueldade feminina não sugere que a crueldade seja um atributo inerente às mulheres. Trata-se de um feminino mais arcaico, de caráter mais fusional, em que, por vezes, a crueldade se manifesta de forma inconsciente.

A mesma figura materna que dá a vida também pode ser aquela que a retira ou a nega, seja de maneira concreta, como abordado no documentário “É menina”, dirigido por Evan Grae Davis, ou de forma simbólica.

O livro também levanta outra questão: existe uma incompatibilidade entre a mulher e a maternidade?

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Beatriz Valle: A prática clínica, a literatura, a observação, a cultura são minha grande inspiração como questionamentos. Por exemplo: visitando as populações ribeirinhas do rio Amazonas em Manaus observei uma sala de aula em que as crianças indígenas estavam silenciosas

prestando atenção na professora e que durante o recreio brincavam sem brigas, discussões ou gritos. Eram muito livres e em nenhum momento havia interferência de um adulto no brincar.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Beatriz Valle: “A complexidade da relação materna nos deixa sempre muito apreensivas. Como conduzir bem e satisfatoriamente? Não somos mães com o nosso ideal materno, somos mães com toda carga com que a vida nos marcou, temos nossos sintomas que nos impedem de agir dentro de um padrão asséptico ou preestabelecido. Amamos nossos filhos, mas somos capazes de atos severos, às vezes cruéis, em nome do “bem” da criança.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Beatriz Valle:
COMPRA DO LIVRO
Amazon.com.br
Skeelo
Estante Virtual
Americanas
UmLivro
Magazine Luisa



Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Beatriz Valle: Sempre estamos iniciando, é preciso perseverar. É um exercício contínuo de escrever, reescrever, sempre. Lapidar o texto.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Beatriz Valle: Meu próximo livro é sobre as relações (Im)possíveis entre a psicanálise e a arquitetura, passando pela literatura e filosofia. É uma abordagem das relações e rompimento do homem com a natureza. A casa como fetiche, um espaço singular que vai muito além das necessidades, mas baseada no desejo.

Perguntas rápidas:

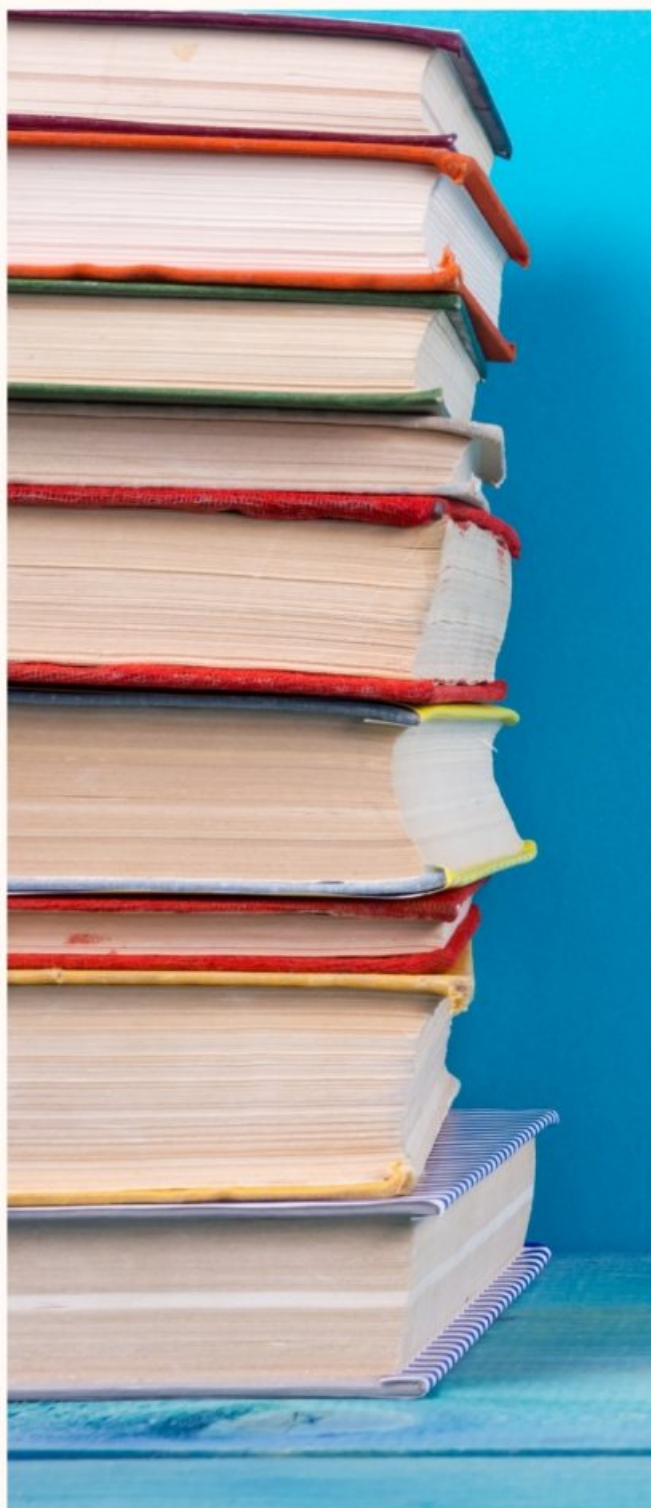
UM LIVRO: (leitura recente) O 11º Mandamento, de Abraham Verghese

UM ATOR: Fernanda Montenegro

UM FILME : O céu que nos protege – Bertolucci

UM HOBBY: pintar, aromaterapia, Feng Shui, Cosmologia chinesa

UM DIA ESPECIAL: Embarcando para destinos sonhados



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



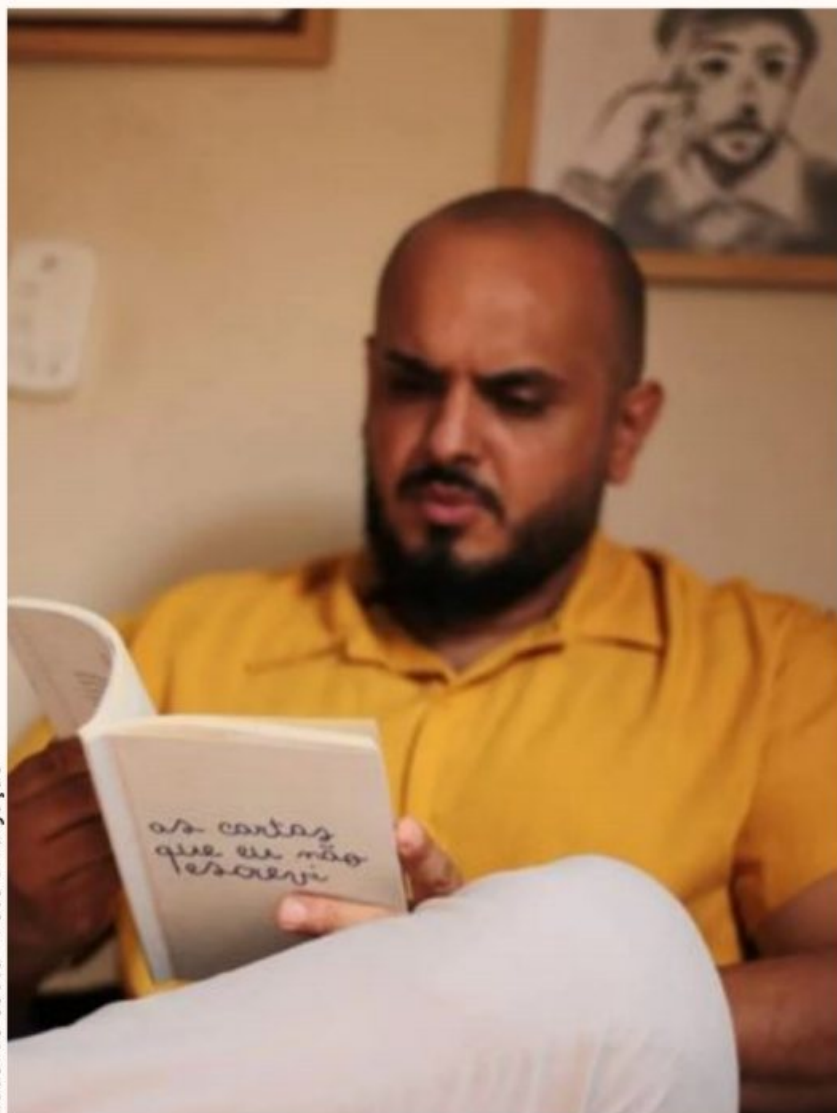
Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

Entrevista exclusiva com Eduardo Costa

POR ADEMIR PASCALE



Eduardo Costa - Foto divulgação

José Eduardo Borges da Costa, alcunha de Eduardo Costa, nasceu na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Com poucos anos de idade, mudou-se para Monte Alto, uma pequena cidade do interior de São Paulo. É professor de língua portuguesa, mestre em Educação, músico e escritor. Atualmente, trabalha nos setores da educação pública e privada. Pai do Heitor e do Luiz Pedro e noivo da Fernanda. Exerce sua profissão com muito amor e afinco e, nos finais de semana, quando não está escrevendo ou trabalhando, participa ativamente das rodas de samba da cidade tocando o seu cavaquinho.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Eduardo Costa: Apaixonei-me pela leitura no início do ensino médio. Gostava de ler poesias e me arriscava em escrevê-las. Segui este caminho por um tempo até começar a compor algumas músicas (toco cavaquinho). Das composições, surgiu a necessidade de escrever histórias. Foi aí que me identifiquei com a prosa. Foi um caminho sem volta. Tenho muita facilidade em narrar, criar personagens, clímax e um bom desfecho. Todavia, nada disso seria possível se eu não me tornasse um leitor. Acredito que todo leitor carrega uma vontade enigmática de sair escrevendo por aí. É

uma liberação de dopamina. É vício.

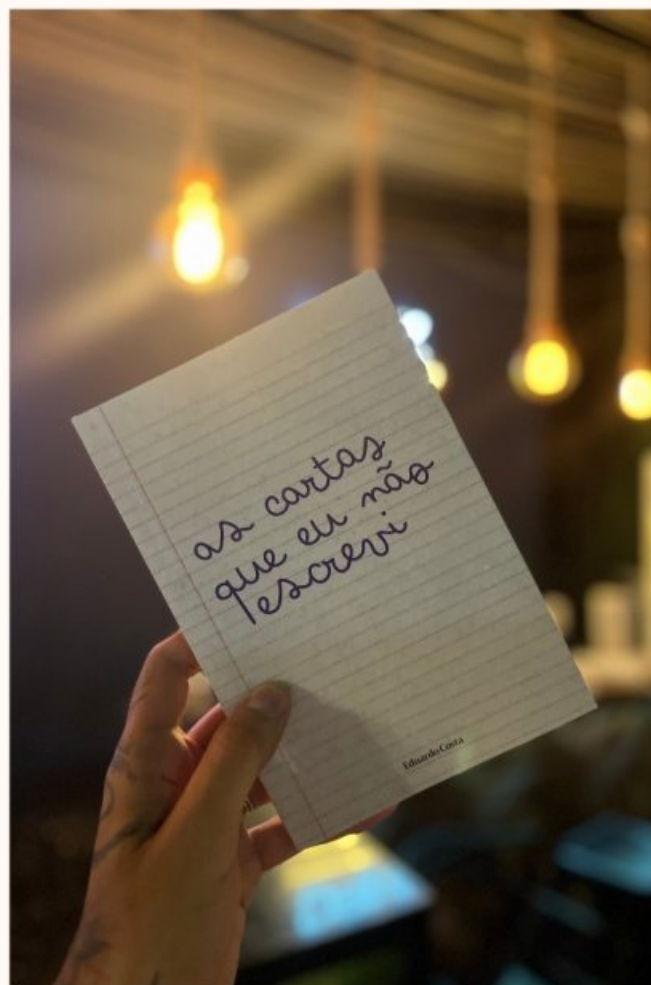
Conexão Literatura: Você é autor do livro "As cartas que eu não escrevi". Poderia comentar?

Eduardo Costa: Este livro teve vários títulos. Foi uma história que não estava me agradando muito. Por diversas vezes eu o coloquei na lixeira do computador. Até que um dia eu decidi terminá-lo para concorrer a um concurso literário. Não deu tempo, mas eu o terminei. Toda vez que eu o lia eu me emocionava. É uma história e tanta. Trata-se de uma narrativa que nos leva à reflexão sobre este mundo doentio em que vivemos abastado de utopia. O livro aborda sobre a tecnologia, espiritualidade, a força do amor e do perdão. As famílias deveriam lê-lo juntas. Eu ainda não me conformo com o poder destrutivo dos celulares. Ele tem separado famílias que moram dentro da mesma casa. Tem imbecilizado uma sociedade que não se educou, mas que se adequou ao tecnológico rapidamente. É praticamente isso: o poder destrutivo dos celulares nas famílias e na educação. É isso que eu mostro neste livro num processo narrativo que emociona todo mundo que lê.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Eduardo Costa: Sou muito observador.

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Eu olho tudo ao meu redor e reflito sobre aquilo que observo e sobre os comportamentos. É daí que eu tiro as minhas inspirações. O meu primeiro livro "O Colar de Ignis" nasceu de um sonho. Ele também é uma fonte inesgotável de inspiração. Já escrevi vários contos e poesias baseados nos meus sonhos. Todo autor deve estar atento. Às vezes, a futilidade para uns é poesia para outros, Eu enxergo com poesia, com metáforas e com fantasia. Não dá para ser normal num mundo caduco. Na verdade, a anormalidade me encanta e me inspira. Eu procuro olhar para o que ninguém olha e ouvir o que ninguém ouve. É um olhar diferenciado para o

mundo em que vivemos e como vivemos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Eduardo Costa: Gosto muito da descrição do beijo entre Marcio e Manu:

“Os lábios se encaixaram. Dançavam conforme a intensidade do beijo. Os corpos estavam arrepiados. O sinal tocou, mas a única coisa que conseguiam ouvir era o coração batendo apaixonado. O mundo ficou pequeno para o jovem casal. Não cabia mais nada e mais ninguém naquele momento. O olhar refletia um no outro. As mãos acariciavam os corpos com o devido respeito. O mundo já não girava mais. A única coisa que se movimentava eram os lábios que se saciavam de um amor de outrora e que agora estava sendo edificado.”

Conexão Literatura: Você já participou de algum concurso literário?

Eduardo Costa: Sim, de muitos. Em quase todos em que eu participei fui premiado. Os principais são:

- Participação no livro IX Concurso Literário e Antologia - Poesias sem Fronteiras com poesia intitulada “Silêncio” - e na antologia “O tempo

não apaga” com a poesia “Uma rua pacata”;

- Participação no concurso internacional “Escritores Malditos” da editora Iluminare com o conto intitulado “Verde Mortífero”;

- 2º lugar no concurso de contos da revista “Farol Fantástico” com o conto intitulado “O menino de seis dedos”;

- 5º lugar no concurso de contos organizado pela editora Published (2017) com o conto intitulado “As tragédias de Tito Andrônico”;

- 4º lugar no concurso de contos da Academia Fluminense de Letras (2018)

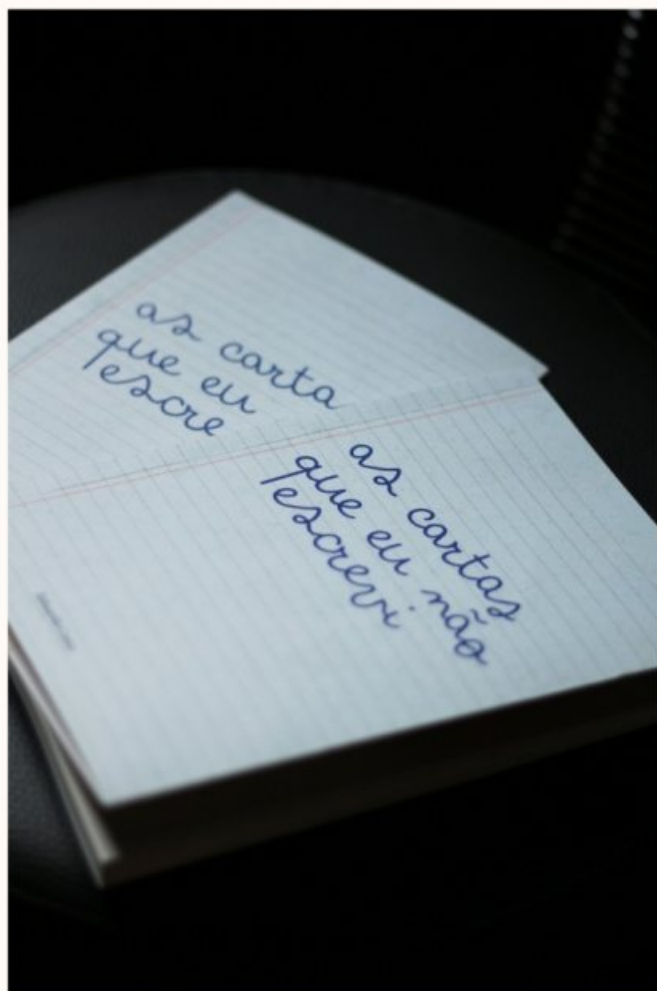
- “O professor e seus dilemas atuais”;

- 1º lugar no concurso de contos da Academia de letras de São João da Boa Vista – 2021.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Eduardo Costa: Por ser um autor independente, os leitores devem me procurar pelas redes sociais, principalmente pelo Instagram ([eduardo.costa.33](https://www.instagram.com/eduardo.costa.33)) ou pelas plataformas de vendas do Mercado Livre ou Amazon. Pela rede social, é só mandar um alô que eu mesmo atenderei ao pedido. Faço questão de autografar o livro.

Conexão Literatura: Como analisa a



questão da leitura no Brasil?

Eduardo Costa: Precária. A cada ano que passa a situação piora. Basta olharmos as pesquisas do Retratos de Leitura. É preocupante. Como professor de Língua Portuguesa e escritor procuro incentivar os meus alunos e ratificar a importância da leitura. Sinto que falta muita coisa para que possamos atingir um nível médio de país leitor. Faltam políticas públicas e profissionais apaixonados pelos livros. Eu sempre digo que todo professor deve ser leitor e instigar a leitura nos alunos. Todavia, o exemplo vem de casa. As famílias não leem e

não incentivam os filhos. Presenteiam com os celulares de última geração, mas reclamam do preço do livro. Não dá para entender. É um retrocesso doloroso.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Eduardo Costa: Muitos. Preciso terminar o terceiro livro da trilogia “O colar de Ignis”. Atualmente estou trabalhando em dois livros de poesias. Há um projeto de contos e outro de crônica, sem contar as sinopses de histórias que pretendo escrever. Os projetos são muitos. O que nos machuca é a desvalorização e a falta reconhecimento da sociedade. Às vezes, compram a sua arte por dó e não porque querem ler. Isso me frustra, mas não desisto. Tenho muito que contar ao mundo e sei que um dia eles ouvirão as minhas vozes em cada página lida daquilo que eu escrevo.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O Seminarista” de Bernardo Guimarães

Um ator ou atriz: Wagner Moura

Um filme: “Como as estrelas na terra”

Um hobby: música, principalmente uma roda de samba.

Um dia especial: nascimento dos meus filhos Heitor e Luiz Pedro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Eduardo Costa: Leiam. A leitura, em tempos de tecnologia, coloca-nos a um passo a frente da sabedoria, da vivência e da vida. Leiam para falar e escrever melhor. Leiam para debater, para persuadir. Leiam para ser feliz e viver na plenitude desta vida efêmera.



Entrevista exclusiva com Janete Santos Silva

POR ADEMIR PASCALE



Janete Santos Silva - Foto divulgação

Janete Santos Silva é educadora e desde muito cedo, despertou o gosto pela leitura. É mestra em Educação pelo PPGed da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com formações em Letras (Faculdade de Ciências Educacionais - Face), Pedagogia (UESB), Psicanálise (NBPI) e especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Educon/Faveni, bem como em Psicanálise pela Famart. Atualmente, leciona Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na rede municipal de Itapetinga/BA. O currículo detalhado da autora pode ser acessado pelo link <https://lattes.cnpq.br/973299715205469> e seu perfil ORCID está disponível em <https://orcid.org/000-0002-3803-0358>.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Janete Santos Silva: Foi algo que começou muito cedo, ainda na minha infância, com o incentivo de familiares, principalmente de meu pai. Ele trabalhava viajando e, quando retornava dessas viagens, trazia livros de literatura e lia para nós (eu e meus irmãos), desde os contos clássicos à literatura brasileira. E, por gostar muito de ler e escrever, aos 12 anos de idade, comecei a escrever meus primeiros contos e cadernos de poemas (os quais eu guardava a sete chaves). Só que não parei por aí! Como professora, sempre defendi a bandeira da leitura, desenvolvendo com meus alunos do

Fundamental II, em sala de aula, projetos que incentivam a leitura e a escrita, o que se intensificou no período pandemia/pós- pandemia, me senti motivada para publicar meus textos (artigos, poemas, crônicas), principalmente nessa prestigiada revista "Conexão Literatura". Publiquei vários poemas, tanto na Revista Conexão Literatura quanto nas antologias poéticas temáticas. Isso, me deu coragem para publicar meu primeiro livro: Faces do Tempo.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Faces do Tempo", poderia comentar?

Janete Santos Silva: Em "Faces do Tempo", a minha intenção foi convidar o leitor a mergulhar numa jornada poética sob a lente do tempo e suas memórias. Cada poema serve como uma janela para momentos experienciados, conectando passado e presente e trazendo emoções e reflexões. Em um mundo em constante mudança, "Faces do Tempo" nos lembra da importância de contemplar a beleza singela, assim como a complexidade de cada segundo vivido. A obra nos convida a refletir sobre as marcas que deixamos e as histórias que carregamos conosco ao longo da vida.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Janete Santos Silva,
**Faces do
Tempo**



Janete Santos Silva: Não existe um momento específico, posso estar lendo, cozinhando, conversando com alguém, assistindo a um filme, ouvindo uma música... De repente me vem a inspiração e eu faço anotações para não perder a ideia.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Janete Santos Silva: Por ser um livro de poemas, sou suspeita para falar..., Mas, têm vários trechos que vale muito a pena:

“Na solidão do silêncio encontramos respostas

Para perguntas que nem sequer sabíamos fazer.

Nele nos conectamos com nós mesmos,
Descobrimos quem realmente somos”.
(Metáfora do Silêncio)

“Os risos são melodias, dançando no arco-íris,

As lágrimas são chuvas de emoção intensa,

A coragem é uma espada a desbravar caminhos incertos,

E a paixão é um vulcão em erupção, plena e intensa”. (Dualidade da Vida)

“O tempo cura, o tempo fere,
É mestre sábio que em tudo interfere.

Nos ensina a valorizar o instante,

A viver o presente, o mais importante.” (O Tempo e Seus Mistérios)

“No silêncio da terra adormecida,

O tempo se prepara para mudar,
Em cada broto há vida escondida,

E a natureza volta a despertar.”
(Tempo de Florescer)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um Como funciona a comercialização pela Editora:

Janete Santos Silva: A obra está sendo comercializada pela editora Lux, através de sua loja virtual e nas

Marketplaces: Submarino, Amazon, Americanas e Shoptime. Combinei com a editora Lux, a impressão da tiragem de alguns exemplares, que já se encontram disponíveis para a venda na cidade onde resido (Itapetinga/BA), a partir do dia do lançamento (04/02/25), na Academia Itapetinguense de Letras.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Janete Santos Silva: A questão da leitura no Brasil envolve desafios significativos, como o acesso desigual a livros e a influência das redes sociais, que podem desviar o interesse dos adolescentes e jovens. Além disso, o sistema educacional muitas vezes adota abordagens tradicionais que não estimulam a leitura de forma eficaz. Para reverter esse quadro, é essencial promover iniciativas conjuntas entre Governo, Instituições culturais e sociedade civil/família para incentivar o gosto pela leitura desde a infância e tornar a literatura mais atrativa e acessível. Acredito que, com esforços direcionados, podemos transformar a prática da leitura algo natural, prazeroso, capaz de expandir horizontes pessoais e coletivo, no sentido de contribuir na formação do pensamento crítico.

Conexão Literatura: Existem novos



Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Janete Santos Silva: Não poderia deixar de destacar a importância da leitura na vida das pessoas. Nesse sentido, afirmo que “A leitura é fundamental para a constituição do pensamento crítico e aquisição do conhecimento[...] corrobora para a formação do sujeito, de modo que este possa constituir-se cidadão.”

projetos em pauta?

Janete Santos Silva: Sim! Já estou trabalhando num novo projeto: Um livro de contos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Música ao Longe, de Érico Veríssimo

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Orgulho e Preconceito (Romance de Jane Austen)

Um hobby: Assistir filmes/leitura

Um dia especial: O dia do meu aniversário,13/05



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS

VOL. II

E-BOOK

VOL. II

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



Selo Conexão Literatura

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Lucelia L. Santos

POR ADEMIR PASCALE



Lucelia L. Santos - Foto divulgação

Lucelia L. Santos, é Professora de Matemática, Psicopedagoga e Docente do Ensino Superior. Autora do livro - Matemática e Ética: um convite à reflexão - Editora Haikai, e participou de cinco antologias: Tempo ao Sol - conto premiado Sonho Infinito - Travassos Editora; Pequeno Atelier de Palavras - conto Sinergia - Editora Mhajulla; Nas Entranhas da Floresta - conto Magia na Floresta - Editora Mhajulla; Horizontes Mágicos - conto A Fonte - Editora Mhajulla; Contos e Poemas Sobre o Futuro - conto O Encontro Interplanetário - Revista Conexão Literatura e, recentemente, publiquei o romance Sementes da Esperança - Travassos Editora.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Lucelia L. Santos: Sou Professora de Matemática e sempre atuei na área de Ciências Exatas, Contudo, durante a pandemia no ano de 2020, numa tarde, comecei a escrever sobre matemática e ética e descobri-me com um viés literário, pode ser que estivesse latente e no momento apropriado emergiu.

Publiquei dois livros “Matemática e Ética: um convite à reflexão” e o romance “Sementes da Esperança”, participei de várias antologias. Escrevi outras obras que pretendo publicar, contos, crônicas e um novo romance.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Sementes da Esperança". Poderia comentar?

Lucelia L. Santos: Trata-se de uma história denominada Semente da Esperança, que se inicia na África em 1854, no século XIX, quando a jovem Ashanti e seus companheiros seguiam para uma aldeia vizinha, onde iriam participar de uma festa comemorativa da colheita, que era comum por aquelas terras. No meio do caminho são aprisionados e escravizados. Tendo como base inicial o triste relato de aprisionamento, procurei mostrar a jornada dessas pessoas e seus descendentes inclusive no destino final que foi o Brasil, até o século XX. Destaquei a jovem Ashanti, que com garra e coragem enfrentou com resiliência o escravismo e o preconceito. E, sua descendente Lísia que, também com garra, enfrentou a luta por um sonho impulsionada pela força de um grande amor. É uma ficção baseada em fatos reais.

Na história explorei a trajetória de personagens africanos e seus descendentes ao longo de gerações, passando por períodos de escravidão e lutas por liberdade no Brasil. Com base em fatos históricos, entrelacei elementos de ficção e realidade para contar a história de Ashanti e sua descendente Lísia, duas mulheres que enfrentam desafios marcados pela opressão, mas que demonstraram



coragem, resiliência e fé em um futuro melhor. Na obra procurei resgatar não apenas as cicatrizes deixadas pela escravidão, mas também a importância da memória, das tradições e da luta contra as desigualdades.

O momento inicial da história, na África, marca o início de uma longa jornada de sofrimento e opressão, mas também de resistência e esperança. Procurei descrever a escravidão com detalhes que ressaltam a crueldade do sistema escravagista e o impacto devastador nas vidas de milhões de africanos e seus descendentes. Também destaquei o poder da superação.

Ashanti, e mais tarde sua descendente Lísia, enfrentam não apenas a opressão física, mas também o racismo e o preconceito que persistem após o fim oficial da escravidão. Ambas as personagens se recusam a aceitar a injustiça como destino final e lutam, cada uma à sua maneira, pela liberdade e pela dignidade.

Ashanti carrega consigo as histórias de seu povo, transmitidas de geração em geração, e essa conexão com suas raízes africanas se mantém viva em sua descendência. As histórias contadas pela avó de Ashanti, por exemplo, são uma forma de preservar a cultura e a identidade, mesmo diante da brutalidade da escravidão. Essa preservação da memória é um ato de resistência e esperança. As gerações que se seguem a Ashanti, incluindo Lísia, mantêm vivas as "sementes da esperança" plantadas por seus antepassados, como uma forma de resistir à opressão e de sonhar com um futuro mais justo.

O amor, tanto familiar quanto romântico, é outro elemento presente ao longo da minha narrativa. As relações entre os personagens são construídas com base em solidariedade, companheirismo e afeto, mesmo em meio a tempos de extrema dificuldade. A relação entre Izaura e João, que simboliza a união e a

luta pela liberdade, é um exemplo claro de como o amor pode florescer e se transformar e fomentar mudanças. Além disso, o amor-próprio e a autoestima também emerge como temas importantes.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Lucelia L. Santos: Não tenho processo específico. Algo do cotidiano pode inspirar uma história completa. Durante uma caminhada pode surgir uma ideia de uma crônica, que logo passo para o papel. Escrevo de modo que o leitor sintam-se inserido no cenário da história, influência do meu escritor favorito Machado de Assis. Como disse uma famosa escritora "As histórias estão por aí, basta o escritor captá-las".

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Lucelia L. Santos:
(...)

Quando chegou à sala, parou para respirar, pois estava ofegante. Olhou todo o ambiente, para escolher um lugar para sentar.

Junto à cadeira escolhida, estava sentada uma linda moça negra de porte altivo, olhos negros encantadores. Por um instante



exemplo.

Existe um longo caminho a percorrer para que se reconheça a importância da leitura.

Tenho esperanças!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Lucelia L. Santos: Canais de venda

Livros físicos: Travassos Editora; Amazon; Extra; Casas Bahia; e Mercado Livre.

Livros digitais (ebook): Amazon digital; Apple; Livraria cultura; Barnes & Noble; Google play; e Kobo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Lucelia L. Santos: Sim, tenho várias obras para serem publicadas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Os Guinle.

Um ator ou atriz: Antônio Fagundes;

Um filme: A Cor Púrpura.

Um hobby: Cuidar de Plantas, e fazer novas mudinhas.

Um dia especial: Passeio na Avenida Champs Elysées, em Paris.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Lucelia L. Santos: Sim, agradeço a Revista Conexão Literatura por dar oportunidade aos autores e leitores que apreciam a boa leitura.

Um grande abraço a todos.

lembrou-se das aulas de matemática quando o mestre conceituava, entusiasmado, a proporção áurea que define uma relação estética, já que a beleza da jovem é muito agradável ao fitá-la;

Sentou-se ao seu lado, mais tarde soube seu nome, Lísia.

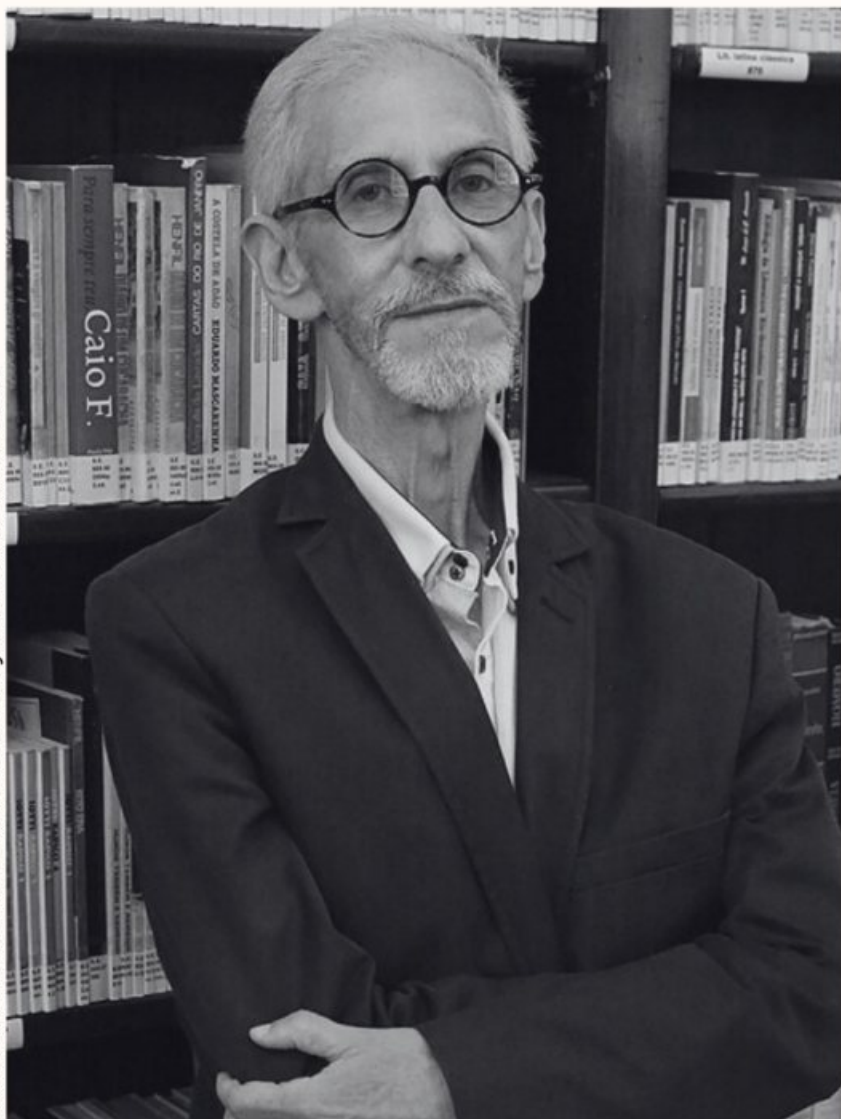
(...)

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Lucelia L. Santos: Percebo que nas escolas, há um incentivo para desenvolver o gosto pela leitura, como a Ciranda de Livros, por

O Escritor que ludibriou a morte e transformou sofrimento em literatura

Luiz Carlos Freitas - Crédito da foto: Fotógrafo: Moizes Vasconcellos



Luiz Carlos Freitas é gaúcho, romancista, jornalista, cronista e contista. Foi repórter, editor de Cultura, editor-chefe e colunista político do centenário jornal Diário Popular. Filho de família humilde, Freitas começou a trabalhar aos dez anos e exerceu diversas profissões, até chegar ao jornalismo.

Autor independente, já publicou dez obras de ficção, além de centenas de crônicas e contos em jornais impressos, sites e em redes sociais. Leitor voraz desde a infância, ele lapidou a escrita lendo obras clássicas da literatura. Com uma vida dedicada à literatura, suas obras retratam o cotidiano do povo humilde e são repletas de personagens que vivem à margem, com ênfase na redenção dos humilhados e oprimidos. Freitas defende a ideia de que o escritor pode ser um agente de mudança e colaborar para uma sociedade mais fraterna, solidária, humanista e socialmente justa.

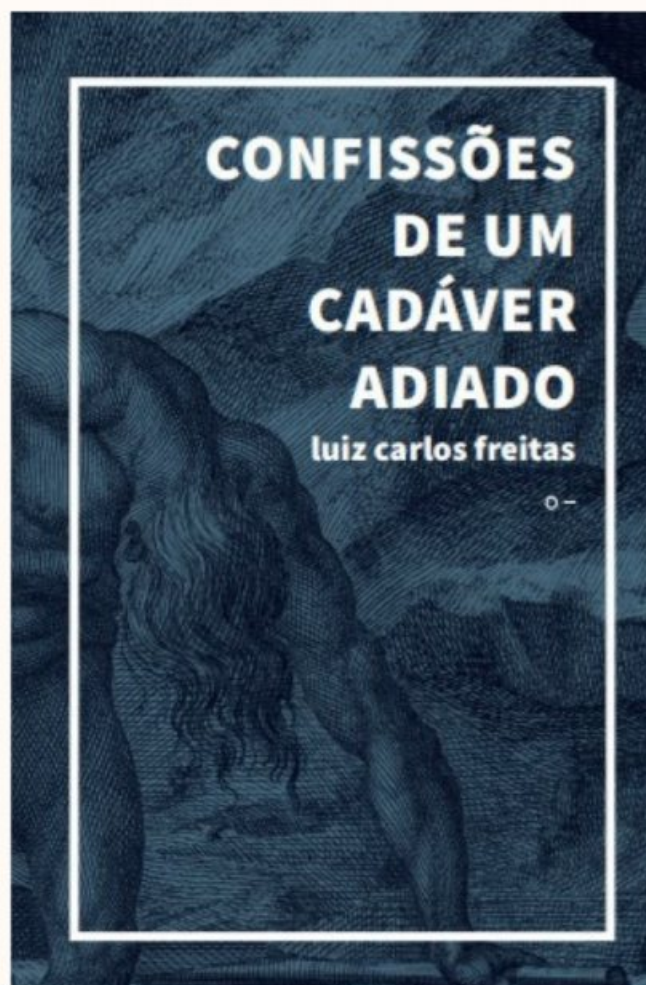
Transformar a dor pessoal em literatura não é tarefa fácil, remexer em antigas feridas é traumático, embora catártico. Resgatar memórias ocultas é trazer à tona esqueletos esquecidos no fundo do passado, relatar o embate com a morte é um ato de coragem e de amor à vida. Superar doença terminal, apesar dos prognósticos médicos contrários, é uma prova de que o câncer – mesmo os mais letais – já não é uma sentença de morte. Esses são os gatilhos do romance autobiográfico “Confissões de um cadáver adiado” (Editora Urutau – 315 págs.), do escritor e jornalista gaúcho Luiz Carlos Freitas, autor de dez obras já publicadas. Confira a entrevista exclusiva:

Conexão Literatura: Como surgiu a ideia de escrever sobre tema tão doído, complexo, considerado tabu, ainda mais quando o autor é narrador e personagem central, subvertendo narrativas óbvias?

Luiz Carlos Freitas: Eu não escolhi escrever essa obra. Ela me escolheu. Durante dez anos a história ficou maturando na mente, sem que eu me desse conta, até que em 2022 amadureceu e exigiu vir à luz. Antes, por pressão íntima, precisei visitar Baião, pequeno vilarejo do Norte de Portugal, onde nasceram meus avós paternos, imigrantes que se instalaram em Pelotas, no Rio Grande do Sul, por volta de 1927. Após conhecer o local das minhas raízes, retornei e escrevi o livro em nove meses, de um só fôlego. Estava pronto no meu inconsciente e jorrou sem dificuldades.

Conexão Literatura: Fácil, assim? Geralmente, resgatar memórias e romancear histórias traumáticas pessoais é complexo e exige tremendo esforço físico, mental e espiritual. Foi o seu caso?

Luiz Carlos Freitas: Admito, apesar de a história estar praticamente pronta, foi penoso escrevê-la, ainda que prazeroso. Pode parecer paradoxal, mas sem sofrimento não há consistência e verdade em uma obra literária. Assim como não há um bom



livro sem pitadas de otimismo, de esperança, de alegria. Há de se equilibrar essas vertentes, mesmo quando o tema central é sombrio. No “Confissões”, eu mexi com assuntos arraigados no inconsciente, reabri feridas ainda não cicatrizadas, espantei fantasmas que em mim habitavam, relatei dores e sofrimentos pessoais e familiares, fiz um acerto de contas com o passado. Algumas recordações me fizeram sofrer muito, houve ocasiões em que cheguei ao limite das minhas forças e da capacidade de suportar a revelação de fatos e verdades escondidos havia décadas no subconsciente.

Conexão Literatura: Você pode antecipar algo da essência da obra? Sem spoiler, é evidente.

Luiz Carlos Freitas: Os “ganchos” do livro estavam alojados na mente desde sempre: a morte do meu pai aos 43 anos, em decorrência da mesma doença que me acometeu passados 38 anos; a fuga do meu avô paterno para Portugal em 1954, e o retorno para o Brasil em 1972; a infância pobre e sofrida; um pai machista e infeliz; uma mãe subserviente e frustrada, viúva aos 39 anos, com quatro filhos para criar. Uma criança tímida e sensível; um adolescente complexado e solitário, apaixonado por literatura, cercado por todos os lados; um adulto que conseguiu romper as algemas da pobreza intelectual, financeira e espiritual; um homem que aos 55 anos descobre ter três tumores malignos, no pâncreas, inclusive. O diagnóstico de morte iminente, a luta contra uma infecção generalizada; o temor de recidiva; as sequelas físicas e mentais. Todos os ingredientes para um bom livro estavam ali. O problema era conseguir descrevê-los com isenção e distância, a fim de tornar a história verossímil e verdadeira. Creio que consegui. A duras penas!

Conexão Literatura: Você nasceu em uma família pobre e iletrada, segundo consta. Como se deu a paixão pela literatura e, depois, a necessidade de

escrever?

Luiz Carlos Freitas: Eu comecei a trabalhar aos nove anos de idade. Primeiro fui vendedor de frutas em uma esquina, depois cobrador de ônibus. Desde cedo vivenciei nas ruas a dura realidade da vida e desenvolvi a natureza de observador nato. Em paralelo, nasci com o dom da escrita, creio firmemente nisso. Tanto, que minha primeira professora identificou certo talento para as letras e passou a me incentivar. E, aí, há um mistério até hoje indecifrável: meu pai era semianalfabeto, mas tinha o hábito de comprar livros em leilões. E nunca me incentivou a ler. Eu que, muito cedo, descobri as maravilhas e mistérios da leitura. Fiquei apaixonado, fascinado, viciado! Adolescente, ler já não me bastava, e comecei a escrever. Nunca mais parei. Continuo lendo e escrevendo. Na mesma medida.

Conexão Literatura: Quais são suas principais referências literárias e qual o primeiro livro que o marcou?

Luiz Carlos Freitas: Alfabetize-me praticamente sozinho, antes da idade escolar. Lembro-me de Graciliano Ramos. Angústia. Esse foi o primeiro livro que determinou meu fazer literário. Mas meus mestres, se posso assim dizer, são Dostoiévski; Victor Hugo; Emile Zola; Kafka; Camus; Machado de Assis...



se engajem na luta para difundir a leitura, sob a premissa de que “a literatura, salva, liberta e forma cidadãos livres, pensantes, e, portanto, críticos e com livre-arbítrio.”

Conexão Literatura: Qual sua opinião sobre a produção literária nacional, em relação à competição com obras estrangeiras?

Luiz Carlos Freitas: Entendo que o “colonialismo” cultural que fomos submetidos é coisa do passado. Estamos aprendendo, arduamente, a valorizar os autores nacionais, finalmente começamos a solidificar identidade literária própria e marcante. Porém, é preciso ficar atentos e fortes. Hoje se produz muita literatura, mas de qualidade discutível. Acho imprudente e um desserviço ao universo literário brasileiro, importar livros de atributos duvidosos ou reproduzi-los, deixando de lado nossa essência e valores culturais, por exemplo. É preciso que não se pense apenas no lucro, há de se ter compromisso social, comprometimento com o futuro, dar um basta ao que é imposto pelas artimanhas do marketing milionário.

Conexão Literatura: Cite um fato marcante na sua carreira até agora?

Luiz Carlos Freitas: Sou um humilde e desconhecido aprendiz de feiticeiro

Conexão Literatura: Como você vê o atual cenário literário brasileiro? Há futuro, em que pese os baixos índices de leitores no país?

Luiz Carlos Freitas: Estou otimista. Não desconheço a realidade, sei que há muito por fazer para despertar e conquistar novos leitores, mas creio que a tendência é positiva. Apesar da hegemonia das redes sociais, apesar do mal causado pelo uso exagerado da internet, eu creio que o Brasil ainda será um país de leitores. Desde que haja políticas públicas sérias de incentivo à cadeia do livro, desde que a Academia e os poderes constituídos

das letras, não me vêm à mente fatos marcantes – talvez porque não os tenha. Exceto um recente, em que fui alvo do ódio, do extremismo, da ignorância: antes do primeiro turno das eleições municipais do ano passado, postei nas minhas redes sociais um texto abrindo meu voto em favor do candidato de esquerda. Deu ruim! Deu polêmica. Muitos me apoiaram, alguns me criticaram. Normal. Não fosse por uma postagem de uma mulher, de extrema direita, afirmando que havia “queimado na churrasqueira” todos os meus livros que adquirira ao longo dos anos. Isso me deixou bastante chateado. Até pensei em responder, mas desisti. É insensatez bater de frente com um muro feito de estultice e cólera. Vida que segue!

Conexão Literatura: Novos projetos em andamento?

Luiz Carlos Freitas: Sempre. Estou escrevendo um novo livro, em abril lanço o romance psicológico Tons de vermelho-sangue, em junho, dia 21, às 14h30, ocorre o lançamento nacional do Confissões de um cadáver adiado, na Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, juntamente com outros autores da Editora Urutau, que terá estande próprio no evento. Talvez também participe da FLIP... Por aí!



Entrevista exclusiva com Margareth Bruno

POR ADEMIR PASCALE

Margareth Bruno - Foto divulgação



Bacharel em Jornalismo. Pós-Graduada em Escrita Criativa. Pós-graduanda de Neurociências, Filosofia e Linguagem. Teóloga. Capelã. Estudante de Psicanálise. Membro efetivo da Academia Mundial de Letras da Humanidade (AMLH), membro da Academia dos Intelectuais e Escritores do Brasil (AIEB), membro da Academia Intercontinental de Artistas e Poetas (AIAP Brasil). Receberá no dia 10/01/25 a Comenda de Mulheres de Destaque e Honra na Associação Internacional dos Embaixadores da Paz no Brasil (AIEB). Faz parte do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e da União Brasileira de Escritores. É voluntária no Projeto Justiceiras, sendo rede de apoio e acolhimento para mulheres vítimas de violência. Faz parte do Grupo Mulheres do Brasil.

É autora dos livros “Fragmentos Palavras no Silêncio da Noite” e “Lila A Nuvenzinha que Descobriu a Alegria de Chover”. É coautora de quatro antologias poéticas “Viva Poesia”, “Folhas de Outono”, “O Inverno Chegou” e Brasilidades. Em 2025 irá publicar dois livros que estão em fase de produção com as editoras.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Margareth Bruno: A imersão no mundo literário começou quando criança. Sou autista e desde pequena, por volta de seis anos de idade era muito focada em livros, sendo que a escrita e livros são hiperfocos que acompanham minha vida. Minhas primeiras leituras foram: Gibis da Turma da Mônica, Pato Donald, Tio Patinhas, Bíblia Sagrada, A Metamorfose de Franz Kafka, Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões, A Hora do Amor, A Hora da Luta de Álvaro Cardoso Gomes e dicionários e enciclopédias, passava horas lendo. Na solidão comecei a desenvolver a escrita, pequenos textos e frases, como forma de expressar meus sentimentos e pensamentos. A partir da quinta série os professores de português começaram a perceber meu processo criativo e fascínio por literatura e começaram a incentivar minha escrita por meio de doação de livros e redação. Desde então, meu amor pela escrita e literatura aumentou.

Conexão Literatura: Você é autora dos livros Fragmentos - Palavras no silêncio da noite e Lila - A nuvenzinha que descobriu a alegria de chover. Poderia comentar?

Margareth Bruno: No meu livro Fragmentos Palavras no silêncio da



noite, há poemas que comecei a escrever há mais de quinze anos. É um convite à reflexão sobre o mundo e relacionamentos por meio de um olhar crítico, existencialista, esperançoso e melancólico. Existe o jogo de palavras em cada texto, possibilitando uma leitura diversa, dinâmica, pessoal e infinita da realidade. Esta obra é resultado do olhar introspectivo e extrospectivo, tendo como objetivo estabelecer uma conexão direta com o leitor, lembrando-o da necessidade de sentir com intensidade e pensar com profundidade, algo que tem sido ignorado no mundo tão veloz e superficial em que vivemos, onde as

peças vivem em constante negação, desligando ou deletando sua vulnerabilidade e verdade.

Eu amo contar histórias para meus filhos, principalmente antes de dormir. Sou mãe de três crianças, sendo que duas são autistas. E o livro Lila A Nuvenzinha que Descobriu a Alegria de Chover, surgiu nesse ambiente materno, lúdico e repleto de emoções. Minha infância e meus filhos foram a inspiração para o livro. Vejo a necessidade dos meus filhos e de outras crianças, entenderem e aceitarem os sentimentos e emoções. Tudo bem chorar. Tudo bem ter medo. Isto faz parte de nossa essência como ser humano. Podemos crescer e aprender com as dores e lágrimas de chuva. Não é feio ou errado aceitar a vulnerabilidade. É uma história onde as crianças podem aprender a importância de enfrentar seus medos e desafios, e descobrir que todos temos um papel importante no mundo. É uma verdadeira lição sobre coragem, amor e amizade.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Margareth Bruno: O processo criativo surge a todo momento. Na rua, em casa, ao escutar uma música e até mesmo quando estou dormindo. Não há um padrão para a criação de um texto ou livro. Sempre tenho comigo

um caderno, caneta e celular onde posso fazer minhas anotações. As inspirações dependem do estado de espírito e contemplação do outro e do mundo. Diariamente busco ficar envolvida no mundo literário e artístico. Sempre tento me afastar das agitações que bloqueiam a criatividade e sensibilidade.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Margareth Bruno: Vou citar um trecho do poema Desesperança. Esse texto é um grito e crítica sobre o que está acontecendo no mundo. É uma chamada à necessidade da contemplação de si e do outro, de estarmos envolvidos com o mundo em que vivemos.

Todos caminham entre medo e esperança

Sendo espectadores dos fatos

Há um equilíbrio emergindo no coração

Tudo que se diz

Tudo que se faz

Gera uma nova estação

Tudo fica agitado

Neste mundo feroz

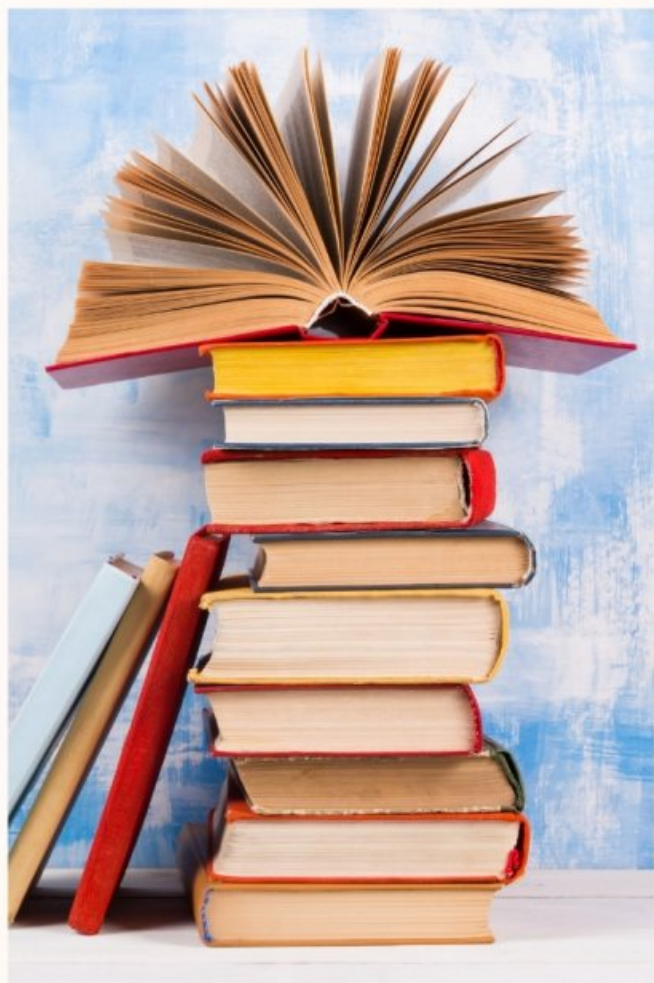
É hora de conversar

Sobre coisas marginalizadas

Pessoas sem nome

Estão ali embaixo

Nas guerras



Nas ruas
Coisas insensíveis
Coisas empoeiradas

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Margareth Bruno: O livro *Fragmentos Palavras da Noite* está disponível na loja virtual da Editora Literando, Uiclap e Amazon.

O livro *Lila A Nuvenzinha que Descobriu a Alegria de Chover* está disponível na Uiclap e Amazon.

Também podem me procurar no Instagram @margareth_bruno_ e adquirir o exemplar autografado e conhecer meus livros e biografia.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Margareth Bruno: Segundo a sexta edição da pesquisa *Retratos da Leitura* realizada no Brasil em 2024 pelo Instituto Pró-Livro (IPL) os brasileiros estão lendo menos. Somos cerca de 93 milhões de leitores atualmente, enquanto, que na pesquisa realizada em 2019, éramos cerca de 100 milhões. Isto é algo preocupante, pois mesmo com o fácil acesso a livros digitais e físicos, houve uma redução de 6,7 milhões de leitores no Brasil. Temos um longo e árduo caminho pela frente, para mudarmos essa realidade. Mas acredito que a realidade da leitura no Brasil pode mudar para melhor por meio da realização de boas políticas públicas, e da união dos governantes, editoras, professores, escritores e família.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Margareth Bruno: Sim. Este ano de 2025 serão publicados dois livros infantis. Também participarei de algumas antologias.

Perguntas rápidas:

Um livro: Memórias do Subsolo de Fiódor Dostoiévski

Um ator ou atriz: Julianne Moore

Um filme: Para sempre Alice

Um hobby: livros (meu sonho ter uma biblioteca em minha casa)

Um dia especial: Quando me tornei mãe

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Margareth Bruno: Sim. Deixo a seguinte reflexão: Faça tudo com amor e por amor. E nunca desista dos seus sonhos por mais difícil e improvável que seja. Digo isto, porque minha história é feita de superação, devido autismo, internações e dificuldade socioeconômica que passei na maior parte de minha vida. Não foi fácil, mas cheguei até aqui. Também Agradeço a Revista Conexão Literatura pela oportunidade de contar um pouco de minha história e trabalhos.



Entrevista exclusiva com Miriam Santos

POR ADEMIR PASCALE

Miriam Santos - Foto divulgação



Nascida em 16/09/79 numa cidade do interior da Bahia, chamada Ribeira do pombal, precisamente no povoado/ Barroço.

A sexta filha de dez filhos do casal, Adonias Alves dos Santos e Mariana Conceição dos Santos.

Pedagoga e durante quinze anos exerceu seu ofício na educação em sala de aula, também como secretária e diretora escolar e m duas escolas distintas.

Hoje também escritora e trabalhando com idosos em Portugal...

fazendo algumas formações sobre parentalidade.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Miriam Santos: Como sempre tive o sonho de escrever um livro, e sempre fui uma pessoa que gostava de ler. Em 2020 em meio a pandemia, comecei escrever para ocupar a mente e colocar em prática esse sonho, então, veio toda essa

problemática vivida e desejo por compartilhar esse tema com o leitor.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Alguém me ouça, por favor”, poderia comentar?

Miriam Santos: É um livro que retrata minha experiência em quinze anos na educação, mostrando os conflitos internos vividos no ambiente escolar com os alunos que são considerados rebeldes e sem solução, tento chamar atenção para um olhar diferenciado e de amor.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Miriam Santos: No caso deste livro o processo de criação e inspiração foi todo baseado na minha experiência vivida e pelo sentimento de angústia e impotência de querer fazer algo, mas não saber como. A minha intenção foi de chamar atenção da sociedade em geral para um despertar de um sentimento empático com a classe de educandos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Miriam Santos: "Em muitos momentos deixamos de ouvir porque achamos que é pouco só ouvirmos se não



fizemos nada. Porém, a escuta é transformadora e tem o potencial de tornar as coisas grandiosas para quem está ouvindo ou para quem está à procura de alguém que te ouça e que você possa falar, falar e simplesmente falar" (cap.2.3, parágrafo 3. pág.29).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Miriam Santos: Através das minhas

redes sociais, Instagram e Facebook (Miriam Conceição dos Santos)E também no site da editora Atlântico, da Astrolábio e livraria Ipê das letras pode adquirir meu livro.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Miriam Santos: Infelizmente nosso país não instiga o gosto pela leitura e isso acaba sendo um dos grandes problemas para o futuro e desenvolvimento da nação, essa desinteresse começa na família, muitas pessoas que ofereci meu livro, inclusive pais de alunos, me responderam que não gostavam de ler e tinha preguiça, penso que ainda falta algo maior na sensibilização para leitura ser parte importante em nosso país...

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Miriam Santos: Sim, antes eu já tinha vontade de escrever um livro na linha da literatura religiosa. Então depois que terminei o livro "Alguém me ouça por favor" comecei a escrever meu relacionamento de fé com Deus, pois sou cristã praticante, logo depois descobrir um câncer de mama e continuei a escrever, desta feita relatando detalhes deste processo de tratamento e cura, porém continuo em fase de construção.

Perguntas rápidas:

Um livro: Bíblia

Um ator ou atriz: Maggie smith

Um filme: Uma carta de amor

Um hobby: ver filmes

Um dia especial: primeira viagem internacional

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Miriam Santos: Sim, gostaria de enfatizar que o livro "Alguém me ouça por favor" é um livro importante para profissionais da educação, pais e sociedade em geral, pois traz um alerta e um pedido de socorro para essa geração de alunos que não tem muita esperança na realidade em que estão inseridos.

Entrevista exclusiva com Roberto Luiz Bob

POR ADEMIR PASCALE



Roberto Luiz Bob - Foto divulgação

Roberto Luiz, o Bob, é professor de Língua Portuguesa e Literatura e pai de três gatos – Capitu, Bentinho e Sancha. Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, é apaixonado pela sala de aula e pela arte literária (e pela franquia “Jurassic Park”). Explorador inquieto do reino das palavras, como criança, brinca de poesia no chão da realidade com seus “amigos” Manoel de Barros e Adélia Prado. Sua primeira experiência como leitor foi a partir dos gibis da Turma da Mônica; por esse motivo, é fã de carteirinha do Mauricio de Sousa.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Roberto Luiz Bob: Nos bastidores do ofício de professor, alguns poemas surgiram timidamente e ficaram arquivados em blocos de notas. Durante a pandemia (2020 – 2023), as circunstâncias instáveis colaboraram para que as produções poéticas se intensificassem. Esse exercício potencializou meu espírito criativo, além de haver

contribuído como instrumento terapêutico para o autoconhecimento. A partir do retorno positivo das postagens dos poemas em redes sociais, alimentei-me de coragem para a publicação do primeiro livro e da concepção de que havia me tornado um escritor.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Lápis de cor". Poderia comentar?

Roberto Luiz Bob: A poesia, assim como toda manifestação artística, é um convite à contemplação da fantástica potência da vida; é um apelo para a redução da velocidade do cotidiano; é um alerta para o (re)descobrimento de si mesmo. A partir dessa reflexão, surge o poema que dá nome ao livro, uma homenagem ao jovem Vinicius Castro, querido ex-aluno, que nos deixou em 2021 de maneira trágica. "Lápis de cor" é uma obra – despretensiosa, mas repleta de segundas intenções – que reúne alguns instantes de afeto materializado em palavras como forma de conectar vida, tempo e amor. Três grandes mistérios que assumem novas cores e conduzem a nostálgicas ou inusitadas reflexões a cada leitura.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Roberto Luiz Bob: Os textos

www.revistaconexaoliteratura.com.br



costumam brotar de inquietações, motivadas ou não por acontecimentos do dia a dia. E, dependendo da estrutura – versos livres ou metrificados – seu processo de elaboração pode variar. Um soneto, por exemplo, pode levar dias para ser concluído. No entanto, geralmente o eixo temático conduz a criatividade e provocam os signos verbais para novas aventuras, e os poemas ficam prontos antes do amanhecer. Ah, sim, as inspirações geralmente ganham vida durante a madrugada.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente

para os nossos leitores?

Roberto Luiz Bob: Deixo aqui, para degustação, “O fio da vida”:

A vida passa
pelo risco das escolhas;
pelo traço do destino;
pela linha de expressão;
pelo cordão umbilical;
pela curva das letras;
pela folha que voa;
pela gota que escorrega;
pela frequência cardíaca;
pelo remendo da camisa;
pela cicatriz na pele;
pela direção dos sonhos.
Estamos sempre por um fio.

Esse poema nasceu em janeiro de 2023, quando minha vovó, depois de 20 dias de internação devido a complicações no pulmão, despediu-se deste mundo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Roberto Luiz Bob: Para adquirir o “Lápis de cor”, basta entrar no site da Editora Telha ou acessar o link na minha bio do Instagram (@bob.robertoluiz). A partir dessa conta, também é possível acompanhar meus trabalhos como professor e escritor.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Roberto Luiz Bob: A leitura (e agora serei bem óbvio) – hábito imprescindível para o aprimoramento da escrita, elaboração da argumentação, manutenção do senso crítico, estímulo da criatividade e elevação do processo comunicativo – é, infelizmente, um desafio no Brasil devido a uma ineficiência da sua prática cultural. Entre tantos fatores que contribuem para esse prejuízo, destaco a substituição do livro por um smartphone desde a primeira infância.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Roberto Luiz Bob: Vem aí o segundo livro: “Apontador”, obra que reunirá novos “poemas-convites” para a contemplação do instante e o desbravamento dos bastidores do cotidiano. O projeto já está em andamento e pretendo concluí-lo em junho deste ano.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Grande sertão: veredas”, de João Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Matheus Nachtergaele

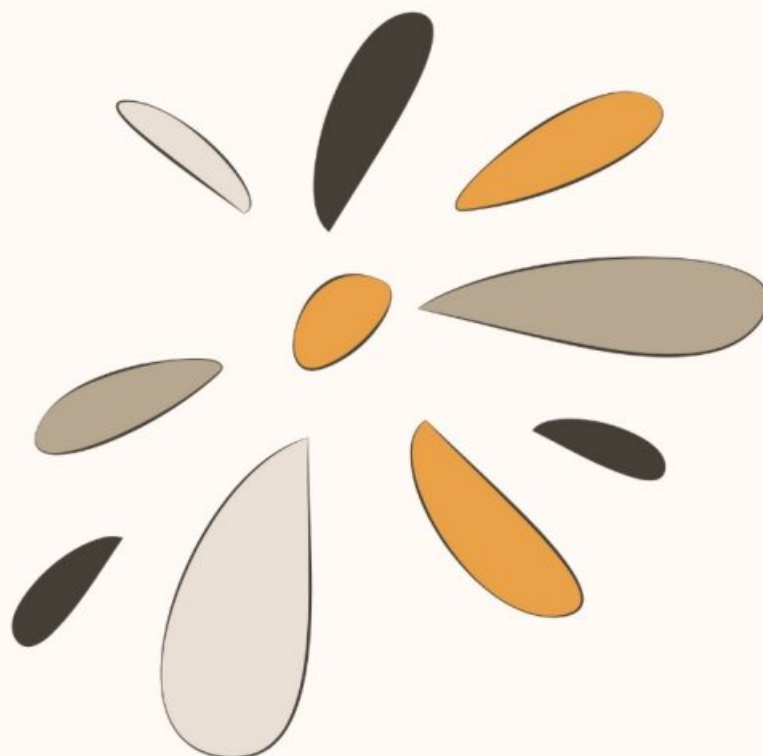
Um filme: “A Lista de Schindler”, de Steven Spielberg (“Jurassic Park” também!)

Um hobby: colecionar dinossauros (livros, álbuns, brinquedos, réplicas, pelúcias)

Um dia especial: no dia 21/09/2024, durante a FLIM (Festa Lítero Musical), na presença da minha tia Inês, de amigos queridos, alunos e ex-alunos, realizei o lançamento do “Lápis de cor” e ganhei uma manhã de autógrafos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Roberto Luiz Bob: palavras têm som, calor, beleza, aroma e cores e podem redimensionar a vida por meio da arte literária. Abracemo-nos com poesia.



Citações de Grandes Autores





“Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.”

Clarice Lispector - A hora da estrela, Rocco, 1998

“De que adianta
falar de motivos, às
vezes basta um só,
às vezes nem
juntando todos.”

José Saramago





Ademir Pascale - Editor



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br

POR GILMAR DUARTE ROCHA

A TRAVESSIA



Ismael a muito custo conseguira voltar à margem do caudaloso rio D'alma. Era meio dia e o sol a pino torrava os miolos de qualquer ser vivente naquele meio de mato. A temperatura dobrava de intensidade e matava vivo qualquer ser que respirasse ao relento, o que demandava abrigo imediato debaixo de uma frondosa árvore, abundantes naquela região.

Ele saíra de casa de manhã cedo, aproveitando a carona de barco de um pescador amigo de sua família de nome Antônio da Morte, que estava de mudança, juntamente com a sua prole, para tentar a sorte na capital, distante seiscentos quilômetros de selva daquele mundo inóspito.

Ismael tinha quatorze anos. Menino, para o padrão burguês e pequeno-burguês das cidades e dos latifúndios; mas gente grande, mão de obra bruta e necessária para angariar recursos no caso de famílias carentes que habitavam aquela região ribeirinha. A situação específica de Ismael piorava porque a mãe, que mal passara dos trinta e poucos anos, contraíra o Mal de Chagas e não tinha forças sequer para cuidar dos serviços básicos domésticos, como lavar roupa, passar e fazer comida. As suas irmãs menores, Maísa de 12 anos; Ana Flor, de 10, é que praticamente cuidavam dos afazeres domésticos da casa. Restava à mãe forças apenas para cuidar das hortaliças no quintal e vigiar os irmãos menores Samuel, de 8, Maria do Ó, de 6, e o pequeno Pedro José, de 3 anos. O seu pai, Otacílio, era um morto-vivo por assim dizer. Passava os dias escornado numa cadeira de rodas, cedida por um benevolente padre missionário, depois que fora acometido de um AVC de grandes proporções, deixando-o praticamente em estado tetraplégico, quase um vegetal, demandando os cuidados e a atenção onipresente da irmã mais velha, Ira, de 16 anos.

Ismael era, por conseguinte, o esteio e o arrimo da família. Todo santo sábado tinha que atravessar o rio D'alma; andar quase quinze quilômetros e vender na feira de Bom Despacho, um arrabalde de pouco mais de mil habitantes, dez ou doze quilos de mirtilo (blueberry), uma fruta rara na região, mas que prosperava com fertilidade no âmbito da pequena propriedade deles. Era uma dádiva, pois o mirtilo era a fruta mais cara do mercado de Bom Despacho e geralmente era revendida para consumo de famílias mais abastadas na capital.

Ismael saíra de manhã cedo com o cesto de mirtilo nas costas; vendera-os em questão de poucas horas no mercado. Com o dinheiro auferido, comprou uma cesta básica de alimentos; alguns biscoitos; remédios genéricos para os pais. Colocou tudo no cesto que trouxera o mirtilo e voltou para casa, caminhando, carregando o fardo nas costas (que agora pesava o dobro) por volta das dez horas da manhã. Geralmente alcançava a margem do rio D'Alma ao meio-dia em ponto, como foi naquele dia.

Acontecia que em tempos de chuva, os rios da região, principalmente o rio D'Alma, cresciam e transbordavam. Assim, nessa época de cheia, Ismael não podia usar a sua pequena e frágil canoa para fazer a travessia da sua casa, que ficava na margem oposta do rio. Dependia sempre de carona de algum vizinho, que geralmente possuíam embarcações de maior calado.

Vinte minutos de espera embaixo de um pé de um jequitibá-rosa, eis que apareceu Simeão, um sujeito de comportamento esquisito, que sempre precisara da ajuda do seu pai enquanto este tinha vida plena e saudável, mas que, ultimamente, afastava-se inexplicavelmente da sua família. Viu que o homem e mais dois filhos adolescentes se encaminhavam para a clareira onde os ribeirinhos do lado oposto guardavam os barcos em época de cheia e perguntou:

— Seu Simeão, hoje não pude atravessar com a minha canoa. Daria para senhor me dar uma vaga no seu barco?

Simeão, um campônio alto, magro, de cabelos longos e desgrenhados, de barbas compridas e sobrelhas fartas, que escondiam os olhos fugidios e sombrios, mal virou o rosto para Ismael e respondeu:

— Trouxe carga demais hoje, rapaz. O barco está pesado e o rio está perigoso. A correnteza aumentou. Não está vendo? Espere o próximo barqueiro.

Ismael abaixou a cabeça e resignou-se. Olhou em direção ao tronco de árvore improvisado para amarrar os barcos na clareira e viu que só restavam apenas duas embarcações. Iria esperar a boa vontade de um daqueles dois barqueiros que iriam atravessar fatalmente o rio ainda naquela tarde.

Passaram-se uma, duas horas e Ismael aguardava sentado embaixo do pé de jequitibá, pensando na vida e vendo que as águas da margem do rio avançavam e avançavam. Aguardaria, renitente, a chegada de um filho de Deus.

De repente, colocou a mão no bolso da calça e retirou um pequeno pedaço de papel onde sua mãe havia rabiscado algumas garatujas, e, no meio das garatujas, havia o recado de um remédio que ele não poderia esquecer de trazer e que era um remédio vital para a manutenção da vida de seu pai, medicamento que o próprio Ismael havia esquecido de comprar na semana anterior.

Ele suou frio. Angustiado, abriu o cesto para se certificar de que havia comprado o medicamento. Havia. Respirou aliviado. O problema agora era realizar a travessia levando todos os mantimentos e os remédios de maneira intacta.

Apesar do calor infernal, conseguiu alguns minutos de sono e sonhos. Sonhava que um dia seria dono de uma mercearia na capital, que teria um barco do tamanho de um navio, que conseguiria comprar livros para conhecer muitas coisas da vida, que moraria numa ampla casa de veraneio à beira da foz do rio D'alma e que colocaria todas as suas irmãs na escola...

Fora interrompido dos sonhos idílicos pelo barulho do trote de cavalos que chegavam à beira do rio. Desceram das montarias de aluguel um senhor conhecido e o seu ajudante. O homem de fartas banhas, conhecido pelo nome de pastor Everaldo, que chegara recentemente à região pobre, sem dinheiro e sem posses, mas que conseguira prosperar à custa de ajuda e dízimos em troca da pregação esporádica da palavra sagrada

ao campestinos ribeirinhos. Sim, seria ele, o cristão, o homem que difundia a palavra do Senhor e que não poderia lhe negar o transporte através das águas turbulentas.

Com a ajuda dos tropeiros, o sacro homem gordo transportava fardos e fardos de mantimento para a sua embarcação de grande calão, a maior das duas que restavam estacionadas.

Com a ajuda dos tropeiros e do ajudante, Everaldo colocou o grande barco à beira do rio. Foi nessa hora que Ismael, que se mantinha um pouco à distância, se aproximou do pastor e suplicou:

— Pastor Everaldo, sou Ismael, filho de Otacílio, o inválido. Eu preciso apenas de um pequeno espaço em seu barco para atravessar o rio e levar mantimento e remédios que o meu pai está carecendo.

O homem abundante olhou o rapaz com os olhos atravessados e devolveu:

— Sinto muito, garoto. O rio está perigoso hoje e não posso correr o risco de desperdiçar os mantimentos dos nossos cristãos que se abrigam na minha fazenda. O que a gente está levando já está muito pesado e qualquer peso à mais pode custar as nossas mercadorias e as nossas vidas.

O homem das palavras sagradas virou às costas ao pobre rapaz e ordenou que os tropeiros empurrassem o barco rio abaixo.

Veio então à mente de Ismael as palavras que aquele homem sempre repetia nos seus sermões, como: “De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. Palavras do evangelista Tiago.”

Ismael acreditava nas palavras da salvação. Estava cada vez mais convicto que essas palavras eram sábias e que elas faziam efeito na boca de quem tinha fé e que ele era um rapaz de fé. Iria esperar o dono do último barco que restava estacionado no centro da clareira.

Entre a fé e a esperança existe algo chamado desespero. Algo imensurável, humano, às vezes, incontrolável. A tarde se esvaía; as horas passavam; o sol começava a se esconder no horizonte se despedindo com o lançamento de raios e luzes de cor alaranjada ao longo do curso do imenso rio. A noite abria o seu manto de ébano.

Ismael tinha tudo para se desesperar, mas lembrando-se das palavras da salvação, que foram passadas para a família deles justamente através do insensível pastor Everaldo, ele persistiu orando e torcendo para que o dono do último barco surgisse logo, pois à noite, em breu, era praticamente impossível realizar a travessia do grande rio revolto e seu pai, sem o remédio, dificilmente veria o sol do dia seguinte.

Cerca de seis, seis e dez da tarde/noite, ele ouviu tiros e gritos. Ismael procurou uma outra árvore mais próxima e se escondeu atrás de um tronco. Os tiros chegaram perto e ele viu um mulato barbudo, desconhecido na região, correndo desesperado na direção do rio.

— Atirem — gritou uma voz grave. — Antes que ele entre no rio.

Assim que o barbudo fugitivo pisou o pé na água, um balaço atingiu as suas costas e ele desabou em sequência à beira d'água.

— Pegamos o bandido — essas palavras foram proferidas por um policial conhecido de Ismael, que observava todo o movimento, escondido atrás da árvore. Ele percebeu que o policial era o chefe de polícia de Bom Despacho. Após abaterem o bandido, o policial deu ordem aos dois recrutas que o acompanhavam:

— Amarrem uma corda nos pés desse miserável. Vamos arrastá-lo até Bom Despacho. É a última vez que ele ataca gente trabalhadora como o velho Atanásio da Paz. O pobre do velho foi transportado para a capital. O ferimento foi grave.

Os policiais foram embora arrastando o bandido morto.

A noite avançava. Quando notou que os policiais se foram, Ismael saiu do seu esconderijo e ficou matutando sobre o nome Atanásio da Paz. Um estalo, então, um clarão veio à sua cabeça: Atanásio da Paz era um comerciante de açaí que socorreu várias vezes o seu pai — financeiramente — no tempo em que seu pai estava bem de saúde.

Outro estalo, outro clarão, que parece ter vindo direto do céu, que principiava a ficar estrelado. Foi correndo até a clareira e passou vistas no último barco que restava atravessar o rio e que o dono ainda não havia aparecido.

Ismael não sabia ler corretamente, mas sabia as letras do alfabeto e sabia soletrar alguma coisa. Correu os olhos curiosos e viu 4 letras garrafais (a primeira seguida por um ponto) pintadas em negro no costado do barco de cor branca:

A.PAZ

— A. A. Pê a pa – paz. Paz. Esse é o barco do senhor Atanásio da Paz, que mora no Vale do Açaí, três quilômetros depois de nossa casa. Vou levar o barco para a família dele e avisar que ele está ferido e que foi levado para um hospital na capital.

Um barco de cor branca, bom, potente, de quatro remos, mais só dois eram usados naquele princípio de noite, atravessava o rio caudaloso sem muita dificuldade, apesar da forte correnteza. Na travessia, Ismael não levava apenas mantimentos, remédios, notícias para a outra margem do rio: levava consigo fé e esperança.

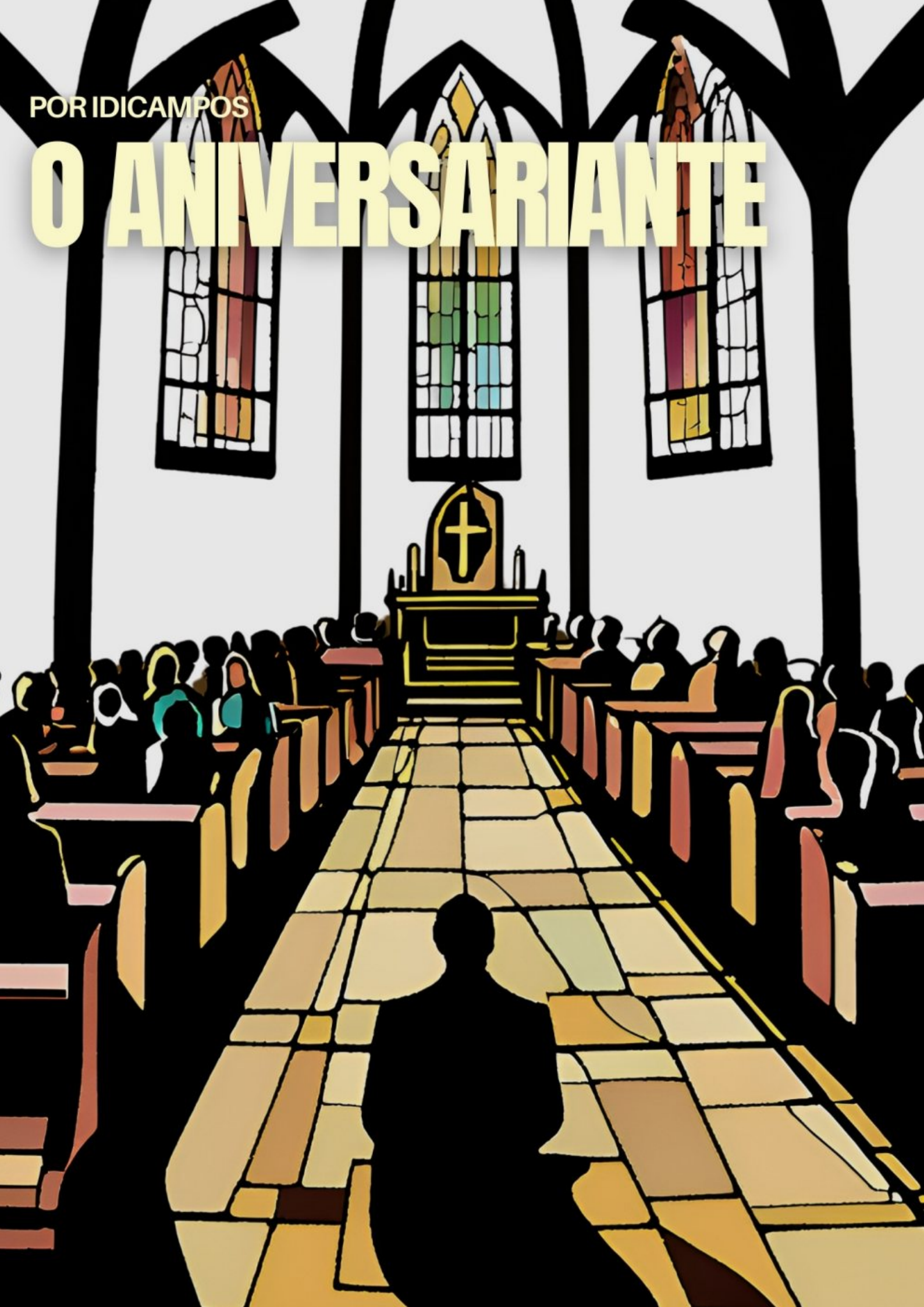
Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



Mergulhar em uma
história é como
**explorar um novo
planeta.**

POR IDICAMPOS

O ANIVERSARIANTE



O comércio estava arrumando a casa, a economia bombava, o desemprego caía, a inflação havia tomado uma rasteira. Até o padre da paróquia de Belford Roxo foi visto no shopping fazendo umas comprinhas.

Tanta prosperidade alcançava uma parcela pequena de Belford, a distribuição de renda continuava a quem de uma sociedade contemporânea rica. Constituíam um momento propício para a melhoria de qualidade de vida de todos, porém insistiam na ciranda dos costumes: sendo uns poucos endinheirados e a massa no limite da miséria.

O natal daquele ano insinuava prosperidade, os irmãos permaneciam unidos aos trancos e barrancos, a fé enfrentava a montanha da discórdia; as crianças, ainda puras, refletiam no olhar o amor pelos pais. As coisas iam tão bem que se vendia menos cachaça, as pessoas almejavam à sobriedade dos novos tempos.

A manhã do dia 24 de dezembro encontrava o assistente do vigário lavando as escadarias da Igreja de São Sebastião. O sacristão deixava os degraus tinindo de limpeza, quando escutou uma súplica: — Homem de Deus, dai a este pobre o quê comer!

O pretenso seminarista respondeu com uma mão aberta, sugerindo aguardar um instante. Ingressou no interior do salão, retornando com café e pão para três pessoas. Dois adultos de meia idade mais um pequeno de colo.

O religioso indagou: — Pra onde vão?

— Caminharemos, reto, rumo ao poente do Sol. Completou o andarilho.

— Comemorarão o natal adiante?

A mulher falou: — Perdemos tudo na enchente, passaremos a data no sereno.

— São nossos convidados para a ceia na Igreja de São Sebastião.

A família brilhou, unida, com aquela compaixão: — Obrigado, senhor, receberás da providência divina em dobro!

O sujeito trouxe-lhes toalhas, sabonete, mas também roupas limpas. Assearam os corpos, descansaram no quarto de hóspedes. A tardinha, revigorados, partiram pro trabalho, em quanto o pai lustrava as imagens, o filho de olhos abertos observava o azul do céu e a mãe esquentava o umbigo no fogão preparando os quitutes para a festa.

Padre Sebastião, trancado nos aposentos, retirado em contemplação, alienado da visita dos pobres, levava o pensamento ao arquiteto do universo, clamava pela paz na

Terra. Implorava ao criador, de joelhos, a evolução espiritual da humanidade. O recolhimento do vigário no natal começava após o café, indo encerrar às 17h.

Então, descansava os joelhos, tomava um banho, assumia a missa do galo às 18h, em ponto, recebia os católicos balbuciando as palavras próprias da ocasião. A missa tradicional do aniversário de Jesus era rezada no Vaticano às 24 horas; em desacordo com a Igreja Católica Romana acontecia em Belford Roxo às seis da tarde, dado o aumento desenfreado da violência na Baixada Fluminense.

A mulher distraía a mente fritando rabanadas, refletia sobre o futuro da família, lembrava da sua sina de lavadeira, torcia para o peão da prole arrumar ocupação na construção civil. O destino deles dependia do mercado de trabalho, extrapolava os meandros da fé, necessitava de realidade objetiva, de uma conjuntura social favorável.

O Sol despedia-se no fim do dia, o sacristão badalava três vezes o sino: — Blem! Blem! Blem! Os devotos um a um ocupavam os bancos na paróquia — uma plateia surreal — desde o arrependido ao culpado, do estelionatário ao sábio, do electricista ao cego.

Na primeira fila, o prefeito de braços dados com a primeira-dama, os vereadores acompanhados das respectivas esposas, os secretários municipais, o delegado, o contraventor, mas também os maiores empresários do município.

Na segunda fila, os puxa sacos, as amantes, os garotos de programa, o dono do botequim, o gerente do movimento, o cara do banco, a dona da casa de massagem, o vendedor de linguça, o advogado, o professor, o médico, etc. Em fim, a classe média com o olho maior que a barriga.

Da terceira fila pra atrás a ralé, composta pelo cachaceiro, o vapor, a prima da rapaziada, o garotão de silicone, a menina de barba, os bissexuais, os trabalhadores do sistema, as guerreiras associadas aos cavaleiros de Deus, todas as tratativas da face dúbia da existência humana.

Dentre os descamisados estavam os viajantes, acolhidos na compaixão do templo, assistiam ao sermão do padre Sebastião. O padre desenrola as palavras sagradas, relembra a fala do Cristo: “Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei”.

Os capetas escondidos na multidão saem fora, é a hora do amor; todavia quem não é capaz de amar, seja moça ou rapaz, nunca terá coragem de defender, em público, ideia melhor que a via do coração. A mágica alivia a dor, conforta o espírito, cura as paixões doentias, serve-nos de lenitivo pras feridas do caminho.

O mentiroso desculpa-se com a verdade, o malvado flerta com a bondade, o careca aperta a mão do cabeludo, o magrelo abraça o gordinho. Num lapso curto enxergam-se

iguais, irmãos em comunhão, consequência do santo dia. São, em geral, os passantes da jornada, invariavelmente, lobos vestidos de cordeiros.

A vibração da oração transborda na boca do padre Sebastião: — Senhores e Senhoras, na saída da sacristia fui informado da visita de uma nova família na nossa comunidade.

— Padre Sebastião, esta família vem da zona sul? Participa a menina de vestido novo.

— Nem sei a origem.

— Provavelmente, católicos oriundos de Roma, a pedido do santo Papa. Vocifera seu Augusto, o anotador do jogo do bicho.

— Adorados fiéis, a distinta célula social advém da rua da amargura.

— Como surgiram aqui? Interroga a carola.

— Com fome, sede e ao relento.

— Devem ser uns vagabundos preguiçosos.

— Engana-se o prefeito, pois a senhora conduziu a ceia, o marido ajudou a arrumar a igreja. Interpela o sacristão.

O padre, apoiado na vocação, empondera o lamento: — Queridos irmãos, a família acomoda-se na última fila. Participarão, hoje, da ceia na igreja de São Sebastião, mas precisam de hospedagem e alimentação na passagem pro ano novo. Quem se habilita?

A primeira fila abaixou a cabeça, a segunda fingiu-se de rogada, a terceira pouco tinha pra ofertar, calada ficou. Assim, o padre solicitou a presença da família no altar. O cara, a dona e o recém-nascido no colo.

Padre Sebastião abraçou os necessitados, prosseguiu perguntando o nome dos flagelados. O varão anunciou a identidade da família: — Chamo-me José, ela Maria e a criança foi batizada como Jesus.

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

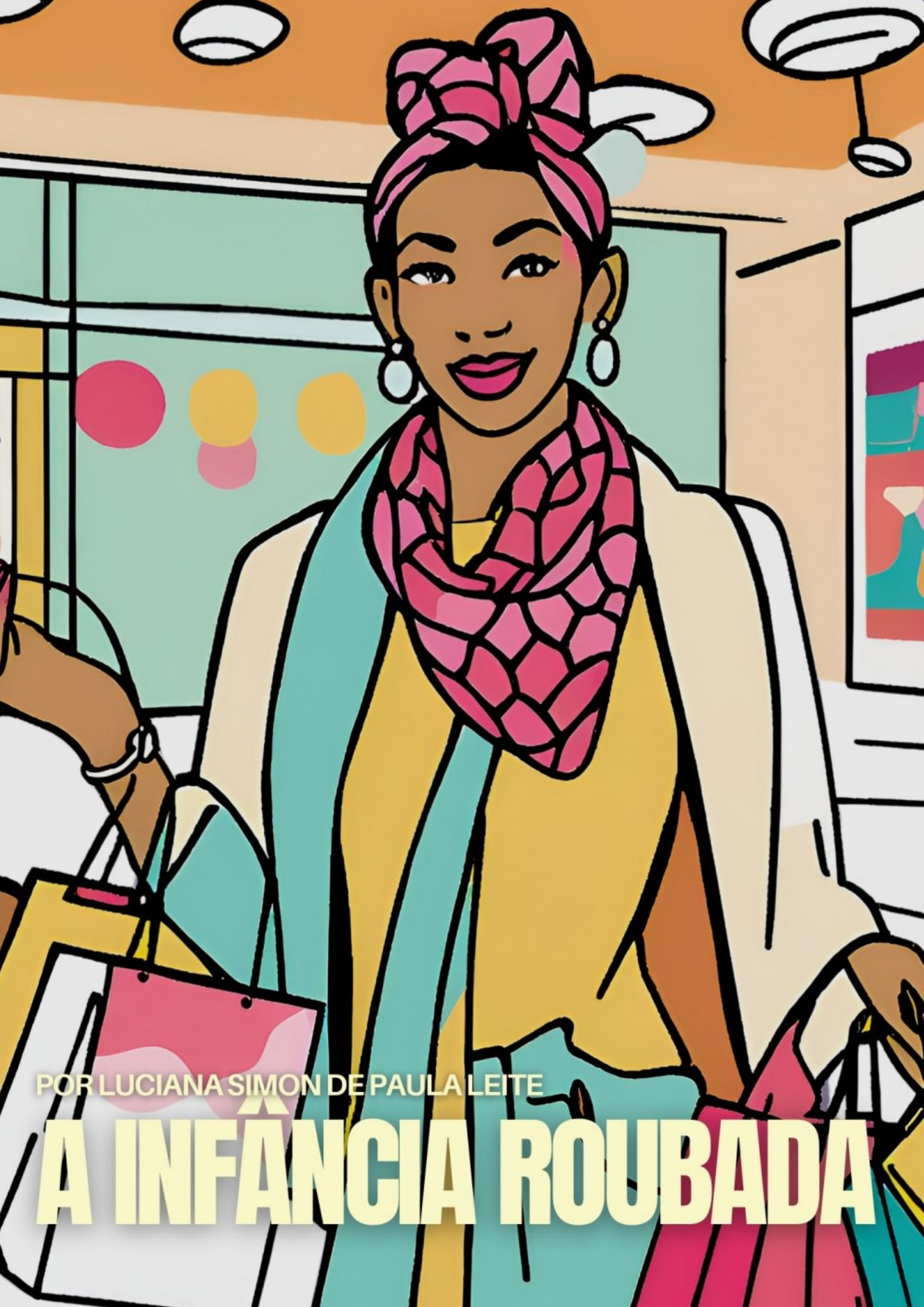
DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

- **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES
POR**
- R\$ 180**



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- e-mail: ademir@divulgalivros.org



POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

A INFÂNCIA ROUBADA

Alzira ajeitou o lenço, dando-lhe um nó forte na altura da nuca. Arrumou a sacola sobre o ombro direito e, puxando a menina, entrou alegremente no salão de beleza “New Woman”. Abriu seu melhor sorriso e já depositou no colo das freguesas suas mercadorias, bijuterias e itens contrabandeados do Paraguai, dentre o quais variados perfumes adocicados. Como fornecia percentual das vendas para a gerente do salão, Jaqueline, na ausência dos proprietários, sentia-se absolutamente à vontade.

-Bom dia, lindas mulheres! Sei que estão caprichando no visual, mas perfumadas e enfeitadas, nenhum homem vai resistir!

Embora os autocuidados femininos que eram ali realizados resultassem do desejo das frequentadoras do estabelecimento, Alzira, mulher esperta e vivida, sabia que a maioria ali se arrumava para maridos, namorados e afins. Puxou a menina, que dizia ser sua neta, quando era “alugada” de uma vizinha pobre e ordenou que a criança a imitasse na distribuição das mercadorias e repetisse com alta voz que as mulheres eram “lindas”.

Recusando o não como resposta, Alzira conseguia, até pela peculiar insistência, constranger e conduzir as clientes a adquirir algum produto, ainda que apenas para se livrarem da exposição pública e de sua presença. Para melhorar a argumentação, contava que todos seus sacrifícios se destinavam ao sustento da criança, sua netinha muito amada...

A criança tinha nome. Janaína. Possuía sete anos, era negra, muito mirrada, e usava três trancinhas feitas com displicência nos cabelos, meio soltas e sem enfeites.

Jana, como a chamavam, era uma das filhas mais novas de Maria, mãe solteira, a qual gerou nove filhos de pais diversos. Nenhum destes ficou ou se responsabilizou pelos cuidados com os filhos. Maria achava aquilo natural. Não foi diferente com sua mãe e fazia parte da natureza dos homens se afastarem após se desinteressarem sexualmente.

Alzira tinha acertado com Maria, aproveitando-se da miséria e abandono em que a segunda estava mergulhada, no sentido de que iria “ajudar” na criação das filhas. Dizia ela, não poderiam as meninas agir com “frescura” pois o importante era comer, ter o que vestir e onde dormir. Sempre as advertia, desde muito novas, atuando de modo semelhante com outras famílias, de que deveriam pensar nas mães e nos irmãos pequenos pois se adocessem ou morressem, seria delas a culpa....

A irmã de quinze anos de Janaína, Maria Aparecida, chamada de Cidinha por toda a comunidade do Morro Alto, onde viviam, havia sido aliciada por Alzira e era oferecida como prostituta para comerciantes do bairro. Alzira havia até mesmo plastificado um folheto contendo a “tabela” de preços para cada serviço oferecido ao cliente. Só inexistia a opção “beijo na boca”....

Jana percebia que algo estava errado com a irmã. Começou a se vestir de modo diferente, com roupas justas, vermelhas, pretas ou brilhantes, com decotes. Colocou unhas compridas de gel, sempre muito pintadas, que as vezes lhe davam ares de um ser vampiresco e muito perigoso. As alterações de humor de Cidinha eram constantes. Às

vezes, chegava cheirando a bebida e muito alegre, com a maquiagem um pouco borrada pelo suor do rosto. Em outras ocasiões, vinha triste para casa e em várias oportunidades Jana percebeu marcas roxas no rosto, braços e pernas da irmã.

A mainha, como lhe chamavam os filhos, parecia não perceber muito bem tais detalhes. Para Janaína sua mãe estava constantemente confusa, ora gritando com os filhos, ora com o olhar parado e aparência absorta, como se houvesse se desligado do planeta.

Talvez aquilo fosse natural para as mulheres. Terem muitos filhos. Oscilarem de humor. Aparecerem às vezes machucadas e tristes. Em outras, se mostrarem animadas e muito embonecadas. E claro, terem seus dias de puro ódio.

Tais pensamentos se apresentavam de modo alternado e espaçado na mente da menina. As imagens das lembranças se misturavam com as risadas das clientes do salão de beleza, o odor de algum perfume, a cor dos esmaltes, o cheiro do capuccino que parecia delicioso, mas nunca lhe ofereciam.

Jana queria ser como aquelas mulheres sorridentes quando crescesse. Mas por algum motivo, isso talvez não fosse para ela. Sua mãe vivia com os cabelos curtos que a vizinha Aurora aparava de vez em quando, retocando os fios brancos eventualmente, quando mainha conseguia encontrar alguma promoção em loja de cosméticos próximo ao mercado da Lapa.

Ouviu um estampido próximo aos ouvidos. Era Alzira, batendo palmas próximo a ela.

-Mas que menina avoadada, vamos embora! Ainda precisamos pegar o trem para Franco da Rocha, tenho clientes por lá. Tente se comportar porque senão te devolvo para sua mãe sem nenhum tostão e ela vai brigar com você hein!

E assim a pequena Janaína foi-se embora do cabeleireiro “New Woman”. Sua irmã Cidinha lhe havia explicado que essas palavras eram em língua estrangeira, inglês. Algo que ela não entendia e era bastante esquisito. Que mania sem sentido do povo não falar a própria língua.

Chegou em casa por volta das 18:30 horas, cansada e com fome após uma tarde inteira de correria, carregando sacolas para Alzira, que fazendo uma cara de santa dizia que ela era sua netinha querida e que morreria por ela. Que mulher mentirosa!

-Oi filha, tá com fome? Tem bolacha água e sal em cima da mesa e um resto de café fraquinho, vai pegar.

Assim disse mainha, sentada no degrau da cozinha da casa de tijolos expostos e sem revestimento, fumando incessantemente um cigarro Derby. Suas unhas estavam semi esmaltadas, pois a tinta vermelha estava descascando irregularmente, mais em algumas unhas do que em outras. Sua fisionomia aparentava tédio.

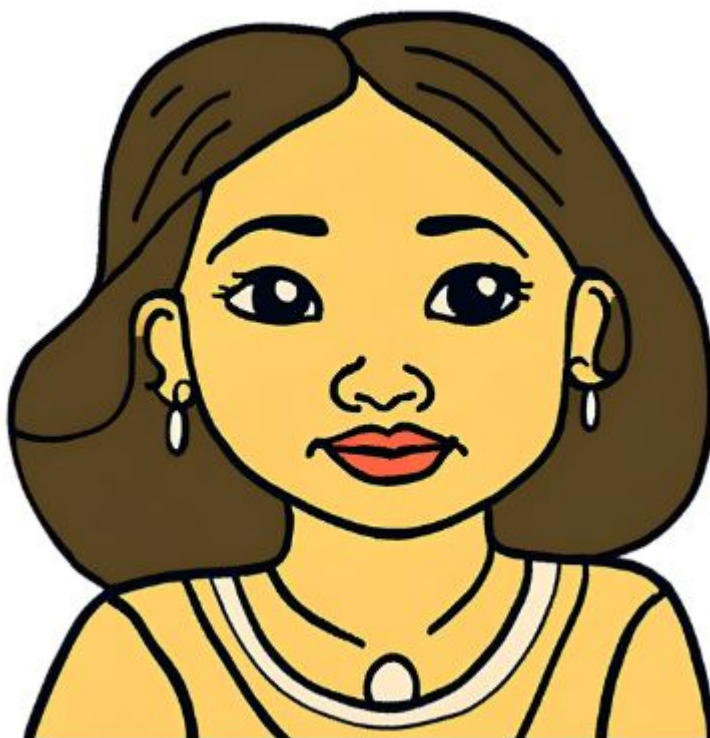
-Eu preciso é encontrar um namorado que trabalhe. Tô cansada de faltar um tudo nessa casa! Mas que porcaria de vida!

Jana apenas olhou desanimada para a mãe. Porque ela havia caminhado muitas horas quando poderia estar brincando de boneca ou correndo na rua de terra do local em que vivia, sem saneamento e asfalto. Era muito divertido fazer isso.

Já se sentia meio velha. E vinha em sua cabeça a advertência de mainha: vocês tem de aproveitar enquanto são novinhas para resolver a vida e encontrarem um companheiro! Não aguento mais tanta boca para dar de comer!

Talvez fosse nisso que devesse pensar. Não em brincar, sorrir, ser cuidada. Porque nesse mundo, para ela e sua família, o salão New Woman não parecia um local que um dia iriam frequentar.

Janaína. Uma das crianças cuja infância foi subtraída.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

PETS - CONTOS E POEMAS SOBRE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

VOL. IV

PETS

Contos e Poemas Sobre
Animais de Estimação

VOL. IV

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

E-BOOK



saiba mais: clique aqui



POR MÍ SANTIAGO

DUALIDADE

*Ainda me lembro delas...
Nunca soube o paradeiro das garotas
Mas as vozes do silêncio chamaram minha atenção*

Vivemos tempos obscuros, mas sempre estivemos assim nesta situação, como numa brincadeira infantil de esconde-esconde. Atualmente mais ainda por haver tanto ódio a tudo, agravado pelas mídias sociais, condenando o ser “diferente”.

Ao ler um conto muito interessante “Aqueles dois” do autor Caio Fernando Abreu recordei-me de imediato de duas garotas que as conheci no século passado aos oito anos de idade, quando passava uns dias em Poços de Caldas (MG) com minha saudosa mãezinha.

Me encantei logo que cheguei ao hotel, pequeno e gracioso rodeado de flores coloridas das mais diversas: rosas amarelas, brancas, vermelhas e laranjas; margaridas; flores do campo e orquídeas, que emolduravam o local. Os funcionários educados vieram pegar nossas malas. O quarto aconchegante tinha em cima de uma mesinha alguns chocolates, que rapidamente experimentei. Minha mãe riu de meu jeito, estava feliz.

Ofegante para conhecer “aquele mundo” de atrativos, nos deparamos na sala-de-estar perto da recepção com uma outra mãe, dona Amélia, uma mulher mais nova que a minha, sorridente e brincalhona acompanhada de uma menina fofinha e risonha, bem parecida com a mãe, era a mais nova.

- Essa é minha filha Mônica, diz a mulher à minha mãe apontando para a garota. Mas tenho outra pré-adolescente que está no quarto dormindo, é a mais velha de 12 anos.

Mônica, com dois anos mais que eu, logo se chegou a mim pegando em minha mão para brincarmos. E a interação nas brincadeiras nos uniu pelos dias da semana. Perguntando sempre sobre a irmã dela, Mônica desconversava.

Mas foi numa noite quando retornávamos de um passeio que nos deparamos com dona Amélia, que vinha acompanhada de um menino, foi o que pensei logo ao ver os trajés: shorts e camisa, tênis e boné. Ela ficou um pouco envergonhada nos cumprimentando apressadamente, falando que estariam passeando ou coisa parecida. O menino não nos encarou; a uns passos à frente da mãe a aguardou em silêncio. Ela se despediu de nós e se dirigiu ao filho, tocando-o a continuarem a caminhada.

A mãe foi andando e permaneci parada olhando para trás mirando o garoto: um pré-adolescente, franzino e estatura baixa. Ele deu alguns passos e como se pressentisse observado, virou-se discretamente me cumprimentando arqueando as sobrancelhas num leve sorriso balançando a cabeça.

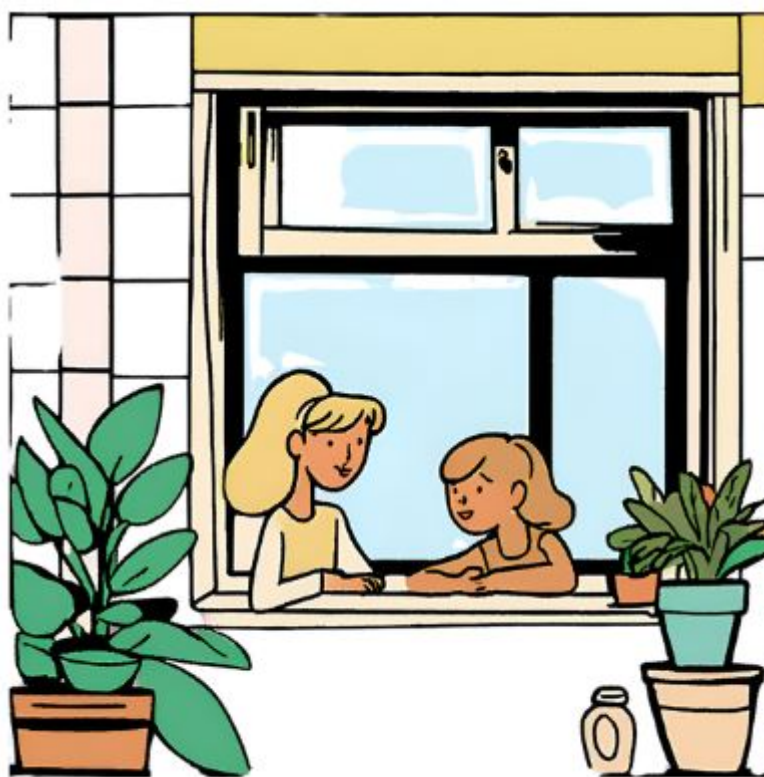
Após o café da manhã, dona Amélia veio ter com minha mãe, conversaram por mais de duas horas na sala-de-estar do hotel. Por vezes notei que ela tentava esconder lágrimas ao rosto.

No dia seguinte, vieram se despedir de nós, dona Amélia e Mônica nos abraçaram e beijaram, já que partiam para casa; eu e mamãe ficaríamos por mais dois dias.

Com a curiosidade aguçada que é de meu feitio até hoje, olhava a procura do tal menino, que veio logo a seguir, carregando uma mochila e bola. Ele se aproximou de mim e me disse adeus tocando em minha mão. Apesar do rosto feminino era bem mais bonito que a irmã. *Que garoto diferente com cara de menina*, pensei eu, que em pouca idade, não entendi a natureza da situação.

Anos depois assimilei que a irmã de Mônica era um menino-menina, expressão muito comum à época, e vestia-se em acordo à sua personalidade que a família tentava abafar em meio a vergonha de vizinhos, familiares e amigos.

À tristeza de minha compreensão, a pobre garota vivia à sombra da irmã, ela-ele era em modos e gostos reprováveis aos olhos da sociedade, encontrando no submundo um sentido de vida que acalentasse o seu silêncio.



Mí (Míriam) Santiago: jornalista e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o *start* para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura. Além de amar escrever, ainda se dedica à fotografia e leitura.

Contato: mirianssantos@gmail.com

<https://www.instagram.com/miriammorganuns/>

<https://www.facebook.com/miriam.santiago.372>

<https://miriammorganuns.blogspot.com/>

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



POR MÓNICA PALACIOS

UM ENIGMA...

A cidadezinha é simples, empoeirada, simétrica, com um clima pausado, sem emoções como uma sexta-feira prolongada. Até os pássaros voam longe e não cantam. Parece que ninguém escuta ninguém.

Poucos habitantes, só idosos. Muita familiaridade entre todos. Claro, convivem desde sempre e nenhum deles resolveu mudar nada. Progresso, procrastinar, inovar são termos inexistentes.

As novas gerações não suportam este marasmo, esta aparente apatia que só se altera uma vez por ano. Escolhem se mudar para cidades mais desafiadoras para conseguir estudar, trabalhar e assim viver intensamente.

Pais e avós permanecem inalterados, quase museus ambulantes, pouco se mobilizam porque o auto-abastecer-se parece ser a consigna. Hortas, galinheiros e criação de animais permitem o próprio sustento. Se escutam alguns sons de violinos ou bauzukis, o que traz reminiscências de povos gregos, aquelas vivendas dragões. Estes casarios são brancos... bom, eram brancos, com portas azuis. O pó muda os tons e os faz pintar e repintar. Quando alguém está na calçada até os poucos cachorros movem o rabo, ainda bem que resta algum movimento.

Alguns empresários aventureiros das capitais próximas arriscaram abrir uma quitanda, um salão de beleza... nada progrediu. Em Pithá, o progresso não encontra acolhida.

Uma vez ao ano as luzes das casas permanecem acesas, as ruas parecem revigoradas. Sim, perto do Dia dos Mortos a cidade fica alerta, tensa, em polvorosa. Faz mais de 35 anos, nesse período aparece pelas ruas da cidade, cada noite, uma mulher lânguida. Não permite nem encostar nela que desaparece e volta a surgir em outra esquina. Caminha com uma cesta de palha cheia de bolas azuis. Raramente olha para alguém, sua mirada é distante, fixa no infinito. O rosto é sereno e de rasgos fortes, olhos escuros e boca sempre vermelha.

Passeia pelas poucas ruas da cidade e aos poucos aquela cesta fica também empoeirada, as bolas já perderam o brilho do azul e se opacam. Ainda parece que falta outra escala no seu passeio. Chega no minguido riacho Calcis, senta-se e solta uma a uma aquelas bolas brilhantes. Não é possível escutar a sua mensagem ante cada bola lançada. Só a veem sorrir.

Sorri e, de pronto, desaparece.

Aos habitantes da cidadezinha só lhes resta aguardar o próximo mês. Esse enigma parece ser um dos poucos estímulos nessa desanimada Pithá.

Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.

Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



POR NEY ALENCAR

APENAS UMA HISTORIA DE FANTASMAS



Esta é apenas uma história de fantasmas tão velha quanto os velhos fogões ao lado dos quais as cozinheiras de antigamente costumavam se sentar para contar tais histórias às criancinhas que se sentavam de olhos arregalados aos seus pés!

Histórias de fantasmas são apenas isso e nada mais!

Não são verdadeiramente reais, assim como também não são reais os fantasmas que as habitam!

Às vezes, no entanto, a fantasia e a ilusão se confundem com a realidade, fazendo com que esta se torne ainda mais real!

Éramos quatro!

Era a noite antes do Natal e estávamos na grande casa de campo da família, um lugar que já tivera sua glória, mas que agora era apenas uma grande casa maio vazia onde os avós pareciam gostar de repousar, longe da cidade.

Não imagino uma noite mais silenciosa e soturna, já havíamos ceado e estávamos sentados no meio do chão do grande quarto deixando passar o tempo antes de irmos dormir, jogando contos de contar histórias de assustar!

O vento estava bem forte lá fora, estava caindo uma grande tempestade de verão, pois geralmente é isso que acontece ao sul do equador, não temos neve!

Os galhos das tamarineiras e das figueiras batiam de encontro à janelas, estávamos no terceiro andar, no sótão, se preferirem!

Pela janela podíamos ver os jacarandás balançando de um lado à outro, quase como se dançassem.

Foi quando a velha porta de carvalho se abriu com um rangido persistente que nos arrepiou o cabelo e a pele inteira, desde o dedão do pé até o cocuruto!

Ah, mas era apenas a Senhora Josefina, a velha cozinheira que nos trazia alguns petiscos noturnos, antes de irmos dormir.

O primo mais novo, que não a conhecia há muito tempo, e que sempre desejara ouvir uma de suas histórias apavorantes, agarrou-a pela mão e a puxou para uma cadeira, pedindo que nos contasse uma de suas maravilhosas histórias da carochinha.

Ela hesitou, a noite ia alta já.

Sorriu, sentou-se e olhou para nossos rostos infantis.

Seus olhos pareceram brilhar apenas por um instante e seus longos cabelos brancos caindo sobre os ombros de azeviche, pareceram ondular como se movidos por um vento fantasmal.

Como se tudo aquilo fosse apenas uma ilusão. E foi esta história que ela nos contou:

Houve naquela cidade, em um engenho perto dos limites das terras onde se iniciava o grande sertão, uma moça muito linda, de cabelos loiros como o ouro velho dos trigais lá das terras dos sul, com olhos cor de safiras recém colhidas da terra preta e pele branca como mármore das pedreiras depois das grandes montanhas e das matarias.

Era chamada Elisalena, filha do Coronel Eleutério, grande senhor de muitos jagunços.

Era filha única, pois a esposa do Coronel, Sinhá Florislina, havia morrido no parto da menina.

Cresceu ali mesmo pelas terras dos canaviais, correndo descalça junto com os filhos dos escravos e aprontando mil e uma travessuras.

Canta-se até que brincava com os Sacis que ainda habitavam aquelas matas naquele tempo antigo!

Seus olhinhos viram muitas coisas estranhas que andavam soltas por aquelas matas onde nem os homens nem os índios pilhavam ir!

Era destemida, como toda criança!

Cresceu cada vez mais linda e suas mechas douradas caíam até depois da cinturinha fina.

O pai a levou cedo para a Igreja e frequentavam as missas dos domingos de manhã, onde o velho Padre Eustáquio ainda rezava.

Seus sermões eram famosos por toda a região até lá pra dentro do grande sertão do Pajeú, pois continham uma sabedoria que poucos ousavam discutir!

A menina confessava-se uma vez por mês, como de praxe.

Mas era sempre um tormento para o pai, porque depois da confissão o velho Padre o chamava para uma conversar ao pé do grande fogão de lenha da sacristia.

O velho Coronel sempre retornava para casa pálido e tremendo de raiva por causa das admoestações circunspectas do velho Padre.

Ficou mocinha e logo o terreiro do Engenho encheu-se de pretendentes, ela sequer deu uma segunda olhada em cada um deles, não havia rapaz que servisse para ser seu amor!

Foi então que no seu aniversário de dezoito anos chegou na paróquia um jovem Padre, recém ordenado, que viera para substituir o velho Padre, que já ia fazer quase noventa anos. Chamava-se Astolfo!

Cumprir dizer que deste dia em diante a bela Elisalena não faltava mais à igreja e ia confessar-se toda semana.

O tempo passou e ela não se casou! O Coronel que sonhava em ter netos frustrou-se.

Zangou-se! Mas não teve jeito, a menina não queria se casar de maneira nenhuma.

O Coronel encafifou com aquilo, queria saber porque a filha não queria casar, não gostava de ninguém, só ia à igreja!

Foi então que percebeu que em certas noites a menina desaparecia de casa, sumia quando a noite caía e só retornava de manhazinha.

Certa noite, uma de quinta pra sexta de lua cheia, daquelas bem gordas e acesas, resolveu ir atrás da filha pra descobrir o que lhe acontecia.

Viu quando ela pulou a janela do quarto e correu atrás, mas a perdeu quando ela chegou no portão do cemitério.

Procurou por toda a redondeza, mas não achou mais sinal da menina.

Voltou para casa e ficou esperando perto da janela do quarto, que ela tinha que entrar de volta isso ela tinha, pensou ele!

Quando já era quase de manhazinha, o céu se avermelhou todo e o Coronel ouviu um pisado diferente pelo terreiro da frente do casarão, um trote de bicho grande como cavalo. Um cheiro forte de enxofre empestou todo o lugar. Um bufar e um relincho alto o assustaram e um arrepio desceu por sua espinha, pregando-o no lugar.

Foi então que lembrou-se bem de que noite era aquela, azarada pelo fadário, e soube de imediato o que era aquilo que lhe vinha a sair pelo caminho.

Não havia, porém, nada que pudesse fazer.

A assombração parou à sua frente, as ventas soprando fogo endemoninhado os olhos grandes e azuis como safiras queimando na maldição em seu corpo abominável!

O Coronel gritou e perdeu os juízo dentro dos olhos da mula sem cabeça encantada que era sua filha!

Um silêncio assustador pairou por um momento dentro do quarto.

Foi então que a Senhora Josefina deu uma risada alta e quebrou o silêncio.

— Mas isso é só história da carochinha pra boi dormir! — amealhou ela e ainda rindo completou — Agora é hora de vosmecês irem pra cama!

Queríamos que ela contasse mais, mas ela balançou a cabeça, estava ficando tarde e tínhamos que dormir. Acomodamos-nos depois que ela saiu.

Mas a história ainda estava bem vívida dentro de nós e não conseguíamos pregar o olho.

As horas se arrastaram, conversávamos em sussurros apenas, pretendendo não fazer nenhum barulho. Não queríamos dormir!

Súbito o primo mais novo nos lembrou que apesar de Natal, também era quinta pra sexta feira e a lua cheia estava bem alta já no céu!

Nos olhamos, cúmplices, e resolvemos descer para o terreiro, como soíam fazer os meninos travessos de antigamente.

Abrimos a porta e pé ante pé conseguimos descer naquela escuridão quase palpável até o andar de baixo e de lá para a cozinha.

Tudo estava um silêncio só, não se ouvia nem um pio, nada mesmo. Tive medo!

Naquela época não gostava do escuro, como ainda não gosto, pois sempre me parece que existe alguma coisa ali que fica me olhando e eu não consigo ver nada.

Abrimos a porta que dava para o quintal dos fundos.

Não estava escuro lá, a luz quase incandescente da velha lua gorda pendendo no céu iluminava tudo por ali, com aquele ar fantasmal e sinistro.

Ficamos ali parados, só olhando, não sabíamos o que fazer.

Não sei o que esperávamos encontrar ali. Foi então que ouvimos, um barulho tão comum que jamais esperamos que aquilo fosse aparecer ali!

Nos assustamos, claro, pois no silêncio sepulcral aquele barulho forte nos fez dar um pulo. Os outros perceberam de imediato o que era e correram para dentro, amedrontados, apenas eu fiquei.

Queria ver o que estava fazendo o barulho e foi isso que aconteceu!

Ouvi com clareza o som do clap clap que dobrava a esquina do casarão, um barulho alto de respiração, um resfolegar roufenho de animal grande e um odor forte e azedo de suor de bicho que impregnou o ar e me embrulhou o estômago de uma tal forma que quase não me contive. Veio por trás de mim, pelo outro lado do casarão!

Minhas pernas endureceram e não consegui me mover, nem sair do lugar.

O pior horror, porém estava por vir! Voltei-me de supetão, a assombrosa aparição fantasmal veio diretamente à minha frente e não pude deixar de olhar para ela, para dentro daqueles olhos incendiados pela maldição e pelo pecado!

Aqueles malditos olhos de fogo me olharam de volta...Eu gritei!

Senti o calor do fogo que vinha daquelas ventas e pior reconheci aquele olhar!

Reconheci os olhos, aqueles olhos que sempre me olhavam, tão amorosos, todos os dias... a perdição veio junto gritando...E perdi o juízo dentro dos olhos de minha mãe!

Quando me encontraram, encolhido de encontro à parede fria do casarão eu repetia apenas uma frase sem cessar:

Essa não é uma história real! Essa não é uma história real! Essa não é uma história real!

Continuei repetindo, podia ser que algum dia eu viesse realmente a acreditar nisso!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. V

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME V

Ademir Pascale
organizador



Conexão Literatura

E-BOOK

saiba mais: clique aqui

POR SELMA LUANNY

A HISTÓRIA DE AMINA

CONTINUAÇÃO
AMINA NA GUERRA



Amina/Zeron, como médico militar, durante campanhas militares, teria como meta e dever fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para sanar ou diminuir os danos sofridos pelos soldados do seu exército, nas batalhas. Ela fora praticamente ordenada a ir ao campo de guerra como membro daquele exército egípcio, com poucos dias de preparação antes da partida. Não houve entrevistas, explicações "desnecessárias" e nem possibilidades de escolha própria - dado ao fato de ter recebido uma ordem incontestável. Era o usual num império com um governo supremo e imposto.

Amina já recebera treinamento médico suficiente e adequado para o trabalho a prestar mesmo nas circunstâncias extremas de uma batalha.

Ferimentos superficiais ou profundos, feridas curáveis ou incuráveis, simples ou complicadas, quantas infeccionadas em questão de horas ou poucos dias, tudo chegava-lhe aos montes.

Amina tratava a parte física com conhecimentos limitados pelo seu tempo histórico, mas avançados em comparação com a maioria dos povos, impérios e reinos daquela época dado à grande concentração de conhecimento e desenvolvimento científico que envolvia a Biblioteca de Alexandria, à qual ela atendera por mais de uma década. E, quando possível, Amina oferecia um mínimo de conforto emocional através de frases curtas clichês também naquela época:

- Seja forte;
- Seja um exemplo para os seus companheiros;
- Sobreviva para rever a sua família;
- Sobreviva para receber honrarias da vitória...

E qualquer afirmação positiva que pudesse ter algum efeito em meio às tragédias de uma batalha.

Ao voltar de algumas frentes de batalha, Amina era consumida por um sentimento de repulsa à determinação dos humanos de dominar os "diferentes" e monopolizar o mundo ao seu redor. Ela servia como médico para tentar amenizar o sofrimento dos soldados e por lhe ter sido imposto aquele trabalho.

Mas, depois de regressar dos cenários de guerra, era tomada por pensamentos sobre o valor de todo aquele pesadíssimo serviço médico militar.

Qual seria a importância disso num contexto mais amplo, onde a maioria da população ao seu redor não tinha o mínimo acesso a qualquer recurso da "sua" medicina?

Aliás, tratamentos na sua época para o cidadão comum, eram resultados de práticas populares herdadas dos ancestrais e passadas de uma geração à outra. O grosso do povo deveria procurar entre os familiares mais velhos e/ou curandeiros populares, os seus recursos ou práticas medicamentosas para se tratar. Além da variação sazonal das ervas e outros componentes necessários para as tisanas conhecidas.

UMA VIRADA DE VIDA

Numa dessas incursões do exército egípcio, com Amina/Zeron como o médico indicado, houve o falecimento em combate do seu superior, numa grave ocorrência de inesperada inferioridade do exército egípcio frente ao inimigo.

Amina então, como "oficial mais graduado", teve que assumir o comando dos seus homens. E apesar de ter acompanhado o treinamento e prática das operações militares há alguns anos, devido ao seu trabalho médico junto aos soldados, além do seu preparo físico, naquela situação de inferioridade perante o inimigo, ela teve que bater em retirada para não perder o restante do corpo militar que dependia das suas decisões de comando.

O retorno ao Egito, após esta derrota, foi um pouco amargo, mas como Amina tivera que assumir um posto superior, após inúmeras e graves baixas, incluindo a do General e chefe em comando daquele destacamento, num clima tenso e devastador, ela e o seu exército foram recebidos com certa complacência, mas sem as honrarias habituais.

Amina por um tempo, sentiu-se doer no imo ao recapitular as experiências de guerra e principalmente quando ficava sozinha à noite, ao colocar o corpo na horizontal em busca de um repouso - compreendido como necessário, mas duvidoso se merecido. O que lhe passava pela mente, muitas vezes, a impedia de repousar, muito menos, dormir.

Ela ainda não admitia que a sua busca pela liberdade, pelo estudo e o próprio conhecimento que adquiriu de diferentes povos, culturas e línguas, começava a mostrar-lhe que deveria haver muito mais no mundo além de qualquer degrau que pudesse atingir. E que por mais que procurasse, sempre haveria um pouco de vazio na sua mente sedenta.

Começava a sentir no próprio corpo, se não na própria "alma", um verdadeiro formigamento, que durante períodos de isolamento e no deixar pensamentos e sentimentos fluírem, os quais também lhe causavam dor, trazia a si enorme descontentamento.

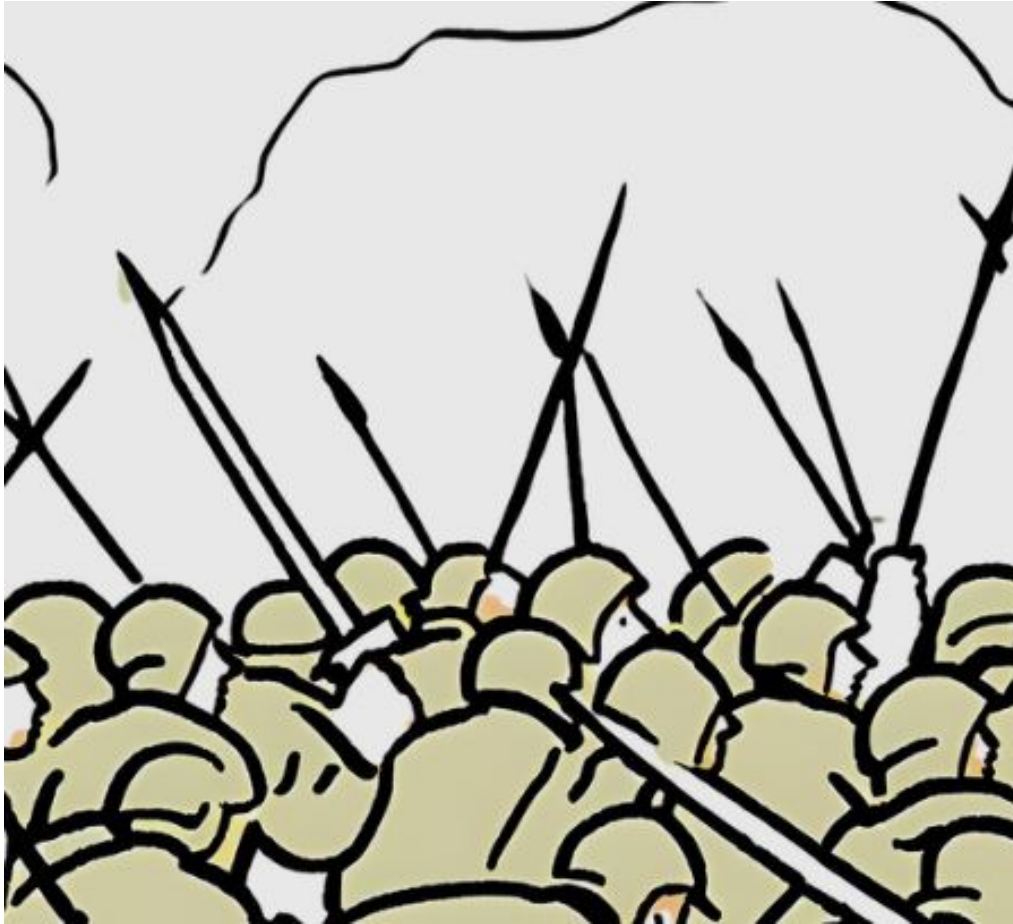
Passou então, a tirar horas dos seus dias, no adentrar das noites, para contemplar o universo: através do céu ao escurecer que se mostrava fascinante e misterioso no cintilar de tantas estrelas, para qualquer pessoa que se pusesse a admirá-lo e questionar os seus enigmas; ao tomar conhecimento dos ruídos ou silêncios ao seu redor e interiorizar o que realmente deveria ser importante para o seu bem-estar.

Ela começava a compreender então, que teria que assumir uma postura mais estoica — ao absorver e demonstrar no seu viver, o que na verdade vinha dos ensinamentos de uma das escolas filosóficas gregas.

Para sobreviver melhor e talvez, ser feliz, num meio longe das suas origens e cultura — apesar de tê-las há muito, renegado - teria que se adaptar da melhor maneira possível, ou estaria fadada ao fracasso.

Mas, uma coisa estava determinada a rejeitar: não iria mais para guerras. Como médico militar ou como qualquer outro militar, isso estava terminantemente fora dos seus objetivos.

Se chegasse a ser pressionada, só teria uma solução à sua frente..



Nota de rodapé: sexta parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA — partes a serem publicadas mensalmente nesta revista.

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

DIVULGUE O SEU
LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

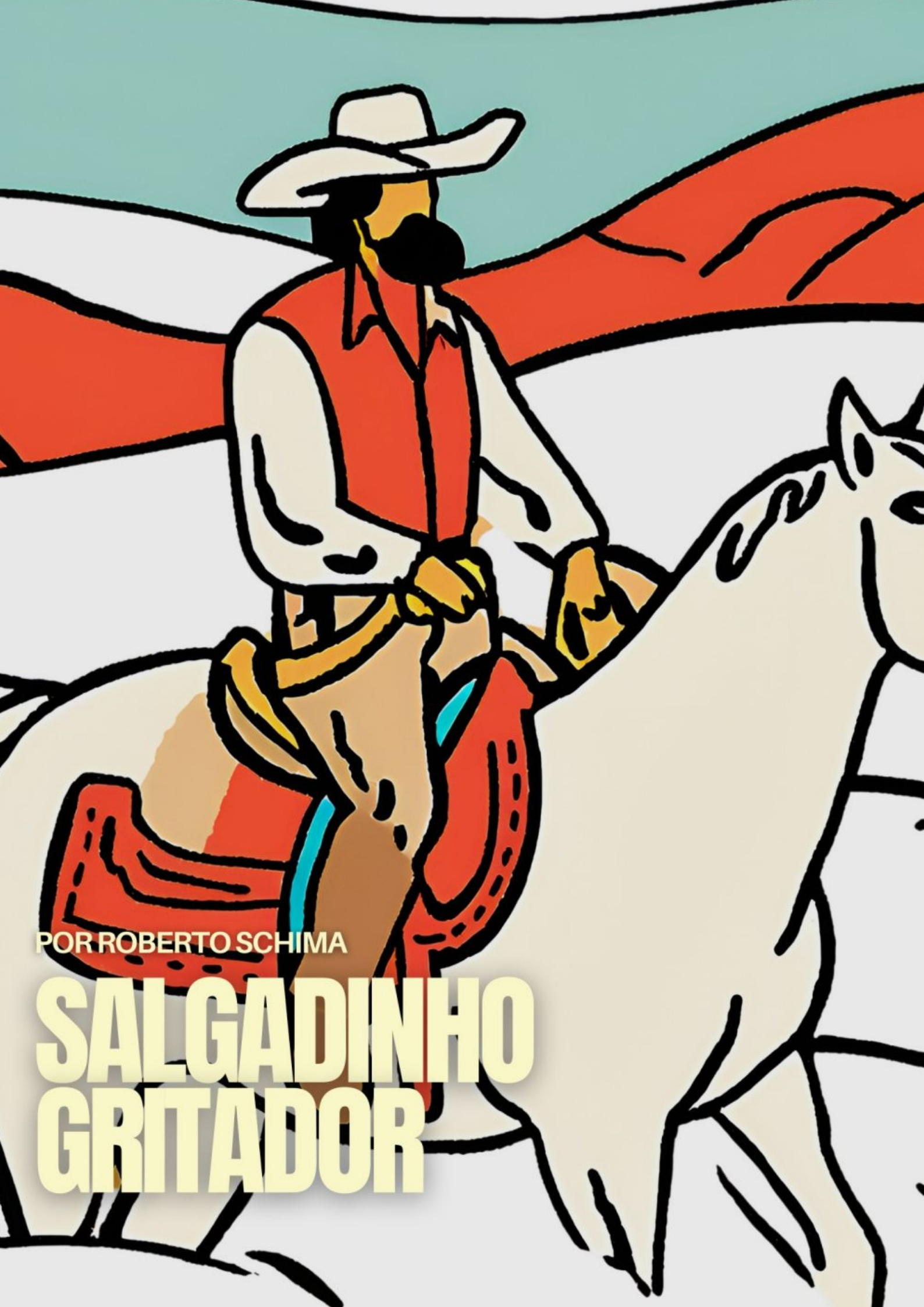
<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES



POR ROBERTO SCHIMA

SALGADINHO GRITADOR

Era agosto de um Inverno excepcionalmente quente e seco. No alto da colina, sobre o lombo de seu cavalo, ele observava o solo vermelho e rígido estender-se por muitos quilômetros em todas as direções.

"Meu... Tudo meu!", regozijou-se.

Alisou devagar seu espesso bigode ainda negro apesar dos cinquenta anos. Sentia-se bem, embora jamais satisfeito.

"Quase tudo meu...", corrigiu-se.

Subitamente, um de seus homens aproximou-se num galope ligeiro e um rastro de poeira vermelha.

— Coronel! Coronel!

Contrafeito por ter sido perturbado, o patrão limitou-se a desviar o olhar do horizonte e fitar feio o outro numa pergunta muda.

— Desculpe-me, senhor. É a Filó.

— Quem é Filó?

— A Filomena, senhor. A que engravidou do Joberlau.

— "Lalau"?... Ah, o fujão! Bicho cabeça dura. Tanta rapariga dando sopa na cidade, foi logo querer mostrar o que tinha atrás do toco pra uma das nossas. Pelo visto, o toco era bão! — E riu sua risada rouca, carregada de escárnio. — E daí?

— A Filó está em trabalho de parto, senhor.

— E eu com isso? Tenho cara de parteira por acaso?

— Não, Coronel. Preciso que o senhor autorize a liberação do caminhão para levá-la até o hospital.

— De modo algum! Ninguém mandou ela largar o serviço pra furunfá no mato.

— Mas, senhor...

— Volte pro serviço, Gaudêncio, se não quiser ficar sem ele.

— Si-sim, senhor, Coronel.

O outro foi embora.

O Coronel Venâncio Salviano Lima aprendera desde muito pequeno através de seu pai — não raro por meio de uma guasca — que as pessoas tinham que ser tratadas com punho de ferro, e nada na vida era mais importante do que a terra. A casa, a lavoura e o gado eram importantes, naturalmente, porém, constituíam-se meras consequências. Quanto a terra, essa sim era o verdadeiro tesouro de um homem, o alicerce de onde tudo o mais seria obtido com sangue, suor e lágrimas... Preferencialmente, dos outros. Depois da morte do velho Lima, o jovem Venâncio tratara de pôr em prática todas as lições e fazer aumentar o patrimônio ao adquirir mais e mais terrenos nas adjacências da fazenda, fosse por bem, fosse por mal, utilizando todos os ardis que pudesse imaginar a fim de apossar-se de mais propriedades a preço de banana e incorporá-las ao seu patrimônio.

"Só o almofadinha do Dr. Teodorico recusou-se a vender para mim. O pulha não perde por esperar. Agora que o seu capataz, Batista, morreu, e após os boatos de assombração em suas terras, quem sabe um incêndio misterioso nas plantações e o gado morrendo de repente não o convença do contrário? Então, aquele lugar levaria o nome de minhas terras, um nome de verdade, de macho, e não aquela coisa afrescalhada que batizaram: 'Terra das Almas Felizes'... Bah! Coisa de frouxo!"

Hoje, o Coronel era o homem mais poderoso na região, fazendeiro, grande latifundiário, mais temido do que respeitado devido ao seu temperamento que, a boca pequena entre os empregados, fora herdado do próprio capeta. Tinha um jeito peculiar de assobiar devido a uma falha entre os dentes incisivos. E, assim que os empregados ouviam esse som ou escutavam os cascos de seu garanhão, seus corações tremiam.

Por algum milagre da vida, conseguira arranjar uma donzela para se casar e dela conseguira arrancar um filho, Zeca, seu orgulho maior e futuro herdeiro das "Terras Salviano Lima". O destino da esposa tornara-se um capítulo obscuro que todos na propriedade eram obrigados a calar sob pena de serem expulsos ou coisa pior. Mas os mais velhos sabiam e, principalmente a mulherada, sob o luz do candeeiro, entre as quatro paredes de barro cru de seus casebres, punham-se a falar.

Dona Santinha — era esse o nome da coitada — não casara por vontade própria, pois tinha somente treze anos na época. Fora, a bem dizer, comprada de seus pais e levada para a nova morada feito uma novilha. Alguns anos depois, desgostosa dos maus tratos, precocemente envelhecida, embora não contasse vinte anos, suicidara-se no fundo do forro do casarão, onde Venâncio escondia o veneno de rato. Tivera uma morte cheia de agonia e, de sua sepultura, ninguém guardara notícia.

— Ele não verteu uma lágrima sequer — contavam as mulheres.

— Ficou contente, isso sim, pois passou a trazer várias moçoilas da cidade para se divertir, sem casar com nenhuma.

O título de Coronel chegara naturalmente entre os empregados, pois ficara claro que "senhor" era por demais insuficiente e "imperador" soaria uma piada.

"Foi uma pena o Batista ter sido morto", pensou o Coronel Venâncio Salviano Lima. "Em vez de capataz do doutorzinho, poderia ter sido meu jagunço se a má fama do desgraçado fosse justificada. Preciso de gente assim... Como eu! E quanto a essa Filó, Joberlau não foi de todo besta. Ah, Filó, se bobear, seu patrão será o próximo!"

Riu a valer perante a vastidão ferruginosa de suas terras.

Centenas de empregados trabalhavam para o Coronel Venâncio Salviano Lima. Todos recebiam salário de fome e só não morriam porque comiam frutas, raízes e tubérculos da fazenda, além de possuírem algumas galinhas adquiridas a preço de ouro do próprio patrão. O Coronel sempre dava um jeito de fazê-los endividarem-se consigo de tal forma que, em face dos juros altos que ele próprio estipulava, os infelizes jamais conseguissem saldar o débito.

Todavia, toda paciência, até entre os mais miseráveis, tinha seu limite.

Mas de raiva o Coronel entendia. Controlava uma rebelião como quem lidava com o estouro do gado.

Por um lado, enxotou de suas terras as famílias menos produtivas, independentemente delas não terem para aonde ir, possuírem várias bocas pequenas para alimentar e sequer terem se mostrado descontentes. Somente para dar o exemplo e levar a culpa aos mais exaltados.

Depois, ordenou que os empregados organizassem entre si na própria fazenda uma imitação da Festa do Peão de Barretos para terminar de afogar os protestos em diversão, canseira e cachaça.

Os olhos dos empregados sempre brilhavam ao falar dos rodeios e cantorias em Barretos. Entretanto, a cidade era longe demais das "Terras de Salviano Lima" e de jeito nenhum o Coronel Venâncio liberaria seu pessoal ou fretaria um ônibus para levá-los até lá. Fazia muito de dar-lhes uns dias de folga — que seria bem retribuído, pois teriam de fazer hora extra mais tarde até compensarem. Que montassem a festa, escolhessem quem montaria seus cavalos chucros, quem cantaria num palco improvisado ou ficaria nas barraquinhas de bebidas e petiscos.

O Coronel ficou imaginando um empregado após o outro na arena, caindo de cara no chão.

— Estou doido para dar umas risadas!

E alisou seu bigode, todo satisfeito, assobiando entre os dentes.

Filomena perdeu a criança.

Desde que se entendia por gente e brincava com suas bonecas feitas de palha de milho, sonhava em ser mãe. Imaginava como seria poder embalar seu bebê, cuidar, vê-lo crescer, sorrir e brincar.

Joberlau era bonito e bom de papo. Flertava com ela na roça sempre que podia. Trazia flores ou frutas maduras, contava piadas, fazia gestos galanteadores.

Então, aconteceu.

Entregara-se a ele de modo desajeitado sem saber ao certo como proceder. Não saberia dizer se foi bom, porém, não fora de todo mau.

Nem lamentara de Joberlau, conforme o linguajar local, "picar a mula", pois nada esperara dele. E dele nunca mais teve notícia.

Só a gravidez posterior importara-lhe. A família, sem boca para nada, aceitara tudo com a naturalidade simples de quem aceitava as coisas na vida como sendo o desígnio da vontade divina.

— Tô prenha! — falara ela às amigas, num misto de brincadeira e alegria.

Se tivesse sobrevivido, teria se chamado Mariana, pois tratava-se de uma menina.

Filomena desejava ir junto com a filha para o que houvesse além da vida. Sua avó e sua mãe contavam histórias sobre isso, entidades invocadas e despachos, mas ela nunca prestara atenção, até agora. Ficou acamada vários dias, todos eles anotados em um caderno como débito a ser futuramente compensado.

Não pensou na dívida, nem em seu estado, nem no fujão.

Concentrou-se no Coronel.

Pensou na filha que ele matara.

Pranteou por Mariana ao sepultá-la.

E, aos poucos, temperou sua vingança.

Os velhos conhecimentos da avó ajudariam.

O arremedo de Festa do Peão de Barretos aconteceu em meados de agosto.

Era uma versão extremamente pobre e rude da grande festa. Contudo, consideradas as muito devidas proporções, o entusiasmo era bastante similar.

Provavelmente, os próprios empregados não se davam conta do quanto necessitavam de uns momentos de lazer, a fim de não pensarem nas agruras de suas vidas. Era uma festa do peão de boiadeiro, mas sem boi. Apesar do Coronel ter centenas de cabeças de gado, por uma questão de segurança, optaram só pelos cavalos e, ainda assim, seria arriscado. Um círculo de chão batido fora cercado a título de arena. Sua terra fora afogada por um trator e muita palha seca espalhada sobre ele para amortecer os inevitáveis tombos. Em vez de arquibancadas, trouxeram caixotes e tábuas para se sentar. Exceto no caso do Coronel, para quem fizeram um assento elevado. Um palco foi improvisado adjacente à arena, onde os melhores cantadores e tocadores de viola entre os empregados foram convocados para entreter o público. Circundando metade da arena, diversas barraquinhas foram erguidas, semelhantes àquelas de festa junina, para aliviar a sede e a fome do pessoal. Os petiscos foram preparados pelos próprios empregados dos ingredientes fornecidos pela fazenda; e a aguardente, de um alambique clandestino que o próprio Coronel mantinha para seu uso pessoal.

Além do pessoal da fazenda, veio gente das propriedades vizinhas e até da cidade.

O Coronel achou isso o máximo. Poderia depois ter uma conversa com alguns deles sobre a compra e venda de terras. Lamentou a ausência do Dr. Teodorico, mas sabia que ele morava na capital. Deu a honra de sua honorável presença, comparecendo à festa usando um chapéu de couro pintado de preto, todo garboso sobre o cavalo. Manteve o filho no casarão. Não desejava vê-lo misturado ao populacho, especialmente as raparigas. Como sempre, o ruído dos cascos atíçou os nervos dos empregados. Ele assobiava uma canção qualquer e, diante da atenção de todos, subiu por uma escada até o seu assento elevado, sentindo-se um César, e, como um imperador diante de seus súditos e dos forasteiros, falou de modo solene:

— Que se inicie a Festa do Peão das Terras de Salviano Lima! Te cuida, Barretos!

E sentou-se regamente em seu trono. Ficou satisfeito, afinal, a maior parte do que fosse arrecadado iria para ele.

Todos aplaudiram.

E a festa correu solta.

A ordem era divertir-se.

Iniciou-se a cantoria, uma sucessão de *playbacks* malfeitos da autêntica música sertaneja, agora chamada "raiz". Uns e outros arriscaram a própria voz, cada qual mais desafinado e destoado que o outro, porém, prontamente compensado pelos risos que provocavam. Melhorou quando iniciaram os improvisos:

*Tamu aqui neste festejoo,
dispois di suá na plantação.
Venha muié mi dá um bejoo
que tô amarrado di paixão!*

*Tu mi provoca desse jeito,oo,
mais eu sô muié dereitaaa.
Meu coração bati no peito,oo,
mais nossus corpu num se estreitaaa...*

*Num mé lo diga, moça donzela,aa,
intão, mi dexa só ti abraçaaa,
ficá juntinho de minha belaaa,
quí quero tantu namoraaa...*

*Procuri otra, homi atrevidooo
quí tantu chama minha atenção.
Mi erra a flecha seu cupidooo...
Ai, Deus do céu qui tentaçãooo!*

Até o rígido Coronel Venâncio Salviano Lima deu-se ao luxo de relaxar e, sob o bigode, rir a solta. Porém, gargalhada de fato, foi durante o rodeio que se conseguiu arrancar do velho sequioso por terras. Sua diversão era observar os empregados atirados ao pó pelos cavalos mais bravios do haras. Quanto mais feios fossem os tombos, maior era a graça. Casualmente, procurou por Filomena, mas não a encontrou e tampouco deu maior importância a isso. Rabo de saia era o que não faltava.

Toda a plateia torcia para que os peões ficassem o maior tempo possível no lombo do animal. Urravam, batiam palmas, torciam. O termo arena fazia-se justificado como um eco longínquo do Coliseu.

Enquanto se divertia a valer, socando os braços de seu assento, alguém apareceu trazendo uma bandeja com uma garrafa gelada de cerveja, copo e salgadinhos para o grande proprietário.

— Veio em boa hora! — falou o Coronel. — Leve o copo. Tô com a garganta tão seca que vou direto no gargalo.

E bebeu um bom trago.

Do lado oposto, em uma das barraquinhas, Filomena aguardou, desatenta ao que se desenrolava na arena, na plateia e no palco. Mantinha a atenção fixada no homem de chapéu de couro e bigode.

— Como é que foi? — indagou à mocinha que retornou de bandeja vazia.

— Xi, Filó, tá morrendo de sede e fome. Você pensou bem.

— Que bom.

— Nada como manter a onça de boca ocupada e barriga cheia.

— Que encha o pandurro — disse ela, sem desgrudar os olhos daquele homem.

Ao dar a primeira mordida em uma empada, o Coronel escutou um grito.

— O que?

Girou a cabeça em todas as direções.

Confuso, tornou a prestar atenção no rodeio e arrancou outro naco do salgado.

O grito atingiu-o mais alto e profundamente, dando-lhe uma sensação de dor. Todavia, não partia do público ao seu redor. Vinha de dentro de sua cabeça!

Um grito juvenil.

Ainda sem entender o que ocorria, tomou um gole prolongado de cerveja, sentindo-se melhor. Continuou a comer. Apanhou uma coxinha. Os gritos prosseguiram, cada vez mais angustiados. O Coronel acrescentou um pouco de molho de um envelope lacrado. Sentiu o gosto de sangue. Chocado, deixou cair o resto do salgado, derrubou a garrafa e sentiu seu estômago embrulhar. Desceu tropeadamente a escada do assento.

Nesse instante, um empregado chegou correndo até ele.

— Coronel! Coronel! O senhor precisa voltar ao casarão.

Ainda cuspiendo os restos de salgado, perguntou:

— O que foi, homem?

O sujeito suava. Estava trêmulo. Olhos espantados.

— É melhor o senhor ver por si próprio, por favor!

Um ou outro percebeu a movimentação, entretanto, logo voltou suas atenções para o que ocorria na arena.

Somente Filó continuou o observar o fazendeiro. Viu-o montar em seu cavalo e disparar na direção do casarão.

"Agora, a festa vi de fato começar..."

Chegando no casarão, o poderoso Coronel Venâncio Salviano Lima deparou-se com uma cena de filme de horror: as criadas, desvairadas, rodeavam o jovem Zeca de dezessete anos, caído no centro da biblioteca, terrivelmente ferido, coberto de sangue...
Morto!

Zeca.

O herdeiro.

Filho admirado.

Seu orgulho maior.

Futuro herdeiro de tudo.

Se existia algo ou alguém no mundo que, sinceramente, fosse alvo de um amor legítimo do Coronel, era o seu filho. E, não, Zeca não mais existia, era somente um monte de carne horrivelmente dilacerado a dentadas. Sim, dentadas. E, nas marcas de dentes, havia uma falha que correspondia exatamente a falha que o Coronel tinha entre os incisivos.

Ao dar-se conta disso, o poderoso e implacável dono de terras deu um bramido animalesco:

— MINHA NOSSA SENHORA!

Em seguida, levou ambas as mãos ao peito e caiu agonizante junto ao cadáver do filho, fulminado por um ataque do coração.

Enquanto isso, lá fora, a dois quilômetros do casarão, a festa prosseguiu animada noite adentro, muita gente comendo, bebendo, rindo, dançando.

Em sua pequena barraca de doces e salgados, Filomena agradeceu em pensamento às lições sobre o oculto da avó e ergueu um brinde para as estrelas com seu copo de

aguardente. Atirou um gole ao chão para a entidade e tomou o resto. Finalmente, sentiu-se vingada.

Assim, de toda a imensidão de terra vermelha que o Coronel acreditava ser seu, somente de uma pequena porção sob sete palmos ele foi fazer parte.

E o agosto de um Inverno muito quente e bastante seco prosseguiu indiferente.

NOTA DO AUTOR:

Publicado originalmente na antologia “Calendário Assombrado – O Lado Sombrio das Festas Brasileiras” (Editora Crypta Books, 2020, organizador: Ed Saraiva Jr.).

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de trezentas e cinquenta antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://robertoschima.wordpress.com/contos-em-videos/>



POR SIMONE BASTOS PAIVA

PREPARE-SE PARA A SOLIDÃO

Era noite, quando Mara sentou-se na cadeira de balanço, em vime, no terraço da casa. Estava sozinha. Olhou para o céu escuro e começou a observar as estrelas. No silêncio noturno, assustou-se com o toque alto do celular. Era uma amiga com quem há tempo não conversava. Ela perguntou onde Mara estava. Passou alguns instantes para lhe responder e, com a voz trêmula, disse: — Estou na casa de mamãe. Era lá que ela estava, mas agora soava estranha essa frase. A mãe foi para a eternidade há alguns meses.

Após as breves palavras motivacionais e sobre amenidades do cotidiano da interlocutora, despediram-se e Mara desligou o aparelho. Logo, deu-se conta de como algumas pessoas têm dificuldades de acolher a dor do luto alheio. As falas tentam desviar-se ou desconstruir o contexto da tristeza, quando o que se precisa é de empatia, muito mais do que palavras, discursos, justificativas... — *Lembre-se, estou aqui* — era o suficiente, pensou Mara.

Na sua caminhada, ela já enfrentou várias perdas, a distância de amigos, os rompimentos amorosos, o desligamento de trabalhos, os afastamentos de familiares... mas nada se aproximava do sentimento de abandono quando o luto familiar se instalou na sua vida.

Quando uma casa se esvazia pela partida de um dos seus entes, cria-se um estigma. Provavelmente, parentes, amigos, vizinhos... deixarão de visitar aquele espaço com a frequência de antes. Pessoas que, em um primeiro momento, se farão presentes, com o tempo, discretamente, também tendem a se distanciar. Em um momento em que as pessoas precisam de acolhimento para suas tristezas, veem rarear as presenças e o esvaziamento da vida social. O lamento e a consternação desestabilizam algumas pessoas e apenas os mais próximos (e mais fortes) ficarão por perto.

As pessoas não estão acostumadas com a dor, talvez não saibam muito o que dizer para confortar os que ficaram. Faltam palavras e coragem. Pensou contidamente, Mara: *O que se deve dizer a um enlutado?* A perda de um ente querido não é um processo aceito pacificamente. Há cicatrizes, arrependimentos, incompreensão... E o sentimento de orfandade, potencializado pela indiferença social, pode provocar uma dor maior e afetar o estado emocional e espiritual.

Vivenciar um processo de separação, como o luto, é um momento complexo pela sua natureza. Diz respeito à finitude da vida, à ausência infinita de alguém com quem se compartilhou memórias e sentimentos. No caso de Mara e sua genitora, durante muito tempo, por cinco décadas de vida.

Nesse momento delicado, as redes sociais contribuem para aumentar a angústia, enviando, de modo impositivo, montagens de fotos e vídeos de momentos inesquecíveis que reavivam o sofrimento. Vive-se em um mundo de vaidades demasiadas, onde prevalece a estética da beleza esculpida, das riquezas exteriores, dos passeios paradisíacos e da felicidade eterna... No luto, não há filtros ou efeitos especiais; as lágrimas são reais, as rugas são profundas, as dores vêm da alma.

Entretanto, o ritmo de vida acelerado, as preocupações infundáveis, as contas abundantes, os estímulos tecnológicos constantes, as cobranças externas excessivas... adiam algumas reflexões. Na agenda, não há espaço para a tristeza e a melancolia. Preferimos a utopia da vida terrena eterna; é compreensível que assim seja. O tema morte

deixa marcas ou reabre cicatrizes que se pensava saradas. Não é que as pessoas sejam frias ou indiferentes, mas é a angústia que o medo e a incerteza do amanhã provocam.

E, assim, posterga-se o enfrentamento com o lado sombrio da vida, até que uma nova realidade se impõe e ocorre um ponto de inflexão na existência. O mundo idealizado, onde se crer ser imortal e controlador do destino, desmorona-se. Intui-se que a maioria das pessoas não esteja preparada para o momento da ruptura de vínculos (previsível ou não) com parentes ou amigos.

Ninguém está blindado ao luto; pode-se até se iludir por algum tempo, mas é o ciclo da vida determinístico. Assim sendo, deve-se edificar forças interiores durante a caminhada, para conseguir reagir quando a vida só disser não, e lidar com as emoções que não são delegáveis a ninguém. Viver o luto é um processo solitário, na maioria das vezes.

De algum modo, é preciso sobreviver e aprender a lidar com o lugar vazio na mesa, na cama, na cadeira de balanço... A convivência com a ausência é para sempre. Mas a tristeza não precisa ser eterna, pois a vida prosseguirá, mesmo que se resista a avançar no calendário. A dor tende a se acomodar no cantinho sagrado do coração. *Me falam em aceitação da morte. Será?* — questionou-se Mara. *Aceita-se, sim, por falta de opção, mas não de forma serena* — concluiu.

Quando se deu conta, Mara percebeu que as horas passaram. O friozinho da madrugada a fez encolher-se na cadeira de balanço. Agasalhou-se com o moletom cinza surrado e colocou-se em posição fetal, talvez em busca do colo onde um dia foi acolhida e amada como nunca mais seria.

A ideia da efemeridade da vida despertava-lhe algumas preocupações práticas e espirituais. Quem cuidará das coisas pessoais? As fotos e os documentos ficarão seguros? Conseguirão ter acesso às incontáveis senhas? Quem pagará as últimas contas? Como ficarão os amores? E os segredos? Quem visitará a morada eterna? Até quando lembrarão que um dia existi?

A morte é um fenômeno natural e inevitável. Contudo, para quem vive o luto, é um processo contraditório com a essência da vida. Sim, deve-se apegar à fé e à crença em algo supremo... *mesmo assim, continua sendo quase insuportável conviver com o desaparecimento de pessoas queridas, com as quais sua história está entrelaçada para sempre...*, desabafa Mara, para si.

Viver o luto é preciso. Todavia, cada pessoa tem o seu tempo, não devendo ser pressionadas a abreviar um processo carregado de lembranças, emoções, tristezas. Ao ceder a pedidos alheios, as pessoas podem encobrir prematuramente seu pesar e viver uma realidade ilusória. Outras podem afundar-se na sua perda e precisar de auxílio para a superação. O importante é que cada um permita-se o tempo que precisa para elaborar a partida de alguém querido.

A recomposição pessoal é penosa diante da falta de sentido que a vida assume para um recém-enlutado. É verdade que quase nada do que for dito diminuirá a dor, mas o olhar sensível para a sua condição é uma questão de respeito à dignidade. Raras são as situações da vida em que se pode ser mais humano e necessário do que no processo de um luto.

A aflição até poderá ser atenuada, momentaneamente, nas ocasiões em que se distrair com outras situações da vida, até que a realidade traga de volta de modo

inexorável o vazio. Mara, admite — *A solidão será eterna, pois está nas entranhas do meu ser. Talvez nem sempre doída, mas sempre difícil, mesmo estando cercada por outras pessoas amadas.*

Infelizmente, todos vivenciarão essas aflições da existência, carecendo de pessoas que segurem firme as mãos, em uma acolhida sincera e empática. Solidarizar-se nesses momentos também é um aprendizado para, quando necessário, conseguir suportar as próprias perdas. Cada pessoa é única na sua existência, apesar dos laços herdados e construídos, e, assim, deve estar preparada também para os momentos de solidão.

O novo caminho... cada um construirá o seu. *Talvez seja sobre a transformação da dor da solidão em um momento de solitude, um mergulho profundo no silêncio interior e na busca de conhecer a si* — concluiu, resignada, Mara. Ao suspirar profundamente, olhou para o céu quando notou os primeiros raios de sol... bocejou... era hora de dormir e esquecer a dor maior, pelo menos por algum tempo.



Simone Bastos Paiva - natural da cidade de João Pessoa, Paraíba. Bacharelado em Ciências Contábeis (UFPB) e Pós-Graduação em Administração (UFPB). Ex-Professora da área de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Publicou alguns contos e crônicas em Coletâneas e Revistas Nacionais.

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br


Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

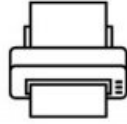
Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



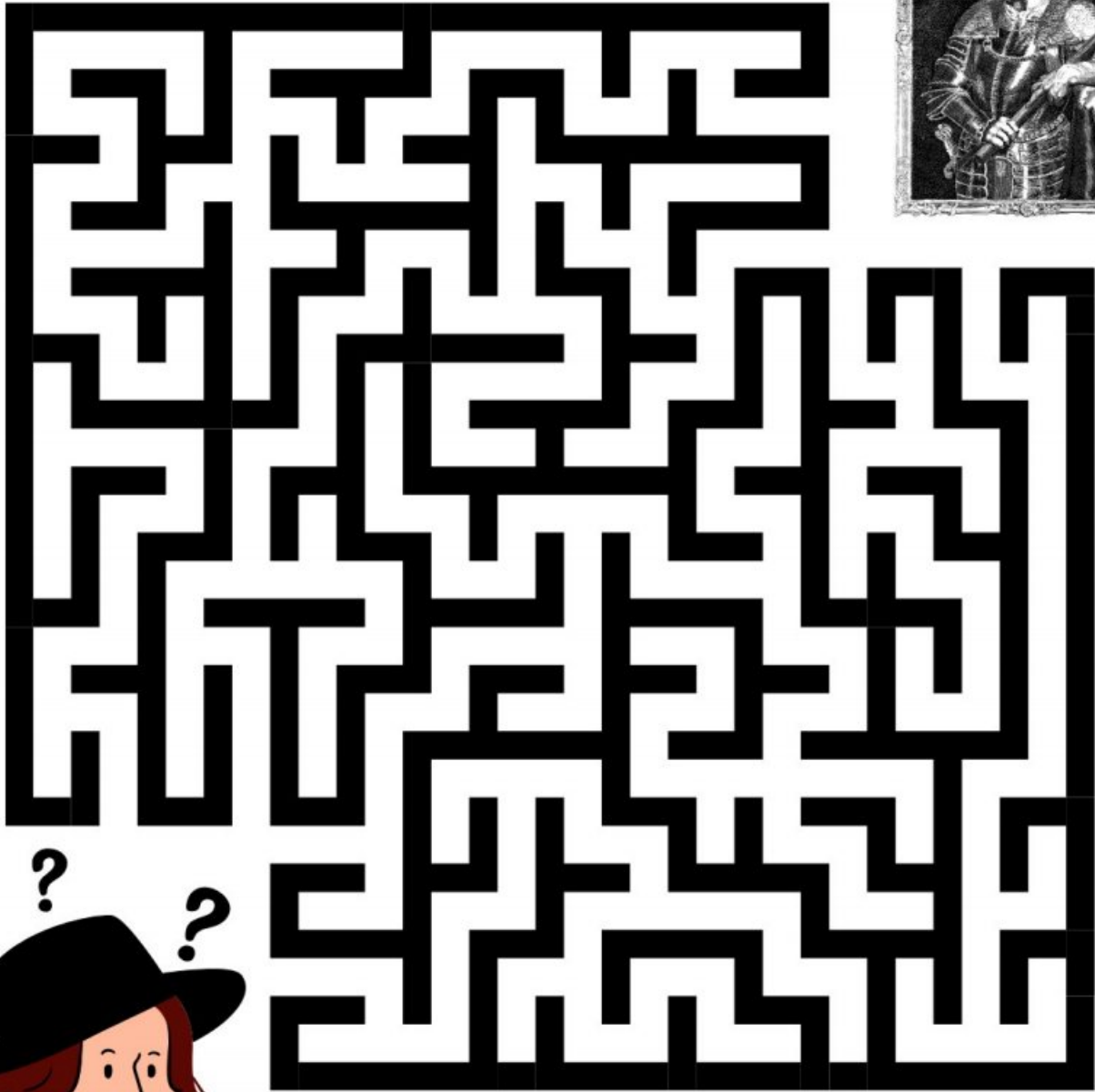
AJUDE O ESCRITOR OSCAR WILDE A ENCONTRAR O RETRATO DE DORIAN GRAY



Para imprimir



By Ademir Pascale





**AMOR
PELLOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+790 MIL +212 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.03.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 110 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd